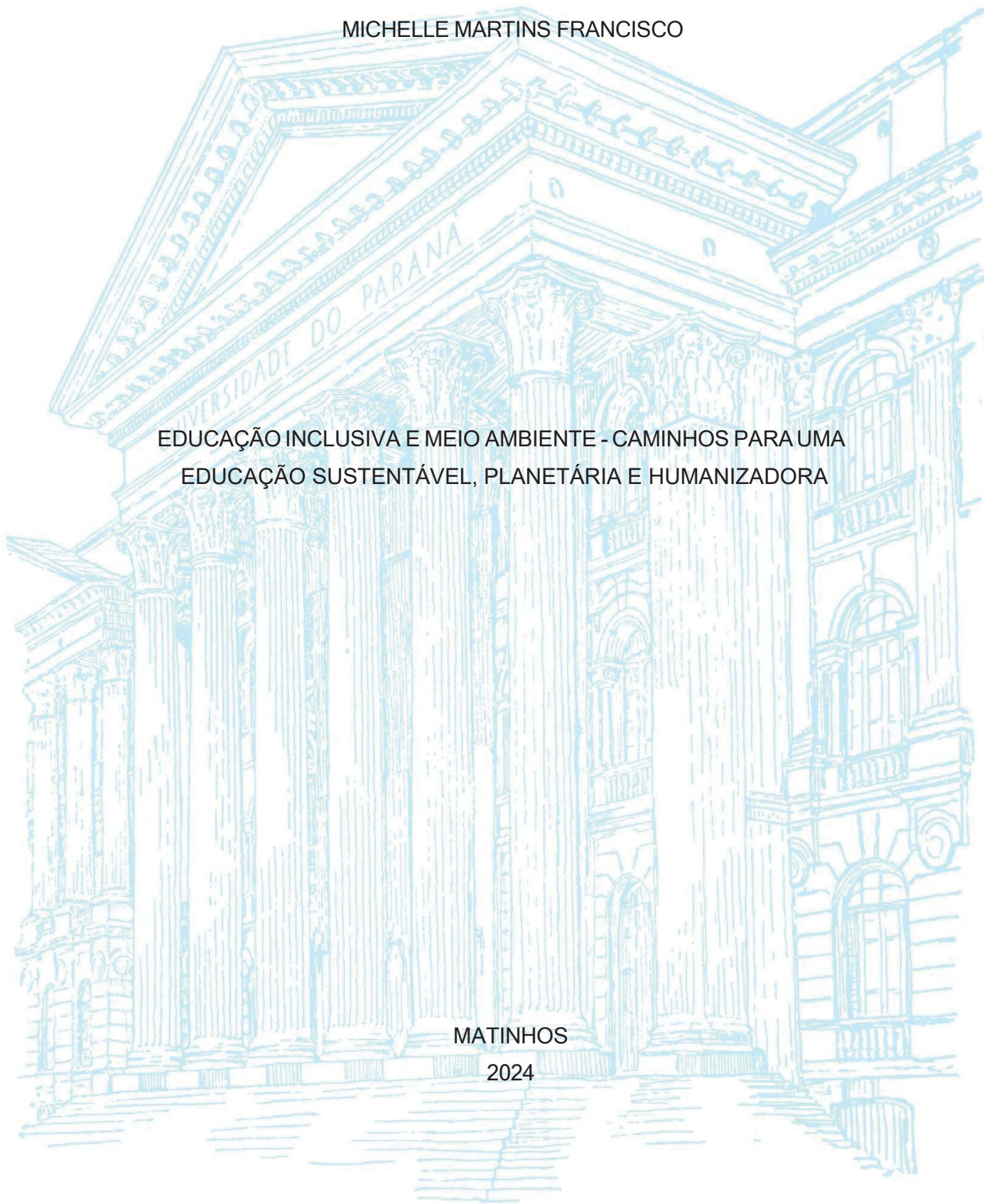


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MICHELLE MARTINS FRANCISCO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E MEIO AMBIENTE - CAMINHOS PARA UMA
EDUCAÇÃO SUSTENTÁVEL, PLANETÁRIA E HUMANIZADORA

MATINHOS
2024



MICHELLE MARTINS FRANCISCO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E MEIO AMBIENTE - CAMINHOS PARA UMA
EDUCAÇÃO SUSTENTÁVEL, PLANETÁRIA E HUMANIZADORA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação
Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das
Ciências Ambientais, Setor Litoral, Universidade Federal
do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Ensino das Ciências Ambientais.
Orientadora: Profa. Dra. Silvana Cássia Hoeller

MATINHOS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

F819e Francisco, Michelle Martins
Educação inclusiva e meio ambiente - caminhos para uma educação sustentável, planetária e humanizadora / Michelle Martins Francisco; orientadora Silvana Cássia Hoeller. – 2024.
145 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2024.

1. Educação especial. 2. Educação inclusiva. 3. Meio ambiente. I. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II. Título.



MINISTERIO DE EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MICHELLE MARTINS FRANCISCO** intitulada **EDUCACAO INCLUSIVA E MEIO AMBIENTE - CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO SUSTENTÁVEL, PLANETÁRIA E HUMANIZADORA**, sob orientação da Profa. Dra. SILVANA CASSIA HOELLER, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra esta sujeita a homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 28 de Junho de 2024.

Assinatura Eletronica

05/07/2024 16:43:08.0

SILVANA CASSIA HOELLER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletronica

01/07/2024 11:38:07.0

PAULO GASPAR GRAZIOLA JUNIOR

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA)

Assinatura Eletrônica

08/07/2024 12:09:53.0

EDINA MAYER VERGARA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua Jaguanaiva, 512 - MATINHOS - Paraná - Brasil
CEP 83260-000 - Tel: (41) 3511-8300 - E-mail: PROFCIAMB@UFPR.BR

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal [Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015](#).
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 376989

Para autenticar esta documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitanla/autenticacaoassinaluras.jsp>
e insira o código 376989

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, fonte de toda sabedoria e inspiração, que me guiou até este ponto. Ao meu esposo Ortiz e meu filho Lucas, que sempre estiveram presentes em minha caminhada, sempre me incentivando; à minha mãe Maria; e, sobretudo, ao meu pai Romildo Ricardo Martins *“em memória”*, que, desde a infância, incentivou e minha trajetória escolar. Apesar de não ter estudado, ele se tornou autodidata em Contabilidade, exercendo a profissão até a aposentadoria, demonstrando que não há limites para o conhecimento.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha gratidão a Deus e ao Senhor Jesus Cristo, fonte de toda a inspiração, que sempre cultivou em mim o amor pela profissão de educadora e a inquietação em buscar mudanças em prol de uma escola mais humana e solidária, um local onde todos se sintam acolhidos.

Agradeço aos meus pais, Maria Salles Martins e Romildo Ricardo Martins, que sempre se dedicaram para que eu tivesse um bom futuro, especialmente ao meu pai, que, desde a infância, sempre me incentivou e investiu nos meus estudos, comprando livros e sempre mostrando a relevância da Educação. Ele não teve a oportunidade de estudar, tornando-se autodidata como Guarda-livros (Contador) da Empresa Mogiana Armazéns Gerais, sendo um grande exemplo de resiliência, inteligência e superação.

Agradeço ao meu esposo Ortiz Alves Francisco pelo apoio e compreensão, por sempre estar imersa nos estudos. Ao meu querido filho Lucas Martins Francisco, meu companheiro na minha jornada como educadora, pois desde pequeno estávamos juntos indo para a escolar, me acompanhando durante dois anos no Curso de Pedagogia, sempre tendo tempo e atenção para ouvir minhas descobertas como mestrandas, me incentivando a seguir em frente, um dos grandes motivos para me esforçar e transmitir aquilo que meu pai sempre me ensinou.

As minhas companheiras de mestrado pelos momentos maravilhosos que vivemos juntas. Selma, que nos intervalos trocávamos figurinhas como verdadeiras do-rameiras; a Josilene, pela sua força e incentivo; à minha amiga e colega de Sala de Recursos, Vânia, pela troca de figurinhas, sempre apoiando e ajudando com os materiais; e à minha querida amiga e companheira de trabalho, Márcia, por sua incrível torta de legumes, que com certeza deixou todos com saudades, além de sua sinceridade e apoio. Esse grupo ficará marcado em meu coração.

Sou grata a todos os professores pelos excelentes ensinamentos e à nossa querida turma, que tornou as aulas mais leves e produtivas, sempre unidos em um ambiente de amizade e companheirismo.

A Professora Dr^a. Silvana Cássia Hoeller, minha orientadora, pela sua contribuição e ensinamentos, sempre me apoiando e guiando em minha pesquisa.

Quero agradecer ao PROFCIAMB, a Agência Nacional de Águas (ANA) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter me proporcionado a incrível viagem para Recife e a oportunidade de apresentar meu trabalho como mestrando no VI Seminário Nacional de Integração da Rede PROFCIAMB na Universidade de Pernambuco, uma viagem que ficou marcada em minha vida. Meu muito obrigado aos professores (as) Luiz Fernando de Carli Lautert, Ana Josefina, Helena Midori Ferrari, Vanessa Marion Andreolli e Christiano Nogueira, que nos acompanharam, e às minhas companheiras de viagem e colegas mestrandas Adriana e Ana Cláudia. Realmente foram momentos de aprendizagem e novas experiências.

Agradeço à Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, pela valiosa oportunidade de fazer parte de sua história como mestranda. Agradeço também aos Ilustrísimos professores Dr. Paulo Gaspar Graziola Júnior e Dr^a. Édina Vergara, pelas contribuições significativas, que me guiaram no caminho da pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

Gostaria de expressar a minha gratidão a todos os estudantes da Sala de Recursos Multifuncionais, aos quais, como educadora, sempre dei o meu melhor. Acredito que a educação é o caminho para um mundo melhor. Novamente, agradeço a Deus, fonte da criação, que sempre me inspirou e impulsionou. Sempre me apoiou com seu braço forte em momentos difíceis desta caminhada. A Ele toda honra e toda Glória pelos séculos dos séculos, Amém.

Nossa principal característica em comum é a diversidade, nossa principal semelhança é a diferença.

Maria de Fátima Minetto

RESUMO

A presente pesquisa surgiu da necessidade de buscar uma escola realmente inclusiva, tendo em vista que esse processo está em construção, sendo necessário o envolvimento de todos os membros da comunidade escolar. E, sobretudo, a compreensão de que todos somos cidadãos do mesmo planeta, como uma grande diversidade e riqueza natural, o nosso lar. A escola é sem dúvida o lugar ideal para iniciar essa jornada, por oferecer um ambiente de aprendizado e novas descobertas, rico em diversidade. É fundamental compreender o contexto histórico da pessoa com deficiência e a busca constante por seus direitos e respeito na sociedade, bem como sua trajetória que nos conduziu até os dias atuais da Educação Especial à Educação Inclusiva. É importante destacar que em um mundo repleto de preconceitos e distinções, a educação para todos, de acordo com Glat (2007) garante o direito a um espaço no qual as diferenças sejam valorizadas e cada um seja peça importante, independente de suas dificuldades, buscando uma escola em que todos caibam e ninguém fique de fora, conforme apontado por Freire (2005), uma educação humanizadora. Ao construirmos a Educação Inclusiva, que está alinhada a Educação Ambiental de acordo com Gadotti (2011) e Freire (2015), compreender que fazemos parte de um único planeta, que somos cidadãos planetários e que além da diversidade humana, devemos cuidar de nossa residência, o Planeta Terra, e estar atentos a Natureza ao nosso redor, que começa no quintal da nossa casa, em nossa rua e bairro. Os estudantes devem ter consciência da natureza que os cerca e da relevância de proteger, pois, como proteger o que não tem conhecimento? Dessa forma surgiu a ideia de criar bonecos, para introduzir os estudantes no mundo da imaginação, de acordo com Vygotski (2007), criando bonecos que representassem a diversidade no ambiente escolar, e que todos eles fossem apaixonados pela Natureza-Mata Atlântica, e pela Biodiversidade que envolve a cidade de Paranaguá/PR. Além disso, esses bonecos pertencerem à educação inclusiva, cada qual com suas dificuldades, sobretudo ressaltando suas potencialidades e habilidades. Nesse processo de construção, o caminho da pesquisa se deu através da pesquisa-ação, a que contribuiu para uma prática pedagógica transformadora e participativa, com grande envolvimento dos estudantes do Ensino Fundamental I de uma escola do Município de Paranaguá- PR, através de oficinas lúdicas, aula de campo e teatro de bonecos. Os dados da pesquisa foram analisados através das categorias freirianas: Natureza e a Educação Humanizadora, as quais surgiram como palavras geradoras na tentativa de demarcar princípios que fundamentam a prática educativa abordada nesta pesquisa. De modo a conduzir os estudantes a uma aprendizagem lúdica, humanizada e transformadora, segundo Freire (2005), o inédito viável, aquilo que pode se tornar possível.

Palavras-chave: educação inclusiva; percepção ambiental; educação humanizada.

ABSTRACT

This research emerged from the need to pursue a truly inclusive school, considering that this process is still under development and requires the involvement of all members of the school community. Above all, it is essential to understand that we are all citizens of the same planet, rich in diversity and natural wealth, which we call home. The school is undoubtedly the ideal place to begin this journey, as it offers a learning environment full of new discoveries and diversity. It is crucial to understand the historical context of people with disabilities and their ongoing fight for rights and respect in society, as well as the journey that has led us to the present, from Special Education to Inclusive Education. In a world filled with prejudice and distinctions, education for all, according to Glat (2007), guarantees the right to a space where differences are valued, and each person is considered important, regardless of their difficulties. This aims for a school that includes everyone, where no one is left behind, as pointed out by Freire (2005), a humanizing education. In constructing Inclusive Education, which aligns with Environmental Education according to Gadotti (2011) and Freire (2015), it is important to understand that we are part of one planet, that we are global citizens, and in addition to embracing human diversity, we must also care for our home, Planet Earth. We must pay attention to nature around us, starting in our backyards, streets, and neighborhoods. Students should be aware of the nature that surrounds them and the importance of protecting it because how can they protect what they do not know? This led to the idea of creating dolls to introduce students to the world of imagination, in line with Vygotsky (2007). These dolls would represent the diversity found in the school environment, all of whom would be passionate about the Atlantic Forest and the biodiversity surrounding the city of Paranaguá, Paraná. Furthermore, these dolls would belong to inclusive education, each with their own difficulties, but especially highlighting their potential and skills. In this process, the research followed an action-research approach, contributing to a transformative and participatory pedagogical practice, involving elementary students from a school in Paranaguá, Paraná, through playful workshops, field classes, and puppet theater. The research data was analyzed using Freirean categories: Nature and Humanizing Education, which emerged as generative words in an attempt to mark the principles that support the educational practice addressed in this study. According to Freire (2005), this approach aims to guide students toward playful, humanized, and transformative learning—what he calls the "viable unheard-of," that which can become possible.

Keywords: inclusive education; environmental awareness; humanized education.

LISTADE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Fantoche Pedrinho.....	90
FIGURA 2 - Fantoche Juju.....	91
FIGURA 3 - Fantoche Yuri	91
FIGURA 4 - Fantoche Bruno	91
FIGURA 5 - Fantoche Malu.....	91
FIGURA 6 - Caranguejo Dboa	92
FIGURA 7 - Onça Pintada.....	92
FIGURA 8 - Tartaruga Clodoaldo.....	92
FIGURA 9 - Rodrigoão.....	92
FIGURA 10 - Atividade Meio Ambiente / Inclusão	95
FIGURA 11 - Atividade Meio Ambiente / Inclusão.....	95
FIGURA 12 - Atividade Meio Ambiente / Inclusão	95
FIGURA 13 - Fantoche Pedrinho	96
FIGURA 14 - Flip Chart Diversidade.....	96
FIGURA 15 - Tampinhas exclusão.....	97
FIGURA 16 - Tampinhas Educação Inclusiva.....	97
FIGURA 17 - Professora explicando Educação Inclusiva.....	97
FIGURA 18 - Estudante Ajudando a professora a realizar a atividade	98
FIGURA 19 - Fantoche Pedrinho dialogando com os estudantes	99
FIGURA 20 - Apresentando Planetário aos estudantes	100
FIGURA 21 - Planeta Terra e sua diversidade.....	100
FIGURA 22 - Planeta Terra e sua diversidade.....	101
FIGURA 23 - Estudante com o chaveiro Eu no Mundo.....	102
FIGURA 24 - Google Earth.....	102

FIGURA 25 - Tour Virtual com os estudantes.....	102
FIGURA 26 - Apresentação fantoche Malu.....	104
FIGURA 27 - Estudantes procurando as pistas	105
FIGURA 28 - Estudante lendo a carta do tesouro.....	105
FIGURA 29 - Final da caça ao tesouro.....	106
FIGURA 30 - Vídeo REBIMAR.....	107
FIGURA 31 - Estudantes assistindo os Vídeos do Projeto REBIMAR UFPR Litoral	107
FIGURA 32 - Estudante com o Livro Educativo Projeto REBIMAR	107
FIGURA 33 - Estudantes analisando fotos e imagens do mangue	107
FIGURA 34 - Estudante lendo Livro Mata Atlântica	108
FIGURA 35 - Estudante com o material REBIMAR e Mata Atlântica.....	108
FIGURA 36 - Pedrinho interagindo na atividade	108
FIGURA 37 - Estudantes trabalhando em equipe.....	109
FIGURA 38 - Pedrinho ajudando com as ideias	109
FIGURA 39 - Estudantes passeando no entorno do Aquário Municipal.....	110
FIGURA 40 - Estudantes passeando no entorno do Aquário Municipal.....	110
FIGURA 41 - Estudantes no Aquário Municipal.....	111
FIGURA 42 - Estudantes observando a maquete do manguezal	111
FIGURA 43 - Estudante mostrando os peixes	112
FIGURA 44 - Estudantes e Pedrinho mostrando os peixes.....	112
FIGURA 45 - Estudante e Pedrinho no tanque dos pinguins	112
FIGURA 46 - Atividade Final Meio ambiente /Inclusão	113
FIGURA 47 - Atividade Final Meio ambiente /Inclusão	113
FIGURA 48 - Atividade Final Meio ambiente /Inclusão	114
FIGURA 49 - Atividade Final Meio ambiente /Inclusão	114

FIGURA 50 - Atividade Final Meio ambiente /Inclusão	114
FIGURA 51 - Atividade Final Meio ambiente /Inclusão	114
FIGURA 52 - Atividade Final Meio ambiente /Inclusão	115
FIGURA 53 - Atividade Final Meio ambiente /Inclusão	115
FIGURA 54 - Estudantes SRM em roda de conversa	117
FIGURA 55 - Estudantes durante o teatro.....	118
FIGURA 56 - Apresentação dos estudantes do 3°C	119
FIGURA 57 - Estudantes 3°C com Pedrinho e sua turma	119
FIGURA 58 - Imagem vista de cima da Escola Nascimento Júnior.....	120
FIGURA 59 - Foto Sala de Recursos Multifuncionais	120
FIGURA 60 - Atividade desenvolvida no início da pesquisa.....	131
FIGURA 61 - Atividade desenvolvida no final da pesquisa	131

LISTADE QUADROS

QUADRO 01 - Descrição dos estudantes que participaram da pesquisa.....	85
QUADRO 02 Informação acadêmica e profissional das professoras que acompanharam a pesquisa.....	86
QUADRO 03 - Sequência didática.....	87

LISTADE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAEs	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CDB	Convenção Sobre a Diversidade Biológica
CEMR-TEA	Centro Educacional Municipal de Referência ao Transtorno do Espectro Autista
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CMAE	Centro Municipal de Avaliação Especializada
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento
COMED	Conselho Municipal de Educação de Paranaguá
FAFIPAR	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
NARC	National Education For Retard Children
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
PCD	Pessoa com Deficiência
PPP	Projeto Político e Pedagógico
REBIMAR	Programa de Recuperação da Biodiversidade Marinha
SEED	Secretaria Estadual de Educação
SEFE	Sistema de Ensino Família Escola
SEMEDI	Secretaria Municipal de Educação e Ensino Integral
SESP	Secretaria de Educação Especial
SRM	Sala de Recursos Multifuncionais
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TGB	Transtorno Global do Desenvolvimento
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNESPAR	Universidade Estadual do Estado do Paraná

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA.....	17
1. INTRODUÇÃO	23
2. PROCESSO HISTÓRICO NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	27
2.1 POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL	32
2.2 EDUCAÇÃO ESPECIAL DO PARANÁ E NO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ.....	40
2.3 EDUCAÇÃO ESPECIAL À EDUCAÇÃO INCLUSIVA	49
2.4 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	58
3. A BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	62
3.1 REGULAMENTAÇÃO AMBIENTAL NA RELAÇÃO À EDUCAÇÃO INCLUSIVA	65
3.2 OS DESAFIOS DA ESCOLA INCLUSIVA, EDUCANDO PARA UM MUNDO POSSÍVEL.....	76
4. METODOLOGIA.....	83
4.1 TIPO DE ESTUDO.....	83
4.2 O CAMPO DA PESQUISA	84
4.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA	85
4.4 COLETA DE DADOS	86
4.5 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	89
4.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	93
4.7 CONVERSA SOBRE A TEMÁTICA INCLUSÃO E MEIO AMBIENTE	95
4.7.1 Oficina 1 - Somos todos diferentes.....	96
4.7.2 Oficina 2 - Planeta Terra a nossa casa	99

4.7.3	Oficina 3 - Diversidade humana e biodiversidade	101
4.7.4	Oficina 4 - Caça ao tesouro / A verdadeira riqueza	103
4.7.5	Oficina 5 - O tesouro	106
4.7.6	Aula de Campo Aquário Municipal de Paranaguá	110
4.7.7	Construção do texto coletivo, roteiro para teatro de bonecos	115
4.7.8	Apresentação do teatro de bonecos no auditório da escola: Pedrinho e sua Turma Viva a Diversidade Uma Aventura na Mata Atlântica - Os Protetores	117
5.	DISCUSSÕES	121
6.	PRODUTO EDUCACIONAL	132
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
	REFERÊNCIAS	135
	APÊNDICE I – TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	142
	APÊNDICE II - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	144

APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA

No ano de 1996, finalizei o segundo grau, mas, após dois anos, almejei cursar o magistério. Então, me matriculei no curso da Faculdade Baggozi, que oferecia magistério no período noturno.

Logo que iniciei o curso, fui contratada para trabalhar como professora de Ensino Fundamental I em uma escola particular. No primeiro momento, comecei como professora de Ensino Religioso, cargo que ocupei por três anos. Após esse período, a escola me contratou definitivamente como professora na Educação Infantil. Lecionei por seis anos com carteira assinada, pois antes era somente por contrato.

Esse período foi bastante significativo para minha formação como professora, pois lecionei em todas as faixas etárias, desde Maternal até o Pré II, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. Pude, tanto em minha história de vida quanto no início de minha carreira profissional como educadora, estar sempre envolvida com questões ambientais, tendo consciência da importância do cuidado com o meio ambiente e sua preservação. Procurei me atualizar por meio de documentários, revistas e material próprio sobre o tema, pois tenho grande interesse nas questões ambientais.

O material didático adotado pela escola era bastante diversificado e interdisciplinar. Além dos projetos relacionados aos conteúdos trabalhados diariamente, realizava-se anualmente uma feira de Ciências com temas transversais e variados. Sempre procurei adaptar os conteúdos abordados a temas que valorizassem as questões ambientais, criando em meus alunos uma consciência ecológica. Mesmo sendo pequenos, consegui desenvolver diversos trabalhos, sempre buscando trabalhar em grupos de forma que os estudantes pudessem interagir entre si, promovendo o respeito à diversidade e valorizando as diferentes habilidades.

Uma experiência muito marcante na escola em que atuava como professora foi em uma turma de Pré II, com alunos entre 4 e 5 anos, onde o tema escolhido foi Animais Marinhos. A participação e motivação dos alunos foi surpreendente. Trabalhamos com material reciclado, recriando cenas da natureza, como a importância de jogar o lixo no local correto para preservar o meio ambiente e mostrando o que acontece quando não temos esses cuidados. Por meio de vídeos, imagens e pesquisas, os alu-

nos puderam visualizar os prejuízos que a falta de consciência ambiental pode causar em nosso planeta.

Os alunos montaram várias maquetes, entre as principais: Praia suja e Praia limpa, tartarugas indo para o mar, todas feitas com material reciclado. O mais surpreendente foi ver os alunos interagindo com os visitantes e explicando por que devemos cuidar do meio ambiente. Foi realmente muito gratificante e ficou marcado para muitos. Até os dias atuais, quando encontro um estudante já crescido ou um responsável, eles comentam sobre aquela época.

Dentre outros projetos, outro importante foi com uma turma de Pré I, abordando o tema: músicas infantis, com a canção Caranguejo não é peixe, apresentando à turma a Vegetação Típica de nossa região (mangue), onde os alunos, sob minha orientação, construíram um Mini Mangue, podendo assim compreender a importância e a preservação desse ecossistema e sua subsistência. Na época, uma foto da turma na feira foi publicada no jornal local, Folha do Litoral.

Acredito que uma qualidade que possuo é a facilidade em criar e confeccionar materiais, e sempre visei transmitir esse mesmo desejo de reaproveitar diversos materiais aos meus alunos, além de enfatizar a importância do consumo consciente. Foram diversas as experiências adquiridas na Educação Infantil. Memórias que guardo com grande carinho, das vivências e dos inúmeros estudantes que passaram por minhas mãos, aos quais sempre dediquei meu melhor como Professora.

No ano de 2005, com o intuito de meu crescimento profissional, prestei vestibular para o curso de Pedagogia na FAFIPAR (atual UNESPAR), onde obtive êxito e fiquei em 6º lugar. Meu pai sempre foi um grande incentivador, pois desde pequena tenho lembranças dos livros e enciclopédias que ele comprava para estudarmos. Ele foi autodidata e aprendeu contabilidade por conta própria, se tornando contador da hoje extinta empresa Mogiana Armazéns Gerais LTDA, que trabalhava com café no Porto de Paranaguá.

Foi uma nova fase em minha vida, tive que adaptar a maternidade, a faculdade e o emprego. Meu filho de 6 anos acompanhou-me durante dois anos no Curso, já que meu esposo era estudante do Curso de Letras e não tínhamos com quem deixá-lo. Apesar disso, ele era uma criança tranquila e educada e adorava assistir às aulas, es-

pecialmente aos lanches da cantina, e ficar na janela da sala, assistindo aos alunos do Instituto de Educação jogar futebol, já que a quadra ficava próxima à minha sala.

Durante a faculdade, fui convidada a ministrar a disciplina de Arte na escola onde lecionava na Educação Infantil, mas agora para estudantes do Ensino Fundamental 2 e Médio.

Já no início, trabalhando a interdisciplinaridade unida à disciplina de Ciências, através de uma oficina com material reciclável, criamos personagens pré-históricos feitos com garrafa pet e papel machê, sempre buscando despertar uma consciência ambiental e a importância da preservação do meio ambiente, sempre trabalhando em grupo, respeitando as diferentes habilidades.

Sempre tive a preocupação dos alunos em conversar e discutir sobre temas ambientais no processo educativo, e sua relevância total no currículo Universitário. Principalmente por habitar em uma área com um ecossistema tão rico e diversificado, cabe a nós a grande responsabilidade de transmitir uma educação transformadora tendo como inspirador Paulo Freire. Uma frase muito importante que marcou meu período universitário foi a seguinte: devemos crescer para cima, sempre buscando melhorar cada vez mais.

No último ano da faculdade, prestei o concurso para Professor na Rede Municipal de Ensino em Paranaguá, onde fiquei esperando a convocação. Depois de concluir a graduação com êxito em 2010, inscrevi-me como Pedagoga temporária na SEED Paraná.

Assumi um novo desafio, pois nunca havia trabalhado nessa área, mas, para minha surpresa, foi um período de muito crescimento profissional, sempre atuando junto aos professores, em diversas modalidades.

Durante este período, pude participar como colaboradora em diversos projetos. Uma das atividades desenvolvidas junto à professora de Biologia foi o Tema Manguezais, que se concentrava na conscientização da importância do coletivo para a proteção deste ecossistema. Outro aspecto interessante era o fato de que diversos alunos residiam próximos ao mangue.

A professora de Artes de outra instituição desenvolveu um projeto sobre a cultura africana. Através de oficinas com materiais reciclados, os alunos puderam criar di-

versos objetos da cultura africana. Sempre trabalhando a conscientização Ambiental e o respeito à diversidade.

Foram inúmeras as parcerias, pois sempre tive como objetivo ser mediadora, facilitadora e articuladora das relações entre alunos e professores. Atuando nos Ensinos Fundamental 2, Médio, Técnico e Magistério, substituindo a professora de Metodologia de Ciências por três meses, onde pude acompanhar os alunos na criação de jogos e brinquedos recicláveis para desenvolver atividades no Ensino Fundamental nas turmas de 1 ano.

No ano em que me ingressei no Estado, pedi a minha demissão da escola particular. No entanto, em 2014, para minha surpresa, fui chamada para lecionar na Rede Municipal de Educação de Paranaguá à tarde.

Inicialmente, lecionei as disciplinas de Ciências, História e Geografia e, novamente, tive que enfrentar um novo desafio. Além disso, tive diversas experiências, sobretudo por gostar das disciplinas.

No ano seguinte, assumi uma turma de 1o ano que participou da 1a Feira Literária. O livro escolhido foi "Os meninos Verdes", da escritora Cora Coralina. Em anexo à disciplina de Português, desenvolvemos o ensino de Ciências, com a criação de uma maquete que reproduziu a residência de Cora Coralina, utilizando material reciclado. Sempre busquei, em todos os meus trabalhos com os alunos, consciencializar sobre a importância do Meio Ambiente e sua preservação, bem como o trabalho em grupo.

Trabalhando no período da tarde continuei pela manhã como Professora Pedagoga do Estado. Com minha turma de Pré II, sempre procurei trabalhar através da ludicidade, sempre confeccionando material para usar como instrumento de aprendizagem de meus alunos.

Após assumi novamente as disciplinas de Ciências, História e Geografia, no ano seguinte, trabalhando diferentes temas como a Importância da Água, Poluição e consumo responsável, abrangendo um conjunto de hábitos e práticas diárias como forma de reduzir os impactos ambientais, incentivando as pequenas atitudes como forma de beneficiar o meio ambiente.

Em 2017, fiz um novo processo seletivo para a Rede Municipal de Educação de Paranaguá, obtendo uma excelente colocação. Em 2017, fui convocada para assumir meu segundo padrão na Escola, onde atualmente estou e desliguei-me do Estado.

Nesse período, fiz duas Pós-graduações: Gestão Escolar e Educação Especial e inclusiva. Eu comecei com uma turma de pré-escola que acompanhei até o 1o ano. Realizei diversas atividades relacionadas ao Meio Ambiente, incluindo uma feira interdisciplinar. O tema da minha turma foi: Onde está a margarida (Cantigas Populares), abordando literatura, música, dança e meio ambiente.

Com esse tema, os alunos montaram uma maquete de castelo (com material reciclado), analisando os diferentes tipos de construção e quais os materiais próprios de cada uma, fazendo a ponte entre o passado e o presente. Também construíram uma história coletiva que se intitulou a Princesa Envenenada, na qual o príncipe lutava contra um terrível dragão para salvar a princesa.

Cada estudante confeccionou o Dragão com garrafa pet, cola e jornal. Depois, pintaram da cor que preferiram. Ao longo do processo, os alunos demonstraram a importância de cuidarmos do nosso planeta, uma vez que é possível reaproveitar diversos materiais, dando-lhes uma nova vida. O ambiente era de companheirismo e amizade, o que foi extremamente enriquecedor.

No ano seguinte, fiz a minha inscrição para lecionar na Sala de Recurso Multifuncional, sendo chamada para lecionar no AEE (Atendimento Educacional Especializado).

Um dos requisitos era ser uma professora que tivesse a capacidade de criar e confeccionar brinquedos para trabalhar com os alunos, brinquedos esses que seriam instrumentos para o ensino e aprendizagem desses alunos, de acordo com suas necessidades especiais.

Este novo ciclo foi de suma importância para mim, uma vez que sempre sonhei com a oportunidade de trabalhar com educação especial. Tenho um irmão com Esquizofrenia e sei o quanto é difícil para a família e, sobretudo, para as pessoas com deficiência lidar com esse Transtorno mental, que acaba se tornando invisível para a sociedade. A pessoa com deficiência é apoiada integralmente pela família, enquanto aqueles

que não possuem apoio, ficam isolados e abandonados, vivendo à margem da sociedade.

Durante este período, passei a me preocupar mais, a observar de forma mais atenta como essas crianças eram incluídas no sistema educacional, pois, infelizmente, ainda muitos professores precisam se atualizar e humanizar, sobretudo a educação.

Como um dos atributos do professor da Sala de Recurso Multifuncional (SRM) é desenvolver materiais para complementar e suplementar a educação dos alunos matriculados no ensino regular, passei a me aplicar cada vez mais no estudo e produção de materiais pedagógicos, deixando a SRM mais atrativa e convidativa.

O que para minha surpresa começou a chamar a atenção dos demais estudantes da escolar. Os quais vão diariamente a minha sala e perguntam o que precisam para ser meus alunos. Nesse contexto comecei a pensar em uma forma de levar a Sala de Recurso aos demais alunos da escola. Aí a ideia, pois já tinha uns projetos pré-estabelecidos com material reciclado.

Quando então me inscrevi no Mestrado da PROFCIAMB, e para minha alegria fui aprovada, acabei mudando totalmente o projeto, pois sempre trabalhei com fantoches, os quais eu mesma os confecciono, e notando a importância de trabalhar a Educação Inclusiva no ambiente escolar, pois a diversidade faz parte da humanidade e está inserida em qualquer grupo humano.

Decidi unir o tema da Educação Inclusiva à Educação Ambiental, criando um boneco portador de TEA (Transtorno do Espectro Autista), que demonstra um profundo amor pela natureza (Mata Atlântica). Dado que o tema Diversidade estava presente no projeto, também criei quatro amigos, cada um com suas diferenças, uma vez que todos eles demonstram o mesmo amor pela natureza.

Os bonecos são importantes ferramentas para a interação com as crianças. O objetivo deste projeto foi desenvolver práticas ambientais e inclusivas realmente relevantes, direcionando os estudantes para uma Educação sustentável e humanizadora, valorizando as diferenças para a formação de cidadãos planetários.

1. INTRODUÇÃO

Através do processo histórico na construção da Educação Inclusiva, e Políticas Educacionais voltadas as pessoas com deficiências e necessidades especiais, compreendemos que a educação é um direito de todos instituído por lei. Porém, na teoria é tudo muito bonito e correto, mas como esse processo ocorre dentro na instituição escolar, passando da utopia para realidade? A Educação Inclusiva é um assunto pertinente e de grande relevância para toda sociedade, principalmente devido ao grande aumento na demanda de educandos com dificuldade ou transtornos de aprendizagem inseridos no sistema educacional, uma realidade vivenciada nas escolas.

Levando-nos a refletir, como as instituições de ensino têm acolhido e contribuindo para o pleno desenvolvimento desses educandos, por meio de práticas inclusivas, dissipando o paradigma da exclusão e promovendo a Educação para Todos.

Infelizmente na escola a realidade é um pouco diferente. Quando nos atentamos para observar de perto, nos deparamos com a dificuldade que estudantes e professores têm em relação à diversidade no ambiente escolar e não somente das dificuldades apresentadas pelos estudantes com algum transtorno de aprendizagem e sim a dificuldade em lidar com diversidade dos estudantes de forma geral. O que acaba prejudicando e muitas vezes os estudantes com necessidades especiais, que passam a ser cada vez mais incompreendidos não tendo um atendimento realmente inclusivo.

Cabe a toda a comunidade escolar valorizar a diversidade e os direitos para que todos, independente de suas deficiências e dificuldades, tenham uma educação igualitária e humanizadora, onde seja primordial a valorização de suas habilidades, trazendo significado à aprendizagem. Esse processo evita, o isolamento social e cognitivo, o qual acaba prejudicando o rendimento escolar e causando um sentimento de inferioridade e baixa autoestima, a triste realidade da exclusão, sendo marginalizado na instituição escolar. Lembrando que isso não ocorre somente com os estudantes da inclusão.

São vários os fatores que contribuem para essa prática de exclusão, entre eles: a falta de formação continuada dos professores; carência de interação entre os alunos do ensino regular; falta de compreensão da importância da diversidade no ambiente

escolar e respeito às diferenças entre outras. Essa situação vivenciada repercute inúmeras situações, como comportamentos agressivos, desinteresse, desânimo, desmotivação e muitas vezes todo esse ambiente carregado acaba levando o estudante à defasagem da aprendizagem.

É possível mediante práticas educativas realmente significativas que envolvam toda comunidade escolar, tornar a escola um local de respeito às diferenças, em que se busque a compreensão que somos todos seres humanos, repletos de diversidade, cada qual com sua maneira de aprender. Considerando sua experiência de vida, valorizando seus conhecimentos e habilidades, por meio da Educação Inclusiva.

E através do processo histórico na construção da Educação inclusiva, unida a Educação Ambiental, esta pesquisa visa como **Objetivo Geral**: compreender que a escola é um espaço de todos, valorizando a diversidade humana e a biodiversidade local, promovendo a educação inclusiva, educando os estudantes para a cidadania planetária.

Nesse contexto, tornar o processo de aprendizagem efetivo e significativo para o estudante, através do caminhar coletivo da construção cultural e social de sustentabilidade. Um espaço não somente de acesso, mas que garanta a permanência, participação e aprendizagem de todos os estudantes, através do respeito às diferenças e amor a natureza, envolvendo a Educação Inclusiva e Educação Ambiental.

Para alcançar a proposta da pesquisa os objetivos específicos foram: compreender o processo histórico da Educação Especial à Educação Inclusiva e o caminho para que realmente haja o reconhecimento da diversidade; entender que a Educação Ambiental é um braço importante nas práticas de Educação Inclusiva; promover no Ambiente Escolar, práticas de respeito à diversidade e as diferenças, construindo mediante uma educação humanizadora, uma cultura de Paz, respeito, sustentabilidade e planetariedade.

Um grande desafio para a Educação escolar atual é dar o primeiro passo, mesmo que menor que seja, pois assim caminharemos juntos em busca de um mundo melhor, saindo da utopia rumo à realidade, superando as dificuldades e construindo uma educação para todos.

Na construção de uma educação para todos, a pesquisa qualitativa foi o ponto de partida deste trabalho. A metodologia utilizada no estudo foi desenvolvida, através da pesquisa-ação, conduzida pela pesquisadora, que trabalha com a Sala de Recurso Multifuncional (SRM). O estudo envolveu estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Em Tempo Integral Nascimento Júnior, localizada no Município de Paranaguá/Paraná.

A pesquisa foi conduzida por meio de diversas ações implementadas via uma sequência didática, com sistematização de aprendizagem, oficinas lúdicas, direcionando para uma aprendizagem significativa e reflexiva. Os seguintes instrumentos foram utilizados: a interação com fantoches; aulas expositivas e interativas; gincana com trabalho em equipe; aula de campo no Aquário Municipal de Paranaguá; criação de texto coletivo para construção de um roteiro para uma História com Fantoches. A turma em questão foi escolhida devido à grande diversidade, onde três estudantes foram matriculados no contraturno na Sala de Recurso Multifuncional.

A pesquisa visou unir o tema Educação Inclusiva e Meio Ambiente, uma vez que a diversidade está além das diferenças humanas, mas também está intimamente ligada ao nosso Planeta e a relação do ser humano com a Natureza. Os estudantes necessitam compreender o sentido da planetariedade, em que tudo está interligado. Não estamos na Terra, mas sim fazendo parte desse Planeta, e como cidadãos planetários, devemos conhecer nossa casa. E tomar consciência, como moradores do Litoral do Paraná, que temos uma região com diversas riquezas naturais, o bioma da Mata Atlântica, banhado pelo Oceano Atlântico.

No entanto, a pesquisa apresentará, inicialmente, o processo histórico que culminou na construção da educação inclusiva, que temos hoje nas escolas. Este capítulo tem como objetivo apresentar as características da Educação Inclusiva no município de Paranaguá. No segundo momento apresentaremos as políticas públicas que permeiam a educação inclusiva, bem como a educação ambiental na sua relação com a educação inclusiva.

A metodologia utilizada para aprofundar a pesquisa também foi detalhada. O estudo em questão é uma pesquisa qualitativa, com abordagem da pesquisa-ação, de acordo com Thiollent (2011, p.14) A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com

base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. A primeira etapa foi o campo exploratório, com o levantamento das temáticas, publicações acadêmicas, teses e autores sobre o tema a ser abordado. Quais são os sujeitos e os temas relacionados à inclusão e ao meio ambiente.

A partir da fase exploratória, delimitei o problema, justificativa, objetivo geral e objetivos específicos. Ao analisar a bibliografia da fase metodológica, destacamos nesta pesquisa alguns autores que nos conduziram neste processo como: Mazzota (2011), Mantoan (2011), Glat (2007), Freire (2005), Gadotti (2008) e Loreiro (2014), dentre outros referenciais que nos ajudaram a compreender o processo de educação inclusiva e meio ambiente no contexto escolar.

Os capítulos referentes à Metodologia, Discussões e Produto Educacional, apresentam a trajetória da pesquisa, as vivências e aprendizagens, sempre em relação às literaturas pesquisadas.

Esse caminho trilhado pela pesquisa nos mostra que é crucial que nossos estudantes saibam dessa riqueza, e a importância de conhecer para cuidar dela, partindo do local, para o global. Despertando o encantamento pela natureza e sua valorização, por meio de um processo educativo que ultrapassa as fronteiras da escola, é um processo para a vida, como cidadão planetário, que compreende que somos seres humanos e habitamos um planeta em comum.

2. PROCESSO HISTÓRICO NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Através do resgate do processo histórico de construção da Educação Especial, compreenderemos os caminhos trilhados pela pessoa com deficiência, até a proposta atual da Educação Inclusiva. Conforme Mazzotta (2011), o ser humano busca liberdade e igualdade de direitos e de oportunidades. E essa luta histórica pela conquista desses direitos, leva o fortalecimento de sua identidade, de ser reconhecido tal como é independente de sua diversidade ou dificuldades.

Desde a Antiguidade até a Idade Moderna, o paradigma predominante era a exclusão, onde a pessoa era direta ou indiretamente privada de qualquer forma de relação é como se ela não existisse. Nesse contexto histórico, desde a Grécia Antiga, as crianças com deficiência eram sacrificadas ou escondidas, pois suas características iam contra o perfil grego de perfeição, do corpo e do ideal atlético. Registros da República de Platão nos informa a respeito das pessoas com deficiência: Para os filhos dos indivíduos inferiores e mesmo os dos outros que tenham alguma deformidade, serão levados a paradeiro desconhecido e secreto (Platão, 1997, p.163). Mostrava que a humanidade tinha dificuldades em lidar com a pessoa diferente.

O abandono das pessoas com deficiência mental era total, e muitas vezes elas eram condenadas a viver em orfanatos, instituições de saúde e prisões, sem condições mínimas para sua sobrevivência.

Nesse contexto, historicamente percebemos a forma como a sociedade se relacionava com a pessoa com deficiência. Havia dificuldade em lidar com as diferenças, levando as pessoas com deficiência à marginalização, ao preconceito e à exclusão social. As noções de democracia e igualdade eram ainda meras centelhas na imaginação de alguns indivíduos criadores (Mazzotta, 1996, p. 16). Eram separadas de seus familiares, isoladas da sociedade e, muitas vezes, privadas de liberdade.

As mudanças ocorreram com o cristianismo na Idade Média, quando as pessoas com deficiências passaram a ter alma, o que impediu sua eliminação, pois agora eram também filhos de Deus.

Começam a escapar do abandono ou da exposição, uma vez que, donos de uma alma, tornam-se pessoas e filhos de Deus, como os demais seres humanos. É assim que passam a ser, ao longo da Idade Média, "les enfants du bon Dieu, numa expressão que tanto implica a tolerância e aceitação, quanto encobre a omissão e o desencanto de quem delega a divindade e responsabilidade de prover e manter suas criaturas deficitárias (Pezzotti, 1894, s.p).

Neste contexto religioso, e como prática comum na sociedade feudal, surgia o paradigma da segregação, onde era comum a pessoa com deficiência ser separada do convívio social em asilos e hospitais. Geralmente esses hospitais eram mantidos pela Igreja Católica, porém muitos ficavam de fora, e acabavam abandonados nas ruas, vivendo da caridade alheia ou de pequenos serviços.

Essa época foi marcada por uma visão supersticiosa a respeito da pessoa com deficiência físicas e mentais, principalmente pelos religiosos, tanto cristãos como católicos. Um clássico do romantismo, que retrata bem a forma como era descrito a pessoa com deficiência, é o livro *O Corcunda de Notre-Dame* de Victor Hugo, no qual Quasimodo deficiente físico escondia-se da sociedade isolado no alto da torre. Em sua obra Victor Hugo menciona a seguinte citação:

Não tentaremos dar ao leitor uma idéia daquele nariz tetraédrico, daquela boca em ferradura, daquele olhinho esquerdo tapado por uma sobrançelha ruiva desgrenhada, enquanto o olho direito desaparecia inteiramente sob uma enorme verruga; daqueles dentes desalinhados, quebrados aqui e ali, como as meia de uma fortaleza; daquele lábio caloso, no qual um dos dentes penetrava com a defesa de um elefante; daquele queixo fendido; e, sobretudo da fisionomia esparramada por isso tudo; daquela mistura de malícia, espanto e tristeza (Hugo, 2013, p. 69).

O autor descreve de forma clara a forma como a sociedade da época tratava as pessoas com deficiências e a forma desumana a qual eram condicionados. Onde a caridade e castigo se opõem mutuamente na era medieval sobre a pessoa com deficiência, através do paradigma da segregação, caracterizado pelo assistencialismo.

Um novo olhar sobre a Educação Especial emergiu, a partir de um modelo médico ou clínico. Todo o atendimento direcionado às pessoas com deficiências, incluindo a educação, era analisado sob a perspectiva terapêutica:

Embora esta abordagem seja hoje bastante criticada, é preciso resgatar que os médicos foram os primeiros a despertar para a necessidade de escolarização de indivíduos com deficiência que se encontravam misturados na população dos hospitais psiquiátricos, sem distinção de patologia ou de idade, principalmente no caso da deficiência mental (Glat, 2007, p.19).

A luz da ciência abriu o caminho para uma nova era na história das pessoas com deficiências físicas e mentais no início do século XX, através de dois médicos e alquimistas, PARACELSO (1493-1541), Theophrastus Bombastus Von Hohenheim e Jerônimo CARDANO (1501-1576) matemático e filósofo. Ambos defendiam que a doença mental poderia também resultar de traumatismo e doença.

De acordo com Paracelso na sua obra *Sobre as doenças que privam os homens da razão* (1526). É nela que ao que parece pela primeira vez uma autoridade da medicina, reconhecida por numerosas universidades, considera o médico um problema que até então foi teológico e moral (Pessotti, 1984). Ele crê ainda, que com uma visão supersticiosa, porém não teológica, que as pessoas com deficiências necessitam de tratamento e benevolência. A pessoa com deficiência passa a ser um assunto de interesse médico, e fatores ambientais como determinantes da deficiência, como a mudança de clima, buscando recursos para sua recuperação.

Essa evolução científica suscitou pesquisas não somente na área médica, mais na Pedagogia, visando avaliar a capacidade da pessoa com deficiência em aprender, podendo exercitar a razão. Podemos citar outros nomes, que tiveram grande importância na construção histórica da pessoa com deficiência, nome como filósofo e médico John Locke, exímio escritor, que fundamentou uma teoria do conhecimento e uma doutrina pedagógica, defendia que a experiência é o fundamento de todo nosso saber, pois de acordo com Pessotti (1984) [...] a mente é entendida como uma página em branco, sem qualquer letra, sem qualquer ideia. Ideias são consideradas tão antigas e, ao mesmo tempo tão atuais, percorrendo claramente na busca de práticas humanizadas, voltadas a preocupação com as pessoas com deficiências e suas especificidades.

É importante mencionar Abade Charles M. Eppée, que foi pioneiro no ensino de cegos, fundador da primeira instituição especializada para educação de surdos na França: [...] inventou o método dos sinais, destinado a completar o alfabeto manual,

bem como designar muitos objetos que não podem ser percebidos pelos sentidos (Mazzotta, 2011, p.18). O seu trabalho exerceu uma grande influência e projeção na época. Posteriormente através do renomado médico e cirurgião Jean Marc Gaspar Itard, que é hoje reconhecido como o pai da Educação Especial, ele desenvolveu um trabalho de atendimento com métodos sistematizados.

Desde então, muitos educadores como Pestalozzi, Rousseau, Froebel entre outros desenvolveram metodologias para o atendimento das pessoas com deficiências, percebendo a preocupação na humanização para valorizar as relações humanas, sua individualidade e particularidade.

Froebel desenvolveu um método baseado nos estudos de Pestalozzi para ensinar na primeira infância, o que poderia ser aplicado a crianças com deficiências mentais, assim criando os jardins de infância (Kindergarten). Método que, posteriormente, seria base na construção das escolas montessorianas, com muitas características desse modelo de ensino. Com uma metodologia naturalista (preocupação da preservação da natureza da criança e do mundo), baseando-se em princípios de quê:

[...] cada criança teme sua individualidade, que deve ser respeitada; mais executiva que repetitiva cada criança deve envolver-se livremente; toda criança gosta de observar, de movimentar-se e de ter uma ocupação e um lugar exclusivamente seu; as ocupações manuais são as únicas que satisfazem a atividade da criança, pois são um jogo; a educação deve começar antes dos seis anos e da escola assim concebida e mais proveitosa que a família, onde são inevitáveis a coerção e a imposição das atividades (Pessotti, 1984,s.p).

Mesmo se tratando de recursos didáticos desenvolvidos há muitas décadas, são atualmente utilizados em muitas escolas, principalmente na educação especial. Em atividades em que as crianças tenham contato com material concreto e aprendam por meio de jogos, atividades manuais com diferentes tipos de formas e texturas, vivenciando significativamente a aprendizagem.

Outro grande facilitador foi o médico e educador Edouard Séguin (1812-1822), o primeiro especialista em deficiência mental no ensino, discípulo de Itard. Ele sistematizou seu método de ensino especial na obra *Traitement Moral* (1846).

Toda essa trajetória nos remete à médica italiana Maria Montessori (1870), que desenvolveu métodos para tratar pessoas com deficiências. Além de trabalhar com crianças especiais, também criou escolas infantis, cursos de formação para professores, além de diversas obras publicadas e inúmeras contribuições para a sociedade da época e dos dias atuais.

Realmente a devoção de Montessori foi enorme, e seu legado está bem vivo e presente. Quem nunca ouviu falar do método Montessori e do famoso Material Dourado¹, usado até hoje nas instituições de ensino. O que nos surpreende em Montessori é a sua força, determinação, amor, e a luta em prol das crianças com deficiências (Rohrs, 2010).

Importante lembrar os caminhos trilhados na construção histórica da educação especial, o que nos leva a refletir sobre a relevância deste conhecimento sobre a trajetória das pessoas com deficiências ao longo da história na busca da humanização. Para atingir a humanização que supõe a eliminação da opressão desumanizante, é absolutamente necessário transcender as situações-limite nas quais os seres humanos são reduzidos ao estado de coisas (Freire, 2016).

Nesse contexto histórico, esse processo de libertação, se deu mediante pessoas que não mediram esforços e doaram suas vidas, com empatia e respeito às diferenças. É muito importante entender a história da Educação Especial e sua construção histórica. Atualmente, sobre a perspectiva do preconceito de muitos, estes estigmas preconceituosos devem ser quebrados, uma vez que classificar, rotular o diferente é uma forma de violência contra o ser humano.

Se como foi dito, todo ato de classificação é em si mesmo um ato de exclusão e de inclusão que supõe coerção e violência, podemos dizer agora que toda espacialidade produzida, inventada, normalizada, traduzida e/ou representada como espaço único de exclusão/inclusão é um ato de perversão (Skliar, 2003, p.66).

¹ Material Dourado, considerado um método inovador de ensino, foi criado por Maria Montessori (1870-1952), a primeira mulher italiana a se formar em medicina. Devido a sua visão sobre o aprendizado das crianças com deficiência, ela desenvolveu a ferramenta que conhecemos e, até hoje, faz parte do cotidiano escolar do Ensino Infantil e Fundamental I.

Antes da pessoa com deficiência, existe o ser humano. Em um planeta repleto de diversidade, ser diferente é uma experiência maravilhosa, pois as diferenças nos enriquecem e nos valorizam, uma vez que todos os seres humanos são compostos por diferenças.

2.1 POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL

A Educação Especial no Brasil foi fortemente influenciada pelos movimentos e acontecimentos internacionais. No entanto, seu contexto histórico foi marcado pelo paradigma da segregação, em termos pejorativos, conhecidos e reconhecidos como ignorados de tal, indesejáveis, insanos, idiotas, cretinos, alienados, entre outros tantos adjetivos, impondo o silêncio e desamor, calando a voz do outro. Segundo Freire (1996, p.76), O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização.

Um contexto em que a pessoa com deficiência se torna refém de um discurso desumano e programado, no qual não tem forças para se libertar, gerando consequentemente a necessidade de uma humanização que valorize as diferenças, pois somos serem inacabados em constante transformação.

É importante salientar que, no Brasil, os setores dominantes não demonstraram interesse em amparar e educar as crianças com deficiências, uma vez que a educação era um privilégio de poucos, com uma educação dualista, que distinguia os burgueses do proletariado, o que não é tão diferente atualmente. Era um período caracterizado por uma sociedade rural e desescolarizada, na qual as pessoas com deficiências viveram marginalizadas e escondidas da sociedade. Entretanto, surgiram algumas ideias para uma abordagem inclusiva. Segundo Gilberta de Martino Jannuzzi:

A educação de crianças com deficiência surgiu institucionalmente, mas de maneira tímida, no conjunto das concretizações possíveis das idéias liberais que tiveram divulgação no Brasil no fim do século XVIII e começo do XIX. Essas idéias estavam ligadas a alguns movimentos como, por exemplo, a Inconfidência Mineira (1789), a Conjuração Baiana (1798), a Conjuração Baiana (1798) e a Revolução Pernambucana (1817), que reuniram em numa mesma luta uma série e profissionais:

médicos, advogados, professores, junto, com alfaiates, soldados etc. e foram acentuadas, sobretudo a partir da Independência (Jannuzzi, 2012, p.06).

Assim, à medida que a organização escolar foi obtendo impulso, com a Constituição de 1824, [...] a primeira do Brasil, promettesse a instrução primária gratuita a todos, colocando-a como inerente ao direito civil e político do cidadão (Jannuzzi, 2012, p.06). A educação da pessoa com deficiência passou a acompanhar o progresso dos processos da educação fundamental.

Posteriormente, ocorreram eventos históricos importantes para a Educação Especial no Brasil, como a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, no ano de 1891 (Jannuzzi, 2012). Naquele período, personalidades próximas ao imperador atuavam em prol das pessoas com deficiência, como o médico do imperador José Francisco Xavier Sigaud, pai de uma menina com deficiência visual, da qual José Álvares de Azevedo se tornou professor. A partir da obra de Azevedo, o médico, elaborou um projeto que resultou no Imperial Instituto dos Meninos Cegos.

Destinava-se ao ensino primário e alguns ramos do secundário, ensino de educação moral e religiosa, de música, ofício fabris e trabalhos manuais. O regime era de internato. Esta forma de recolhimento de crianças em lugares específicos já vinha sendo consagrada entre nós desde os tempos coloniais pelos jesuítas, nos aldeamentos dos índios, retirados de suas aldeias para aprenderem por meio de regras, orações, costumes cristãos sistematizados, outra forma de organização da vida de acordo com as crenças européias (Jannuzzi, 2012, p. 11).

O atendimento às pessoas cegas foi possível graças à descoberta de um jovem professor Francês cego, Louis Braille, que ao frequentar o Instituto de Jovens Cegos de Paris, encontrou 14 livros com caracteres em relevo, que não eram utilizados pelos estudantes devido às dificuldades de compreensão.

Foi então que Braille teve contato com o sistema de Charles Barbier, oficial da armada francesa, que inventara um código em 1819, a partir de pontos, a fim que houvesse comunicação, em campo de batalha. Então a partir desse sistema, Braille, em 1824, desenvolveu o sistema que recebeu o seu nome. É interessante notar, que apesar de ser professor no instituto e morar ali durante toda sua vida, só teve a sua criação oficialmente aprovada dois anos após sua morte, em 1854 (Jannuzzi, 2012, p. 26).

Esse foi um grande passo na educação das pessoas com deficiências auditivas e visuais, o que permitiu uma ampliação do atendimento nos anos seguintes. Posteriormente, em 1882, realizou-se o 1º Congresso de Instrução Pública, convocado pelo Imperador. Entre os temas do referido congresso figurava a sugestão de currículo e formação de professores para cegos e surdos (Mazzotta, 2011, p.30).

Havia preocupação não apenas com a questão educacional, mas também com o atendimento de Higiene e Saúde Pública. Surgia uma grande preocupação, a de catalogar a anormalidade pelo do Serviço de Inspeção Escolar. Avaliava o nível de inteligência em relação aos outros estudantes, que apresentavam comportamentos tímidos, indisciplinados, preguiçosos, desatentos, dificuldade de memória e baixo rendimento escolar, além de um comportamento anormal, uma vez que o atraso mental estava associado ao atraso escolar.

Assim, dentro da subnormal estariam os astênicos, indiferentes, apáticos, instáveis, inquietos, impulsivos, ciclotímicos ou alunos que participam de uma e de outra categoria. Seriam, pois, sempre alunos portadores de defeitos pedagógicos. A orientação dada a o médico escolar não era menos abrangente. Acreditava-se que estes profissionais deveriam classificar os anormais pela simples inspeção. E seriam os anormais escolares e não patológicos ou sociais domínio da terapêutica e da segurança pública. E assim se separariam os anormais intelectuais, os morais e os pedagógicos (Jannuzzi, 2012, p.35).

Muitas das crianças que eram consideradas portadoras de defeitos pedagógicos eram enviadas para instituições psiquiátricas, na grande maioria por não estarem dentro dos padrões normais. Elas perdiam a identidade, eram abandonadas e muitas vezes, viviam com adultos. Embora fossem inseridos nas instituições de ensino, atrapalhavam os normais de aprender (infelizmente, ainda escutamos essa expressão) sendo rejeitados por várias instituições.

Neste contexto histórico, vale lembrar a Teoria da Eugenia, inspirada na teoria evolucionista de Darwin (1859), criada por Francis Galton, primo de Darwin, que criou técnicas para melhorar o gênero humano do ponto de vista biológico (Diwan, 2015). Conhecida como teoria eugenista, foi usada como arma política de discriminação social

e limpeza étnica, disseminando ódio, preconceito e desumanização, tornando-se uma vergonha para a história da humanidade.

Francis Galton definiu a eugenia como a ciência da boa geração, toda a sua teoria estava voltada para um tipo de eugenia que visava na prática, encorajar a reprodução dos elementos mais fortes e desejáveis da sociedade. Nas palavras de Galton [...] a possibilidade de incrementar a raça da nação depende do poder de incentivar a produtividade da melhor linhagem. Isto é mais importante do que reprimir a produtividade dos piores (Diwan, 2015, p.50).

É importante que o leitor esteja familiarizado com este evento histórico, uma vez que estamos falando de um movimento que se opõe à diversidade humana e a valorização das diferenças, desprezando totalmente as classes minoritárias. Infelizmente, atualmente, ainda existem algumas fagulhas em uma sociedade que luta contra o preconceito e a exclusão.

Em contraste a esses movimentos e teorias desumanas, surgem movimentos que contribuem positivamente na construção histórica da educação especial, como no ano de 1926, em Canoas (RS), criado o primeiro Instituto Pestalozzi, um internato especializado no atendimento de pessoas com deficiências mentais. Inspirado na concepção da Pedagogia Social² do educador suíço Henrique Pestalozzi, o Instituto Pestalozzi do Rio Grande do Sul foi precursor de um movimento que, ainda que com divergências e variações, se expandiu pelo Brasil e América do Sul (Mazzotta, 2011, p.44).

A partir da década de 1930, a sociedade começa a se organizar em associações preocupadas com as pessoas com deficiências. É importante frisar que, na partir de 1930, muitos educadores envolvidos com a educação da pessoa com deficiência empregam a expressão ensino emendativo³ (Jannuzzi, 2012, P.58). Esse período foi caracterizado pelo surgimento de diversas escolas e instituições dedicadas ao ensino especial.

² Conforme Mazzotta (2011) A Pedagogia Social tinha como objetivo estimular a inclusão nos espaços de ensino e aprendizagem.

³ Art. 1º O ensino emendativo destina-se às crianças e adolescentes que, por suas condições individuais, não possam frequentar, com proveito, as escolas de ensino comum (anômalos do físico e da inteligência) ou cujas condições não aconselhem o seu convívio com alunos destas escolas (anômalos de caráter). LEI Nº 1.929, DE 6 DE DEZEMBRO DE 1958.

Na primeira metade do século xx, portanto até 1950, havia quarenta estabelecimentos de ensino regular mantidos pelo poder público, sendo um federal e os demais estaduais, que prestavam algum tipo de atendimento escolar especial a pessoa com deficiência. Ainda, catorze estabelecimentos de ensino regular, dos quais um federal, nove estaduais e quatro particulares, atendiam também alunos com outras deficiências (Mazzotta, 2011, p.31).

Surgia o interesse do poder público em educar e prestar algum tipo de atendimento educacional para a pessoa com deficiência. Então, no ano de 1935, em Minas Gerais, onde o Instituto Pestalozzi, baseado na proposta de ⁴Helena Antipoff (1992) [...] teve um papel importante no desenvolvimento e consolidação de uma perspectiva sociocultural na análise psicológica e psicossocial dos fenômenos educativos. Destacou-se especialmente na educação de excepcionais e na educação rural no Brasil (Campos, 2010, p.11).

Sua proposta era fundamentada no desenvolvimento da pessoa com deficiência através da observação de fatores ambientais e culturais, o que oferecia aos estudantes experiência em atividades rurais, oficinas e cursos de artesanato. Antipoff enfatizava a relevância do contato com a natureza, despertando os interesses através de materiais concretos, onde a criança vivenciasse a aprendizagem.

[...] preparar cada um de seus alunos para a alta função de guardião do tesouro terrestre, de zelador do solo [...] levar o aluno a buscar soluções na ciência, é mister que a escola oriente seu espírito, naturalmente curioso, a observar, indagar, raciocinar, também fazer uso das mãos porque o cientista pensa também com as mãos, experimentando e operando (Antipoff, 1992, p.125).

Preocupada com o estigma histórico que a pessoa com deficiência carregava, sendo chamada de idiota, retardada e débil, Antipoff passou a usar o termo Excepcional, para aliviar a discriminação, que era atribuída às pessoas com deficiência. Seu trabalho na educação especial, que estava ligado ao meio ambiente e à natureza, foi imensurável. Ela nos remete à importância dada à história de vida do educando, ao seu conhecimento e reconhecimento como sujeito no processo educativo, valorizan-

⁴ Pedagoga e Psicóloga russa, Helena Antipoff foi convidada pelo Governo Mineiro no ano de 1929, para dirigir o laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte - MG. Também fundadora da Escola Pestalozzi em Minas Gerais, com grande contribuição na fundação das APAES no Brasil.

do sua história e vivências, criando possibilidades para uma educação humanizadora, conforme a perspectiva de Paulo Freire:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um se crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho a de ensinar e não de transferir conhecimento (Freire, 1996, p.47).

Helena Antipoff foi notável e, sobretudo, visionária, uma vez que já propunha a educação inclusiva e o respeito à diversidade, assim como Freire (2005), que acreditava que a educação era uma maneira de criar possibilidades na construção do conhecimento.

Adepta do movimento da Escola Nova, o qual segundo Peixoto (1992, p.16) [...] reconhecer na infância uma fase importante do desenvolvimento humano, ao enfatizar a participação e a atividade do aluno, no processo de aprendizagem, ao valorizar as formas de expressão além da linguagem oral e escrita [...]. Considerava a criança como ser individual, contribuindo para seu desenvolvimento pleno.

Além disso, havia a preocupação com a formação dos professores, que deveriam ser mais ativos no processo de ensino e aprendizagem, envolvidos de forma completa com o educando, abrangendo as dimensões física, psicológica, social e intelectual.

Para isso enfatizava a formação psicológica do professor primário para que esse não só percebesse, mas também atuasse nas necessidades de afetividade, de descobrimento de interesses e das habilidades da criança, e assim efetuassem instrução adequada, sob medida, como dizia Claparède, para cada criança (Jannuzzi, 2012, p.105).

É interessante notar a preocupação não somente com a formação individual do educando, também a importância do meio social na educação, nos quais todos os agentes envolvidos são de extrema relevância nesse processo. No qual a educação para a pessoa com deficiência era conhecida como ensino emendativo, que tinha como objetivo de adaptar o educando ao nível social dos normais, em breves palavras consertar o que estava errado e depois inseri-lo na sociedade, não havendo respeito

às individualidades. Porém, felizmente, ações legítimas contribuíram para mudanças, como a influência do movimento da Escola Nova na Educação e o importante documento redigido por Fernando de Azevedo, no Manifesto dos Pioneiros (1932), solicitava:

Reconstrução do sistema educacional em bases que possam contribuir para a interpenetração das classes sociais e a formação de uma sociedade humana mais justa e que tenha por objetivo a organização da escola unificada, desde o jardim da infância à universidade, em da seleção dos melhores, e, portanto, o máximo desenvolvimento dos normais (escola comum), como o tratamento especial de anormais, subnormais e supernormais (classes diferenciais e escolas especiais) (Azevedo, 2010, p.125).

A preocupação com a pessoa com deficiência, provavelmente ocorreu devido ao aumento da escolarização no ensino fundamental. Poucos eram beneficiados, pelo crescimento do setor privado nesse atendimento, o de caráter filantrópico quanto o pago, como foi exemplificado, este atingindo a camada de renda mais favorecida daquele procurado pelos desfavorecidos financeiramente, diferenciando, provavelmente a eficiência dos resultados (Jannuzzi, 2012, p.74). O atendimento popular não era da mesma qualidade do particular e os benefícios dos direitos eram apenas para alguns (os economicamente privilegiados), e não alcançavam a população mais necessitada.

É preciso notar a importância que a Reforma do Ensino Primário. A qual saiu do próprio punho do então secretário da Educação Francisco Campos e futuro Ministro da Educação, desenvolvida entre os anos de 1926-1930 no Estado de Minas Gerais, como um referencial para a emancipação da educação da pessoa com deficiência e para a educação na totalidade.

Não basta, pois difundir o ensino primário, para dilatar os limites da cidade. Se este ensino não formar homens, não orienta a inteligência, e não destilar o senso comum, que é o eixo em torno do qual se organiza a personalidade humana, poderá fazer eleitores, não terá feito cidadãos (Peixoto, 1992, p.14 apud Campos, 1992, p.109).

A partir da década de 1950 a luta em prol da educação do deficiente começou a ter ações mais significativas, com a implementação de iniciativas em âmbito nacional,

na busca de uma educação humanizadora que valorize a todos. De acordo com Freire (1967, p.42), [...] a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga, quase sempre até sendo feita e isso é o mais doloroso em nome de sua própria libertação.

Havia uma luta constante, de pessoas voltadas à causa da pessoa com deficiência, também a necessidade do próprio sujeito com deficiência, em buscar ser valorizado e de usufruir de seus direitos e lugar na sociedade.

Fiz questão de pontuar alguns momentos da história da Educação Especial, conforme proposto neste trabalho, visando instigar o leitor à busca desse contexto histórico, muito importante para a construção de uma sociedade que respeite a diversidade e as diferenças, pois esse histórico já foi sabiamente realçado por ilustres escritores como Mazzota (1996), Jannuzzi (1985), Pessotti (1984) entre outros.

Cabe destacar, que no ano de 1954 foi fundada no Rio de Janeiro a primeira APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), que foi fruto de uma iniciativa do casal norte-americano Beatrice e George Bennis membros da NARC (National Association for Retard Children) nos Estados Unidos, que apoiaram um grupo de pais brasileiros para sua fundação. De acordo com Mazzotta (2011, p.49), [...] O desenrolar e a manifestação do movimento apaiano induziram autoridades do Executivo e do Legislativo a tratarem do problema do excepcional. Algumas leis foram votadas. Alguns governos passaram a conceder auxílio as APAES que se instalavam||.

As APAES se espalharam no Brasil, com criação de um centro de treinamento dentro da APAE, dando assistência técnica para sua formação, melhorando a qualidade de vida dos estudantes. Não podemos deixar de citar a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional n.º 9394/96, em seu Artigo 58, que normatiza a educação especial e oferece a modalidade de educação escolar, para portadores de necessidades especiais no ensino regular, um grande passo na luta das pessoas com deficiências.

A seguir pontuaremos alguns momentos históricos e ações significativas no contexto da Educação Especial, no Estado do Paraná e Município de Paranaguá-PR, no qual foi realizada a pesquisa em questão.

2.2 EDUCAÇÃO ESPECIAL NO PARANÁ E NO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ-PR

O modelo de atendimento da Educação Especial era voltado para o Paradigma de Serviços, com foco na reabilitação, resultando em um sistema paralelo de ensino e totalmente segregado. A parte burocrática era notória, sem se preocupar realmente com o significado dessas mudanças e a importância do outro nesse processo, uma vez que pouca atenção era dada à atividade acadêmica e às necessidades do outro e suas peculiaridades, um olhar mais humano que muitas vezes foi ignorado.

Além disso, com o progresso da democracia, a evolução social e tecnológica, observou-se que, apesar das políticas públicas voltadas para a pessoa com deficiência, havia uma grande lacuna muito em termos de acesso e a participação da pessoa com deficiência em espaços comuns e sociais. Neste contexto, surge o Paradigma de Suportes, que apresenta um novo modelo de atendimento.

Esse paradigma associou a ideia de diversidade como fator de enriquecimento social e o respeito às necessidades de todos os cidadãos como pilar central de uma nova prática social: a construção de espaços inclusivos em todas as instâncias de vida na sociedade, de forma de garantir o acesso imediato e favorecer a participação de todos os equipamentos e espaços sociais, independentemente das suas necessidades educacionais especiais, do tipo de deficiência e do grau de comprometimento que estas apresentam (Brasil, 2004, p. 13).

Essa ideia impulsionou o processo, agora denominado de Inclusão Social mostrando que a pessoa com deficiência pode ser capaz e participativa na sociedade, além de valorizar as diferenças, oferecendo oportunidades igualitárias e equidade de condições. Dessa forma, proporcionando suporte e instrumentos que garantam o acesso a todos os recursos disponíveis, ao espaço comum e a vida em sociedade.

É importante compreender que esse contexto histórico de Inclusão Social foi cenário marcante na história da Educação Especial no Estado do Paraná, o qual foi pioneiro das políticas e atendimento educacional especializado a nível nacional.

No estado do Paraná, desde a criação da primeira escola especial, em 1939, o Instituto Paranaense de Cegos reproduz concepções e práticas já atestadas nos movimentos sociais, nacionais e internacionais. No entanto, pelo pioneirismo das ações ambientadas como a criação da pri-

meira classe especial na rede pública (atual Escola Estadual Guaíra, em Curitiba), em 1958, e a criação do primeiro serviço de educação especial, em nível governamental, em 1963 (Paraná, 2006, p.31).

No entanto, o Estado também enfrentou o descaso histórico mundial relacionado ao deficiente, o que resultou na mobilização de lideranças comunitárias, em prol da luta pela educação especial. Segundo Iacono (2021), "A educação inclusiva no Paraná, como em outros Estados brasileiros, também tem sido objeto de muita polêmica e acalorados debates, mas, talvez aqui, estes venham acontecendo de forma mais intensa".

É relevante ressaltar que a educação especial, até então, teve um caráter privado e filantrópico, em sua maioria assistencialista. Destacamos com grande relevância o movimento apaiano. "A ação das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAES) se destaca pela ampla rede de instituições que se disseminou em vários municípios do Estado para atender a esse grupo de alunos (Paraná, 2006, p.31).

Somente após a estruturação do Departamento de Educação Especial, integrado à SEED na década de 70, que ocorreu em consequência da Lei 5.692/71, o Serviço de Educação de Excepcionais foi transformado em Departamento de Educação Especial. Este departamento abrange diversos setores, atendendo a todas as especificações da Educação Especial, com uma estrutura setorializada. Além disso, houve a descentralização administrativa, que criou equipes de Educação Especial nos Núcleos Regionais de Educação.

Desde a sua criação, o Departamento de Educação Especial assumiu, a função de coordenar, normatizar, promover e difundir o ensino especializado, priorizando as questões administrativas e pedagógicas voltadas a atividades específicas, como a prevenção, identificação, triagem, avaliação e atendimento educacional (Paraná, 1994, p.11).

A partir da década de 80, intensificou-se a criação de novas instituições voltadas para o deficiente mental, impulsionadas pela interiorização do movimento apaiano, que lutava pela promoção e defesa dos direitos de cidadania da pessoa com deficiência e sua inclusão social, o que foi estimulado pela criação de projetos e programas especializados.

As organizações não governamentais, por meio de convênios, ofereceram à SEED apoio técnico e financeiro para expandir o atendimento, que foi fortemente marcado pela institucionalização. Esse atendimento pode ser considerado um fator crucial para pais e professores em relação à inclusão escolar. Os pais temiam pela qualidade do atendimento que seus filhos receberiam nas escolas de ensino regular. Era do interesse do Departamento de Educação Especial que os alunos com necessidades especiais fossem integrados ao sistema regular de ensino e que as escolas se adaptassem a essa realidade (Paraná 2006).

O Departamento enfrentou descontentamento da comunidade escolar, pois os professores do ensino regular afirmavam que não possuíam formação específica para lidar com os alunos de inclusão. Inicialmente, 50 escolas da rede pública, conforme a Secretaria Estadual de Educação do Paraná foram denominadas escolas pró-ativas. Infelizmente, não foi oferecido suporte pedagógico a essas instituições, o que levou ao descrédito e reforçou a exclusão dos educandos da Educação Especial no ensino regular. Acreditava-se que a inclusão não seria viável devido às dificuldades e à diversidade dos novos alunos.

A inclusão deriva de sistemas educativos que são recortados nas modalidades regular e especial, pois ambas se destinam a receber alunos aos quais impomos uma identidade, uma capacidade de aprender, de acordo com suas características pessoais (Mantoan, 2003, p.31).

Ao longo dos anos, a SEED se dedicou a implementar políticas públicas na Educação Especial, de maneira sólida, envolvendo toda a comunidade escolar para que a inclusão no ensino regular fosse efetivada.

Particularmente, no período de 2000 a 2002, foi desencadeado um intenso processo de discussão da inclusão que mobilizou grande parte do sistema educacional paranaense. Com o objetivo de sistematizar uma política pública de inclusão educacional, tendo o Departamento de Educação Especial à frente desse processo, foi elaborado um documento intitulado Educação inclusiva: Linhas de ação para o Estado do Paraná (Paraná, 2006, p.32).

Houve uma retomada do diálogo, com diferentes segmentos relacionados à Educação Especial, pois havia muita resistência por parte dos professores. Nesse perí-

odo, foi realizado o primeiro concurso para professores de Educação Especial, visando apoiar os docentes da rede pública, o que aumentou a demanda por alunos especiais no ensino regular.

A SEED tem como principal objetivo em relação ao deficiente uma política pública de inclusão, pois, de acordo com Paraná (2006), busca resgatar valores humanos de solidariedade, colaboração e, sobretudo, assegurar o direito à igualdade de direitos que, por séculos, foram negados a esse grupo de pessoas.

Porém, foi na década de 1990, segundo Iacono (2021), que se intensificou o debate sobre a inclusão de estudantes da educação especial nas escolas de ensino regular, para que pudessem estudar juntos com os demais alunos nas mesmas salas. Esse debate foi fortalecido a partir do Seminário Paranaense de Educação Especial, realizado em Curitiba de 03 a 08 de novembro de 1995, com o tema "Viver e Conviver na Diversidade", e do Seminário Educação Comparada nas Américas, que ocorreu em Curitiba, nos dias 14 e 15 de junho de 1996, promovido pela Federação Nacional das APAES, CILPEDIM Liga Mundial Pró-pessoas Portadoras de Deficiência Mental - e o MEC.

A partir desses dois eventos, a educação inclusiva passa a fazer parte da pauta de discussão, mas ainda de forma muito incipiente e apenas nos meios educacionais restritos à abrangência da educação especial, já que o tema pessoas com deficiência, normalmente ainda não vem sendo treinado pela maioria dos professores do ensino regular. A inclusão como um princípio, um valor, ainda não era motivo de reflexão, pois os princípios que permeavam o discurso oficial, tanto em nível nacional como estadual, na forma oral ou escrita, fundamentavam-se, por sua vez, nos princípios de normalização, individualização e integração, entendendo a normalização como objetivo maior, a integração como processo e a individualização como meio para atingir os dois primeiros (Iacono, 2021, p.72).

Foi um período marcado por inúmeras discussões na busca por uma escola de qualidade para todos e pela inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais no ensino regular. Embora tenha havido, no início da década de 1990, uma grande expansão dos atendimentos educacionais para essa população de estudantes que, no Paraná, é estimada em um milhão de pessoas, segundo dados da Associação

dos Professores do Paraná (1997, p. 20), apenas cerca de 5% estavam sendo atendidos.

Havia a necessidade de criar ações para ampliar os atendimentos à educação especial. O governo do Paraná, em agosto do ano 2000, por meio da SEED/DEE, lançou o documento preliminar denominado Política de Educação Inclusiva para o Estado do Paraná, que tinha entre outros, os seguintes objetivos:

Proporcionar Educação Inclusiva, com responsabilidade no Estado do Paraná; Resignificar o atendimento especializado ofertado pela Educação Especial; fortalecer parcerias com organizações governamentais e não governamentais para assegurar Educação Profissional e geração de emprego e renda para pessoas com deficiência do Estado do Paraná (Paraná, 2000, p. 5).

A Política da Educação Inclusiva para o Estado do Paraná (2000) destacava a necessidade de garantir articulações e parcerias internas e externas à rede governamental de educação do Paraná, prevendo a provisão de recursos e apoio para atender às necessidades educacionais especiais de todos os estudantes.

A divulgação do documento foi cuidadosamente planejada e tinha como alvos tanto a comunidade escolar quanto a sociedade em geral, contando com a participação de todos. De acordo com Iacono (2021), foi realizada por meio da seguinte dinâmica: reunião em Curitiba com representantes dos NREs, das Secretarias Municipais de Educação dos municípios-sede dos NREs e representantes de algumas ONGs ou Instituições de pessoas com deficiência.

Houve a rejeição por parte do polo de Cascavel, que congrega três NREs Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu, representando 43 municípios. A grande discussão era como promover a inclusão. Escolas sucateadas e sem pessoal suficiente para atender aos serviços essenciais, quanto mais aos serviços de apoio aos alunos incluídos, que são imprescindíveis em um processo de inclusão (Iacono, 2021, p. 75). O documento ia contra a realidade enfrentada pelas escolas no Estado, levando Cascavel a elaborar um novo documento.

[...] foi elaborado a partir de discussões em diversas reuniões, que aconteceram em Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu, congregando dezenas

de professores. É importante destacar que o documento do polo de Cascavel teve como diferencial, em relação ao documento da SEED/DEE, sua fundamentação teórica, elaborada com base no materialismo-histórico, como método de análise da realidade, o que exigia, por sua vez, que as bases materiais nas quais a inclusão escolar aconteceria fossem amplamente explicitadas (Iacono, 2021, p.76).

Todo esse contexto histórico e as discussões sobre a inclusão no Paraná tornaram-se uma das principais temáticas sobre a importância de trabalhar as diferenças no ambiente escolar, representando um grande desafio a ser compreendido e efetivado pela educação brasileira.

Embora a escola abrace a proposta de inclusão, os professores, de forma geral, ainda carecem de conhecimento e preparação para atender os estudantes com necessidades especiais. É fundamental criar propostas efetivas e projetos para a formação inicial dos professores, favorecendo a inclusão de todos os estudantes, independentemente de suas necessidades especiais, e fortalecendo a prática cotidiana do professor, sua qualificação profissional e expectativas em relação a seus estudantes.

Glatt (1995, p.21) chama a atenção para o cuidado com as mudanças estruturais fora da realidade educacional da escola.

Mas ainda que todos os projetos de implantação de novos modelos ou propostas educacionais, sejam acompanhados e avaliados sistematicamente e cientificamente, para que possamos reformular o que não deu certo e reproduzir as experiências bem sucedidas.

Estamos imersos em um processo de construção da Educação Inclusiva, onde a escola, a comunidade e a sociedade em geral compreendem que todos somos seres vivos e fazemos parte de um sistema extraordinário e rico em diversidade, e que ser diferente é o que nos torna únicos e especiais.

De acordo com Brandão (2005, p. 60), Se algo em nós vale o tamanho da vida e nos permite sonhar sermos, pessoalmente e no todo a humanidade, a fração reflexiva do cosmos, é porque partilhamos com todos os outros vivos o mesmo mistério: a vida. Que o processo de escolarização do estudante possa ser pautado no respeito à vida, através de uma educação transformadora, onde não é o estudante que deve se adaptar à escola, mas sim a escola que deve se transformar para atendê-lo.

Neste contexto estadual, a Educação Especial no Município de Paranaguá tem avançado de forma gradativa a cada ano que passa. Em meio aos debates e discussões que envolvem não somente o Município de Paranaguá, mas todo o território brasileiro, através de uma educação que transforme a nossa realidade.

[...] temos de enfrentar o desafio de lidar com a contradição de uma ideologia importada que representa um alinhamento ao modismo, mas que ao mesmo tempo é um imperativo moral que pode ser uma das estratégias para superar problemas crônicos da educação especial no país (Mendes, 2006, s.p).

Nesse embate das Políticas Públicas da Educação Especial que sejam realmente significativas e efetivas, o Município de Paranaguá, em seu amplo atendimento à Educação Especial, conta com uma unidade da APAE, a primeira escola voltada para pessoas com necessidades especiais no Município de Paranaguá. "Nossa história começa em 1997, quando o Prof. Stephen Kanitz da USP se aposentou e passou a dedicar-se ao trabalho voluntário ajudando o Terceiro Setor" (Voluntários, História APAE [1997] primeiro parágrafo). A instituição realiza um excelente trabalho com os educandos com deficiências em nossa cidade, sempre visando um ensino de qualidade e garantindo seus direitos.

A Secretaria Municipal de Educação e Ensino Integral (SEMEDI) é responsável pelos atendimentos e serviços oferecidos aos educandos com necessidades especiais, como a Escola Municipal de Educação Especial Profa. Eva Teresa Amarante Cavani, que oferece a modalidade de educação especial no Ensino Fundamental para jovens e adultos (SEMEDI, 2024).

No ensino regular, em contraturno, é oferecido o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Sala de Recurso Multifuncional (SRM), onde a Professora Especialista atende alunos com dificuldades de aprendizagem e diversos transtornos, além de disponibilizar um professor de apoio para alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) durante o período regular.

A Secretaria tem se preocupado em implantar a Sala de Recurso Multifuncional em todas as escolas, tanto do ensino Fundamental quanto Infantil (SEMEDI, 2024). Com o aumento da demanda de educandos com necessidades especiais, é necessário

o AEE em cada unidade escolar, uma realidade vivida na instituição onde a pesquisa foi realizada.

Segundo a COMED - Conselho Municipal de Educação de Paranaguá, em sua Deliberação COMED/PGUÁ Nº. 01/19, APROVADA EM 04/09/2019, em seu Art. 02º: A Educação Especial deve ser constitucional do Estado e da família, preferencialmente, na rede regular de ensino, constituída por instituições comuns e especiais de ensino. Deve haver o envolvimento de todos que fazem parte da vida do estudante, especialmente o apoio da família.

Visando o acompanhamento integral do educando com necessidades especiais, Paranaguá conta com o CMAE (Centro Municipal de Avaliação Especializada) e o CEMR-TEA (Centro Educacional Municipal de Referência ao Transtorno do Espectro Autista). O qual faz parte de um conjunto de ações implementadas pelo executivo municipal de Paranaguá, por meio da Secretaria Municipal de Paranaguá. [...] que vem atuando na consolidação de políticas públicas inclusivas que proporcionem avanços efetivos na inclusão educacional, social e na melhoria da qualidade de vida de crianças e adolescentes de Paranaguá (SEMEDI, 2023).

O CEMR-TEA atua de forma integrada com o CMAE (Centro Municipal de Avaliação Especializada), responsável pelas avaliações diagnósticas e psicoeducacionais, em parceria com as escolas e os profissionais do magistério da rede municipal de ensino.

Nas instituições de ensino da rede municipal, é oferecido aos estudantes com TEA Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas Salas de Recursos Multifuncionais - Tipo I, em contraturno ao ensino regular.

O município de Paranaguá/PR está envolvido em um processo de humanização na busca de uma educação igualitária e transformadora. Essa mudança tem sido vivenciada no cotidiano escolar, no compromisso assumido pela Secretária de Educação do Município, para que todas as Unidades Escolares avancem com o propósito de tornar a Educação Especial realmente inclusiva.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Em Tempo Integral Nascimento Júnior, que foi o local onde a pesquisa descrita neste trabalho foi realizada.

A ação facilitadora da inclusão na escola tem como principal objetivo a sustentabilidade do processo inclusivo, mediante aprendizagem cooperativa e trabalho em equipe na construção de uma escola acolhedora que respeite e valorize a todos (Projeto Político Pedagógico, 2023, p.38).

A qual tem buscado, em conjunto com toda a comunidade escolar, caminhos para que a escola seja verdadeiramente inclusiva, garantindo os direitos e efetivando as Políticas Públicas na busca por uma educação de qualidade para todos.

Dessa forma, esse processo não acontece da noite para o dia; é uma construção que se realiza por meio do respeito e da dignificação do estudante. Sabemos que as dificuldades encontradas são inúmeras. Glat, Pletsh e Fontes (2007, p.348) discutem as dificuldades da Educação Inclusiva em nosso país, o cumprimento das leis e o respeito à diversidade que é uma realidade em nossas escolas:

Embora a legislação brasileira na Educação, possa ser considerada bastante avançada, para padrões internacionais, a promulgação de leis e diretrizes políticas e pedagógicas não garante necessariamente, as condições para seu devido cumprimento. A implementação de um sistema de Educação Inclusiva não é tarefa simples; para oferecer um ensino de qualidade a todos os educando, inclusive para os que têm alguma deficiência ou problema que afete a aprendizagem, a escola precisa reorganizar sua estrutura de funcionamento, metodologia e recursos pedagógicos e principalmente, conscientizar e garantir que seus profissionais estejam preparados para essa nova realidade.

É imprescindível tomar a iniciativa para que a mudança que tanto necessitamos aconteça e dar o primeiro passo. Em minha prática como professora do Ensino Fundamental I e atuando na SRM com o atendimento educacional especializado, tenho vivenciado, por meio da Educação Inclusiva na Instituição Escolar onde esta pesquisa foi desenvolvida, que é possível sim fazer a diferença e ressignificar a educação, atribuindo-lhe um novo significado. Quando os educandos reconhecem a diversidade e valorizam as diferenças, esse é o primeiro passo para a Educação Inclusiva.

Através da análise do contexto histórico da Educação Especial, compreendemos que, tradicionalmente, se configurou como um sistema paralelo e segregado de ensino, necessitando urgentemente de mudanças. Baseada na proposta da Educação Inclusiva surgia uma nova concepção de educação escolar, cada vez menos segregati-

va nas redes de ensino, garantindo a todos seus direitos, acesso e permanência nas instituições escolares, removendo todas as barreiras para a aprendizagem.

Portanto, mais que uma proposta educacional, a Educação Inclusiva pode ser considerada uma nova cultura escolar: uma concepção de escola que visa o desenvolvimento de respostas educativas que atinjam a todos os alunos, independente de suas condições intrínsecas ou experiências prévias de escolarização (Glat; Pletch; Fontes, 2007, p.344).

Uma escola com foco na formação de professores e equipes de gestão, reestruturando sua estrutura e projeto político pedagógico, reavaliando suas metodologias e recursos pedagógicos. A seguir, apresentaremos alguns eventos relevantes ocorridos nos últimos anos no que diz respeito ao reconhecimento da Educação Inclusiva, que Glat, Pletsh e Fontes (2007) consideram uma nova cultura escolar.

2.3 EDUCAÇÃO ESPECIAL À EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Educação Especial, que é historicamente responsável pela educação de pessoas com deficiências, distúrbios graves de aprendizagem ou comportamento e altas habilidades, tem se mostrado cada vez mais relevante nos debates políticos educacionais, buscando mudanças extremamente necessárias, uma vez que a Educação Especial é indispensável para a efetivação e o sucesso da Educação Inclusiva em nosso país. Podemos concluir a respeito da Educação Especial.

A Educação Especial tradicionalmente se configurou como um sistema paralelo e segregado de ensino, voltado para o atendimento especializado de indivíduos com deficiências, distúrbios graves de aprendizagem e/ou de comportamento, altas habilidades ou superdotação. Foi caracterizando-se como serviço especializado por agrupar profissionais, técnicas, recursos e metodologias específicas para cada uma dessas áreas. Estes especialistas se responsabilizavam pelo ensino e aprendizagem dos alunos então chamados de especiais, mesmo quando estes participavam de turmas comuns em escolas comuns (Glat, 2007, p.15).

A educação para pessoas com deficiência deveria ser efetivada e facilitada no âmbito nacional, com o objetivo de um enfoque mais amplo, e não uma educação iso-

lada e separada. É importante salientar que o público-alvo da educação especial tem seus direitos assegurados por leis e que elas sejam efetivamente implementadas. "Uma revolução não só na Educação Especial, mas em toda a prática educativa." (Cardoso, 2011, p.18) Voltada para a sua participação plena na comunidade à qual pertence.

Na linha do tempo da Educação Especial, é possível observar a diversidade de formas como as pessoas com deficiência conviviam com a sociedade, bem como as características específicas de cada época, construídas historicamente pelos grupos sociais aos quais pertenciam. Dada a tendência mundial de luta contra a marginalização das minorias excluídas, iniciou-se a divulgação e consolidação dos princípios que nortearam a filosofia da Normalização no Brasil. Esta concepção, partia da premissa básica de que as pessoas com deficiências têm o direito de usufruir as condições de vida os mais comuns ou normais possíveis na sua comunidade, participando das mesmas atividades sociais, e de lazer que os demais (Glat, 1995).

A ideia era proporcionar às pessoas com necessidades especiais condições de vida semelhantes às da maioria da população. A normalização refere-se às condições do ambiente em que vivem as pessoas com deficiência, que devem ser semelhantes às das pessoas em geral, destinando recursos e serviços a elas destinados o mais próximo possível dos utilizados pelos outros membros de seu grupo social, e não a normalização da pessoa com deficiência.

Foi buscado um compromisso em aprimorar a qualidade de vida dos indivíduos com e sem deficiência, por meio de uma sociedade mais humanizada, solidária e igualitária.

O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em coisas. Comprometer-se com a desumanização é assumi-la e inexoravelmente, desumanizar-se também. Esta é a razão pelo qual o verdadeiro compromisso, que é sempre solidário, não pode reduzir-se jamais a gestos de falsa generosidade, nem tão pouco ser um ato unilateral, no qual quem se compromete é o sujeito ativo do trabalho comprometido e aquele com quem se compromete a incidência de seu comprometimento (Freire, 1979, s.p).

No Brasil, o sistema educacional público se preocupava em assegurar o acesso à escola para todos os portadores de deficiência, através de leis e decretos. Muitos poderiam argumentar que as políticas educacionais brasileiras sempre foram consideradas democráticas. Dessa forma, diversos órgãos e políticas públicas foram criados para gerenciar e expandir melhorias no atendimento às pessoas com deficiência.

A criação pelo MEC do Grupo-Tarefa da Educação Especial (1972), que se dirigia à educação das pessoas excepcionais, e a relevante proposta de estruturação e criação no Ministério de Educação e Cultura, que se referia à Educação Especial, o órgão de atendimento aos excepcionais no Brasil foi responsável por administrar e expandir melhorias para o atendimento aos excepcionais. Inicialmente denominado CENESP-Centro Nacional de Educação Especial, depois se tornou Sesp - Secretaria de Educação Especial (Mazzotta, 2011).

A preocupação de que as classes fossem atendidas por um professor especializado não foi uma exigência, mas sim uma recomendação, uma vez que a educação estava muito direcionada ao campo terapêutico de forma preventivo-corretiva. Além disso, o foco principal não era o pedagógico ou, mais especificamente, o escolar, mas sim a integração.

De acordo com a filosofia da Normalização, desenvolveu-se o Paradigma de Integração⁵. Este modelo foi bastante criticado, uma vez que afirmava uma adaptação prévia dos estudantes com deficiências para a inclusão no ensino regular, sem se preocupar com as dificuldades individuais, e os estudantes, na sua maioria, permaneciam segregados em escolas ou classes especiais, devido às suas deficiências. De acordo com Glat e Fernandes (2005), sobre a integração: O deficiente pode se integrar à sociedade, tornou-se a base política, filosófica e científica da Educação Especial. Tomando força em nosso país com o processo de redemocratização, com o redirecionamento das políticas públicas, qualidade de serviços e atendimento das pessoas com necessidades especiais.

⁵ Neste período o CENESP publicou os Subsidios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial (1984), apoiando os princípios filosóficos da normalização, integração e individualização, propondo as modalidades de atendimento: classes especiais, salas de recursos, ensino itinerante, escolas e centros especiais.

Como apontado por Mazzotta (2011, p.80), No ano de 1986, a CENESP/MEC novamente estabelece normas para a prestação e apoio técnico e/ou financeiro à Educação Especial nos sistemas de ensino público e particular. Observa-se um progresso conceitual na forma de atendimento, com o objetivo de promover o desenvolvimento completo e as habilidades do aluno com necessidades especiais.

E, de acordo com Mazzotta (2011), pela primeira vez na história, aparece a expressão educando com necessidades especiais, uma vez que até então era usada a expressão aluno excepcional, que foi extinta nos textos oficiais.

O artigo 208 da Constituição Federal assegura o acesso educacional especializado para pessoas com deficiências, preferencialmente na rede regular de ensino (Brasil, 1988), bem como outros documentos, decretos e resoluções que regulamentam a Política Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência, consolidando normas de proteção e outras medidas.

No entanto, a prática divergia da teoria, pois as instituições de ensino regular tinham grandes dificuldades para incluir o aluno com deficiência. A classe especial, que era o caminho para o ensino regular, acabava se tornando um depósito de estudantes que não conseguiam aprender, sendo exilados. A criança era a responsável pelo fracasso na aprendizagem, devido às suas deficiências ou problemas sociais. De acordo com Glat (2007), ao invés de buscar explicações no âmbito coletivo, esses problemas acabam sendo dos indivíduos, sendo, em muitos casos, questões biológicas.

Outra dificuldade na implementação deste modelo era o isolamento e a falta de diálogo entre o professor da sala de recursos e o regente da turma em que o aluno com deficiências estava integrado. Embora os professores especializados enfatizassem seu papel no papel do suporte ao desenvolvimento de atividades específicas da área da deficiência e rejeitasse a tarefa de reforço de conteúdos desenvolvidos nas turmas comuns, na maioria dos casos a escola tradicional acabava delegando a responsabilidade pelas aprendizagens desses alunos exclusivamente ao professor as salas de recursos (Glat, 2007, p.23).

Havia um processo de exclusão dentro da escola, uma vez que os alunos permaneciam segregados, o que levou à reflexão sobre as estratégias e práticas tradicionais da Educação Especial. Desencadeando a busca por alternativas pedagógicas menos discriminatórias, que são reconhecidas nas Políticas Públicas Nacionais e Interna-

cionais. Na década de 1990, com a proposta de Educação Inclusiva (Glat; Pletsh; Fontes, 2007).

A Educação Inclusiva é inspirada na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que uniu diversos governos para: proteger o homem contra o homem, as nações contra as nações e sempre que homens e nações se arroguem o poder de violar direitos (DIREITOS HUMANOS, 2017, p.13). Estabelecendo o respeito, o direito e a liberdade para todos os povos e nações, reconhecendo a igualdade e o direito de todos.

A Declaração dos Direitos Humanos vem ao encontro do resgate da dignidade, nos quais a barbárie, que afronta e desprezo pelos direitos humanos, maculou a história, na busca de um mundo mais humano, livre e justo, reafirmando o direito de Educação para todos. De acordo com Lopes e Fabris (2017), o "para todos" não era ainda a medida que garantiria a educação para todos.

Reforçando o empenho da comunidade global em garantir esse direito a todos, independentemente de suas diferenças e particularidades (Gadotti, 2008). Embora as nações tenham declarado em sua Conferência sobre Educação para Todos que todos têm o direito de ter acesso à educação, mais de 100 milhões de crianças não tinham acesso ao ensino fundamental, 960 milhões de adultos são analfabetos e mais de um terço da população mundial não tem acesso a materiais impressos, tecnologia para uma vida mais satisfatória e direito à educação de qualidade. Mostrando que uma grande parte da população mundial é marginalizada e que, por muito tempo, a educação para todos era uma utopia, fruto de uma sociedade individualista.

Tal indivíduo cada vez mais individualista tem no outro alguém que necessita tolerar, ajudar e fazer caridade, ou alguém com quem compete constantemente, ou alguém com quem se aliar e se fortalecer em questões pontuais, ou, ainda, alguém que está aí, mas que não o afeta e não o interessa (Lopes; Fabris, 2017, s.p).

A sociedade necessitava de uma sociedade menos individualista e mais preocupada com os outros, tendo em vista que todos deveriam ter acesso à educação de maneira a respeitar suas diferenças, uma vez que a essência da humanidade apresenta diferenças e devemos reconhecê-las e apreciá-las. Mesmo os estudantes considera-

dos normais têm suas diferenças e dificuldades de aprendizado. Quando abandonamos o individualismo e nos dedicamos ao coletivo, compreendemos a relevância e a riqueza da diversidade.

Embora o termo inclusão já estivesse presente na Conferência Mundial Sobre Necessidades Especiais: Acesso e Qualidade (UNESCO, 1994), que ocorreu na cidade de Salamanca, Espanha, em 1994, a Declaração de Salamanca trouxe provisões e recomendações sobre os princípios, políticas e, sobretudo, a prática de reconhecer e dar a devida atenção às necessidades especiais, tornando a educação acolhedora para todos, passando pela formulação das políticas públicas de Educação Inclusiva no Brasil e no mundo. Ao assinar a Declaração de Salamanca, o Brasil comprometeu-se com o alcance dos objetivos propostos - que visam à transformação dos sistemas de educação em sistemas educacionais inclusivos (Capelline. 2018 p.30).

Há um compromisso das nações para que a educação das pessoas com necessidades especiais seja desenvolvida no sistema de ensino regular, e a política educacional do Brasil é fundamentada na legislação vigente e convertida em diretrizes para a Educação Básica dos Sistemas Federais.

O estabelecimento da Educação Inclusiva como política educacional, implica como já discutido, em uma reorganização da estrutura e cultura da escola para oferecer um ensino de qualidade para todos os educandos, inclusive para aqueles que apresentem necessidades educacionais especiais. Isto se refere tanto aos alunos com deficiências ou outras condições peculiares de desenvolvimento. Até então atendidos pela Educação Especial (Glat; Pletsch; Fontes, 2007, s.p).

Destacamos dois conceitos abordados nesta citação, o primeiro é o conceito de deficiência, pois, de acordo com Glat, Pletsch e Fontes (2017), o conceito de deficiência representa as condições orgânicas do indivíduo, o que pode resultar em uma necessidade educacional especial, mas não necessariamente; o conceito de necessidade educacional especial está intimamente ligado à interação do estudante com os conteúdos e a proposta educativa com a qual se depara no cotidiano escolar.

A Educação Inclusiva, de acordo com a UNESCO (1990), veio reafirmar o direito à Educação para Todos, e acolher crianças, jovens e adultos com necessidades especiais, inseridos no sistema regular de ensino, garantindo, dessa forma, o direito à parti-

cipação plena na sociedade, independentemente de sua deficiência ou comprometimento.

Educação Inclusiva se baseia justamente no pressuposto de que se a escola oferecer um currículo flexível e vinculado aos interesses individuais e sociais dos alunos, garantir acessibilidade de locomoção e comunicação em suas dependências, e desenvolver metodologias e práticas pedagógicas que atendam às demandas individuais, todos terão condições de aprender e desenvolver juntos (Glat; Pletsch; Fontes, 2017, s.p).

O foco da aprendizagem não é mais a dificuldade do estudante, mas sim as suas competências. A efetivação da Educação Inclusiva nas escolas é um grande desafio, que requer uma estrutura organizacional, metodologias e recursos pedagógicos, e, sobretudo, o comprometimento e o envolvimento de todos os alunos, criando um ambiente de aprendizagem e respeito à diversidade.

Outro documento relevante também forneceu subsídios para a construção da Educação Inclusiva, foi a Convenção sobre os Direitos das Crianças. Este documento se tornou um marco histórico internacional, o que foi ratificado pelo Governo Brasileiro no ano de 1990. Definindo de forma peculiar o cuidado e a atenção à infância, através da proteção, bem-estar e assistência especial, para o pleno e harmonioso desenvolvimento humano (UNICEF, 2023).

A convenção veio reafirmar os direitos das crianças com deficiência, para que tenham uma melhor qualidade de vida e direitos a cuidados especiais, com foco no seu pleno desenvolvimento. Dando orientação e colaborando de forma relevante, efetivando às relações entre os pares na busca de uma sociedade humanizada. Dessa forma, "estas relações não se dão somente com os outros, mas sim com o mundo, com o mundo e pelo mundo." (Freire, 1979, p.30) Todo ser humano é valioso, um ser de relações.

A Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra Pessoas Portadoras de Deficiência, que ocorreu em 1999, também é conhecida como Convenção de Guatemala. Ela reafirma a igualdade dos direitos humanos da pessoa com deficiência e a não discriminação por suas deficiências. Que em seu Artigo II, destaca que: esta convenção tem por objetivo prevenir e eliminar todas as

formas de discriminação contra pessoas portadoras de deficiência e propiciar a sua plena integração a sociedade (BRASIL, 2001).

Para atingir seus objetivos, a Convenção de Guatemala se compromete a tomar medidas legislativas, educacionais, trabalhistas e sociais para facilitar a vida das pessoas com necessidades especiais, eliminando a discriminação e garantindo sua formação integral.

Em 09 de novembro de 1999, durante a Assembleia Governativa da Rehabilitation Internacional (1999), em Londres, Grã-Bretanha, foi aprovada a Carta do Terceiro Milênio. Este documento é de suma importância, pois visa proteger e reconhecer os direitos humanos de qualquer pessoa em todos os níveis da sociedade.

No Terceiro Milênio, nós precisamos aceitar a deficiência como parte comum da variada condição humana. Estatisticamente, pelo menos 10% de qualquer sociedade nascem com ou adquirem uma deficiência; e aproximadamente uma em cada quatro famílias possui uma pessoa com deficiência. (Rehabilitation International, 1999, s.p)

Assim, a Carta reafirma os direitos humanos das pessoas com deficiência e oferece suporte às suas famílias para que sejam plenamente incluídas na vida das suas comunidades. É dever de todos os governos e instituições planejar iniciativas que protejam os direitos das pessoas com necessidades especiais, incentivando a inclusão em todos os aspectos da vida.

E reiterar que a história da pessoa com deficiência tem como objetivo assegurar que todos os seres humanos sejam considerados dignos, independentemente de sua condição, incentivando a solidariedade e a construção de uma sociedade humana e inclusiva, uma vez que reconhecemos que a educação tem o poder de transformar o mundo.

A inclusão também se legitima, para muitos alunos, é único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e viver dignamente (Mantoan, 2003, p.30).

Incluir, respeitando identidades e diferenças. A escola proporciona um ambiente de inclusão no qual os princípios democráticos de igualdade, equidade e diversidade são fundamentais para a criação de uma Educação Inclusiva que compreenda e respeite as diferenças.

Diante do contexto histórico da Educação Inclusiva, é importante salientar a relevância da formação do professor, que tem sido bastante precária no nosso país, tendo muita dificuldade para lidar com a complexidade e diversidade de uma turma do ensino regular. O professor especializado, capacitado para lidar com diferentes necessidades educacionais especiais, deve fornecer suporte e formação continuada para os professores regulares, com o objetivo de promover a inclusão e o atendimento dos alunos em modalidades como classes especiais, salas de recurso e ensino itinerante, de acordo com o preconizado no artigo 59 da Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996).

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: [...] III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para o atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos em classes comuns;

A Educação Inclusiva é um processo que se desenvolve de forma progressiva, dinâmica e contínua. Ao abraçar este projeto, a escola terá que encontrar soluções próprias para os problemas enfrentados de acordo com a sua realidade. As mudanças não devem ser apenas fruto de Leis e Decretos, mas sim fruto da vontade política da escola, expressa em seu Projeto Político Pedagógico - PPP e vivenciada através de uma gestão escolar democrática.

Em seguida, abordaremos a relevância do Atendimento Educacional Especializado na Sala de Recursos Multifuncional e nos atendimentos Itinerantes nas salas de ensino regular, lembrando que a pesquisa em questão ocorreu durante os Itinerantes em uma classe de ensino regular do Ensino Fundamental I.

2.4 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO AMBIENTE ESCOLAR

No processo de construção e fortalecimento da Educação Inclusiva, que estabelece metas para a escolarização de pessoas com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

A Política Nacional de Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) traz o Atendimento Educacional Especializado - AEE, um serviço de educação especial oferecido preferencialmente em escolas comuns. Este serviço [...] identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas (SEESP/MEC/2008). São atendidos nas Salas de Recursos Multifuncionais, conforme o Decreto N.6.571/2008: alunos com deficiência (ONU, 2006), estudantes com transtornos globais do desenvolvimento (MEC/SEESP, 2008) e alunos com altas habilidades e superdotação (MEC/SEESP, 2008).

Dessa forma, fundamenta-se a organização de salas de recursos e apoio pedagógico para atender às especificidades dos educandos da educação especial, sendo a matrícula no AEE condicionada à matrícula no ensino regular. O atendimento é oferecido preferencialmente na escola onde o estudante está matriculado, no período de contraturno escolar.

O motivo principal de o AEE ser realizado na própria escola do aluno está na possibilidade de que suas necessidades educacionais específicas possam ser atendidas e discutidas no dia a dia escolar e com todos os que atuam no ensino regular e/ou na educação especial, aproximando esses alunos dos ambientes de formação comum a todos. Para os pais quando o AEE ocorre nessas circunstâncias, propicia-lhes viver uma experiência inclusiva de desenvolvimento e de escolarização de seus filhos, sem ter que recorrer a atendimentos exteriores à escola (Ropoli, 2010, p.18).

A Sala de Recursos Multifuncionais, como o nome sugere, remete à forma como o atendimento educacional especializado é realizado nesse espaço. Esse processo ocorre por meio de recursos pedagógicos, com os quais o professor realiza seus atendimentos de maneira dinâmica, lúdica e prazerosa. Esses recursos são utilizados de

diversas formas, incluindo jogos variados, brincadeiras e brinquedos, que atendem às necessidades pedagógicas de seus educandos, sempre buscando instigar e motivar a curiosidade. Através de uma aprendizagem lúdica, o educando constrói, junto com o professor, uma aprendizagem mais significativa.

O papel do professor do AEE é de extrema importância, pois, como já mencionado, deve haver um envolvimento entre o professor especialista e o professor do ensino regular. Ao professor do AEE cabe suplementar e complementar a formação do aluno com conhecimentos e recursos específicos, conforme suas necessidades, para eliminar barreiras que impedem sua autonomia, limitando sua participação e independência nas turmas comuns de ensino regular.

O professor do AEE deve estar em constante interação com a comunidade escolar, como na construção do Projeto Político Pedagógico - PPP.

A constatação de que a realidade escolar é dinâmica e depende de todos dá força e sentido à elaboração do PPP, entendido não apenas como um mero documento exigido pela burocracia e administração escolar, mas como registro de significados a serem outorgados ao processo de ensino e de aprendizagem, que demanda tomada de decisões e acompanhamento de ações conseqüentes (Ropoli, 2010, p.09).

Além da elaboração conjunta do PPP, ele atua como articulador, por meio do estudo e desenvolvimento de recursos e materiais didáticos para atender e apoiar o aluno em sala de aula, além da formação continuada dos professores e demais membros da equipe escolar. E para atuar no AEE, o professor deve ter formação específica que atenda aos objetivos da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. (Ropoli, 2010, p.28) Isso é realizado através de cursos de formação continuada de aperfeiçoamento e especialização para melhor atender seus estudantes.

O Atendimento Educacional Especializado-AEE é um instrumento na busca pela igualdade, e a Sala de Recurso Multifuncional atua como um espaço cognoscente, contribuindo como um lugar de saber. Todo ser humano é capaz de aprender e possui direitos iguais. O direito de sermos humanos.

Em respeito à diversidade e à realidade humana de todos os habitantes do Planeta Terra, é fundamental conhecer o currículo inclusivo, que deve, primordialmente,

considerar as habilidades e necessidades dos estudantes, sendo flexibilizado quando necessário. Isso é essencial para romper com o modelo de escola que não atende à heterogeneidade e para buscar práticas pedagógicas que valorizem a singularidade e a pluralidade dos estudantes.

A pluralidade do alunado e das relações que se estabelecem no contexto escolar evidencia a complexibilidade da organização de um currículo coerente com a diversidade. Nesse sentido, o currículo tora-se a base para estruturar situações de inclusão e de exclusão que começa em sala de aula (Minetto, 2021, p.43).

O professor deve estar atento à pluralidade dos estudantes e promover a educação inclusiva no ambiente escolar, pois, de acordo com Minetto (2021), nossa principal característica em comum é a diversidade, e nossa principal semelhança é a diferença. A diferença não se limita apenas ao estudante da educação especial, mas abrange todos os estudantes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, pois, antes de ser da educação especial, ele é um estudante da escola, e todos pertencem ao mesmo espaço.

A educação inclusiva não é benéfica apenas para crianças com desenvolvimento atípico, mas também ao grupo de estudantes em geral. As metodologias utilizadas são mais flexíveis e apresentam maior variabilidade. Segundo Bettio (2021), as crianças que não se adequavam totalmente às metodologias padronizadas e rígidas podem usufruir de diferentes alternativas e possibilidades de aprendizagem. Um espaço de convivência composto por estudantes com diferentes características proporciona a interação social, permitindo aquisição de novas percepções fundamentais para a desconstrução de preconceitos.

O contato com a diversidade é o primeiro passo para ensinar sobre tolerância e combater atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade inclusiva e acolhedora (UNESCO, 1994). Construir ambientes inclusivos por meio das diferenças contribui para o desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Nessa perspectiva, a visibilidade de um movimento pela inclusão escolar se refere não apenas às pessoas com deficiência, mas impulsiona a valorização da diversidade como um fator da qualidade da educação, pois trás a tona a questão do direito de todos a educação e ao atendimento

às Necessidades Educacionais Especiais dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, enfatizando o acesso, a participação e a aprendizagem. Nessa visão, promover a participação e o respeito às diferenças significa enriquecer o processo educacional reconhecendo a importância do desenvolvimento das potencialidades, dos saberes, das atitudes e das competências de todos (Capellini, 2018, p.34).

Dessa forma, o propósito desta pesquisa é construir, em conjunto com a comunidade escolar, uma Educação Inclusiva por meio do Atendimento Educacional Especializado. Consideramos a inclusão um paradigma possível e urgente, tendo em vista a constatação da diversidade como uma parte integrante da natureza humana. O reconhecimento da diversidade vai muito além dos muros da escola; é uma forma de se conectar com o ambiente em que estamos inseridos, compreendendo que tanto os seres humanos quanto a natureza são repletos de diversidade. É um processo de conscientização e ação cultural que tem como objetivo a transformação da realidade.

Quando as pessoas aprendem a ler e a escrever sua realidade, atuando sobre ela para transformá-la, a sua ação é uma ação cultural. Para Freire, todos os seres humanos, ao entrarem em contato com a natureza e refletirem sobre o sentido que tem sua ação, são criadores de cultura. Portanto sua ação é uma ação cultural. A ação cultural é um ato de conhecimento e de transformação da realidade (Freire, 2016, p. 23).

É essencial que os estudantes compreendam que a educação inclusiva é o primeiro passo para apreciá-la a riqueza do nosso planeta, proporcionando o conhecimento, a valorização dos espaços que habitamos e o reconhecimento da natureza ao nosso redor. Conforme Gadotti (2011), conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento este na atividade humana. Para inovar é necessário conhecer.

A educação inclusiva evidencia que a escola é um espaço de diversidade, um ambiente que promove a paz, onde se estabelecem vínculos de afetividade com o outro e com a natureza, pois o ser humano e a natureza estão interligados em uma mesma comunidade: o Planeta Terra. Assim, o Paradigma da Terra é um paradigma civilizatório. E como a cultura da sustentabilidade oferece uma nova percepção e Terra, considerando-a como uma única comunidade de humanos, ela se torna básica para a cultura da paz (Gadotti, 2011, p.78).

No contexto da diversidade, não há distinção nem preconceito, pois todos somos seres humanos e enriquecidos por nossas diferenças, vivendo em um planeta repleto de biodiversidade. Dando continuidade a esse trabalho, abordaremos a Educação Ambiental na Perspectiva da Educação Inclusiva, assim como o processo de conhecimento e pertencimento local, focado nas práticas ambientais e na valorização da vida como um todo.

3 A BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Vale ressaltar que a educação inclusiva visa adaptar o sistema educacional para assegurar o acesso, permanência e condições de aprendizado para todos, sem preconceitos e para valorizar as diferenças.

Nesse processo de construção da Educação Inclusiva, como forma de ressignificar experiências, práticas e vivências em sala de aula, constroem-se valores na relação com o outro e com o espaço que ocupamos o planeta Terra.

Somos uma única nação, que compartilha a mesma identidade, a identidade humana, e estamos em processo de construção e reconstrução. O processo tão significativo no ambiente escolar é concretizado por meio do currículo, que deve ser elaborado de maneira política e democrática, visando atender às necessidades de todos, valorizando o ser humano e o planeta Terra, o qual é nossa casa, uma vez que tudo está conectado em uma complexa rede de vida. Acerca do currículo:

Ele nos ensina os valores da emocionalidade com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação da renovação. Todas as nossas escolas podem transformar-se em jardins e professores-alunos, educadores-educandos, jardineiros. O jardim nos ensina ideais democráticos: conexão, escolha, responsabilidade, decisão, iniciativa, igualdade, biodiversidade, cores, classes, etnicidade e gênero (Gadotti, 2011, p. 78).

É responsabilidade da instituição de ensino, por meio de uma abordagem educacional aprofundada, que vai além dos materiais didáticos e currículos, estimular

o aprendizado por meio da vivência e do contato com a natureza, incentivando o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, valores, princípios e atitudes relacionadas à sustentabilidade, e em especial, possuir um conhecimento local da biodiversidade para uma vida mais sustentável. Segundo Gadotti (2011). Devemos educar para a sustentabilidade ou, simplesmente, educar para uma vida sustentável. O termo "vida sustentável" refere-se a um modo de vida que concilia a ecologia humana e a preservação ambiental.

A educação é o processo de transformação por meio de uma pedagogia que permita a interação e integração dos diferentes saberes que estão presentes no espaço escolar.

É preciso superar as práticas que atrapalhem, excluam ou fragmentam a educação ambiental, com foco em uma Educação Ambiental crítica e emancipatória. Segundo Loureiro (2014), uma pedagogia que esteja voltada à inserção dos educandos em seu processo de ensino e aprendizagem, que os constitua como sujeitos no mundo e que gire em torno das relações existentes entre sociedade, cultura e natureza.

Essa tríade de relações deve ser assumida através do compromisso de construir uma sociedade menos individualista e mais preocupada com o coletivo, no qual cada cidadão possa fazer a diferença em sua comunidade.

A Educação Ambiental na perspectiva da Educação Inclusiva vem possibilitar a conscientização, ou seja, aqui conscientizar só faz sentido se for posto, conforme o conceito de Paulo Freire (2016), que consciência é um processo de mútua aprendizagem pelo diálogo, reflexão e ação no mundo, com a participação de toda a comunidade escolar, firmando esse compromisso social, independente de suas diferenças ou especificidades. Loureiro (2004) ressalta que:

A Educação Ambiental (EA), por sua vez, pode ser entendida como o processo socioeducativo que tem por objetivo a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes nos indivíduos como forma de entender a realidade e nela atuar de maneira consciente e responsável, visando à qualidade de vida individual, coletiva e planetária (Loureiro, 2004, s.p).

Com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, ela reconhece que cada indivíduo possui suas potencialidades, em meio à grande diversidade humana, sem distinção de deficiências, assegurando o acesso igualitário ao conhecimento.

A educação é um direito de todos, logo, valorizar as diferentes formas de interação e percepção do meio ambiente é incentivar o empoderamento dos estudantes com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento, envolvendo a comunidade na criação de espaços mais acessíveis, na utilização de linguagens e recursos variados, promovendo uma cultura de respeito e inclusão.

Em novembro de 2007, ocorreu a IV Conferência Internacional de Educação Ambiental, em Ahmedabad, Índia. Os debates tiveram como foco principal a obra de Gandhi⁶, intitulada “Minha vida é minha mensagem” (Gadotti, 2008, p.81). Essa mensagem deve fazer parte da realidade da escola e da comunidade educativa, permitindo que se pratique uma educação transformadora, estabelecendo um vínculo de afetividade com a natureza e com o outro.

Se o meu amor pelo cosmos não abrigar o meu amor pelo outro, ele não pode ser mais do que uma forma ingênua ou fugidamente maldosa de ilusão de mim mesmo. Ou será que meu compromisso com a paz não começa pela questão da justiça e dos direitos humanos das pessoas da minha volta? Pensar globalmente, agir localmente pé uma sábia sugestão que não se aplica apenas a preservação da minha rua ou de uma Floresta Amazônica. Ela se aplica também a toda vivência política e social que trabalhe por instaurar o primado da justiça e solidariedade (Brandão, 2005, p.47).

Diante do atual contexto social global, é um grande desafio a construção de uma educação transformadora, que promova a formação de um novo ser humano, para um novo mundo, no qual seres humanos e natureza estejam em sintonia, orientados por políticas e práticas que priorizem a sociedade na totalidade, e não isoladamente.

Um sistema educacional libertador, de acordo com Freire (2005), em que os estudantes cresçam através da aprendizagem de forma harmoniosa, cada qual em seu potencial de desenvolvimento, para viver comunitariamente, na verdade, justiça e paz.

⁶ De acordo com Kartikeka V. Sarabhai (2007, p.1), a filosofia da educação de Gandhi trata do desenvolvimento do corpo, da mente e do espírito. Seu conceito de educação tem impactado o quadro geral dos objetivos da educação Indiana, com ênfase na autonomia e na dignidade dos sujeitos que formam as bases das relações sociais, caracterizadas pela não violência no interior da sociedade.

A educação ambiental, como um meio para uma educação inclusiva, aumenta a sensibilização e a consciência de que somos cidadãos planetários e pertencemos ao mesmo planeta. Gutiérrez (2013, p.16), ressalta que: um aspecto básico da planetariedade é sentir e viver o fato de que somos parte constitutiva da Terra: esse ser vivo e inteligente que nos pede relações planetárias, dinâmicas e sinérgicas.

Essa perspectiva crítica indica a necessidade urgente de ações efetivas no ambiente escolar, além da adoção de uma nova postura, que supere as leis e decretos, de acordo com Loureiro (2007, p.70): [...] processo educativo que visa à transformação de nosso modo de vida; a superação das relações de expropriação, dominação e preconceitos; liberdade para conhecer e gerar cultura tornando-nos autônomos em nossas escolhas.

Dessa forma, a construção do conhecimento e do pensamento crítico não se dá de forma linear, mas é um processo contínuo e significativo na relação humana-natureza, através do diálogo, valorizando as potencialidades e de uma educação transformadora que se baseie na vida humana, sem considerar suas diferenças e diversidades.

A inclusão implica lidar com a diversidade que constitui a natureza humana. A tríade sociedade, cultura e natureza deve levar em conta as relações e a realidade de cada estudante, criando sentido e conhecimento. É crucial, portanto, buscar o conhecimento, respeitando as diferentes realidades.

3.1 REGULAMENTAÇÃO AMBIENTAL NA RELAÇÃO À EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

É crucial ter clareza sobre o que é conhecimento e como buscar esse conhecimento, uma vez que existem diversas leis, decretos e políticas públicas que envolvem a defesa e preservação do Meio Ambiente.

Não seria viável neste trabalho citar todas, mas vamos nos concentrar naquelas que se mostram mais significativas para o tema em questão.

Conforme o artigo 225 da Constituição Federal de 1988, a conservação do meio ambiente ecologicamente equilibrado é crucial para aprimorar a qualidade de

vida de todos os brasileiros, cabendo ao governo e à sociedade a responsabilidade de protegê-lo e preservá-lo para as futuras gerações, assegurando o direito de viver em um ambiente propício à qualidade de vida e ao uso adequado dos recursos naturais na sociedade.

Nesta perspectiva citaremos sete incumbências que asseguram a efetividade deve direito:

- I** - preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas;
- II** - preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético do País e fiscalizar as entidades dedicadas à pesquisa e manipulação de material genético;
- III** - definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção;
- IV** - exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade;
- V** - controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente;
- VI** - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente;
- VII** - proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais à crueldade.

Estas incumbências estabelecem as bases legais para a educação ambiental no Brasil e para a conscientização ecológica, pois esse processo deve ser construído de forma dialógica, respeitando a coletividade e as diferenças. Assim, coloca em questão o ato de conhecer como fundamental para praticar a educação ambiental e a maneira como a sociedade se relaciona com a natureza. É necessário que haja uma transformação e construção coletiva, segundo Loureiro (2024, p.15):

Para tanto a formação de sujeitos escolares em uma perspectiva crítica e transformadora requer investimento na elaboração e na efetivação das abordagens teórico-metodológicas que propiciem a construção de concepções de mundo que se contraponham às concepções de que o sujeito é neutro, de que a educação consiste em acúmulo e transmissão de informações, de queo conhecimento é transmitido do professor para

o aluno numa via de mão única, de que a ciência e seu ensino são balizados por critérios positivistas, entre outras concepções fragmentadas do mundo.

E, através desse compromisso na formação dos sujeitos escolares, cabe destacar que, para conhecer e compreender a complexidade desse sistema rico em biodiversidade, não será construído por meio de uma educação tradicional e bancária, de forma fragmentada, como observamos em muitas instituições de ensino. Será necessária uma educação que promova uma mudança de paradigma, conduzindo os educandos a valorizar e realmente se preocupar em efetivar ações de proteção ambiental, começando pelo quintal de sua casa, seu bairro e escola, mobilizando a comunidade em prol do respeito e cuidado com a natureza.

Foram várias as grandes conferências ambientais em nossa história. A primeira delas, muito importante, ocorreu em 1972, em Estocolmo, Suécia. Foi chamada de Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Humano e estabeleceu 26 princípios sobre desenvolvimento e meio ambiente, dando início a uma série de conferências sobre Meio Ambiente, com o intuito de que os países reconheçam sua responsabilidade por uma vida sustentável. Assim, atenta à necessidade de um critério e de princípios comuns que ofereçam aos povos do mundo inspiração e guia para preservar e melhorar o meio ambiente humano (ONU, 1972).

Na conferência, destaca-se a importância de o ser humano construir, ser criativo e estar em constante evolução, mas de forma responsável e sustentável, vivendo em harmonia com a natureza. É fundamental inspirar os povos, comunidades e cidadãos a unirem esforços para preservar o meio ambiente em benefício das futuras gerações.

Neste contexto, torna-se evidente o papel da educação, que, por meio do diálogo e da troca de saberes, dá significado ao que aprendemos. Afinal, como posso cuidar de algo que não conheço ou preservar se nunca ouvi falar?

Todo ser vivo aprende na interação com seu contexto: aprendizagem é a relação com o contexto. Quem dá significado ao que aprendemos o contexto. Por isso, para o educador ensinar com qualidade, ele precisa dominar, além do texto, o "com-texto"; além de um conteúdo, o significado do conteúdo que é dado pelo contexto social, político,

econômico, histórico [...] do que se ensina. Nesse sentido todo educador é um historiador (Gadotti, 2011, p.61).

O nosso país deve realmente assumir um compromisso com uma educação transformadora, que ofereça aos professores uma formação continuada de qualidade, para que possam promover uma aprendizagem significativa e uma “preocupação com a aprendizagem permanente” (Ropoli, 2010, p.28). Como já mencionamos, a Conferência destaca 26 princípios sobre o desenvolvimento do meio ambiente, um documento maravilhoso do início ao fim; no entanto, se esse documento não for colocado em prática dentro de nossas escolas, será apenas um belo e bem redigido texto.

Há uma grande diversidade de temas que envolvem o meio ambiente, visando uma mudança de estilo de vida e uma produção sustentável que respeite a biodiversidade. Infelizmente, essa variedade de conhecimentos e assuntos não chega ao cotidiano escolar, pois o meio ambiente e a relação do ser humano com a natureza têm dia e hora marcados nos cronogramas escolares para serem abordados na grande maioria das instituições.

Datas como o Dia da Árvore e a Semana do Meio Ambiente são tratadas como meras comemorações, onde o educando pinta uma folhinha, cola um crepom na árvore e fica por isso mesmo. É tempo de mudar, de sair do comodismo e de uma educação conformista voltada apenas para a escolarização.

Qualquer que seja a concepção de educação, ela deveria fazer de você um indivíduo único, não um conformista; deveria fornecer-lhe um espírito original, para enfrentar grandes desafios; deveria permitir-lhe encontrar valores que lhe servirão de guia por toda sua vida; deveria torna-lo espiritualmente rico, uma pessoa que ama o que quer que faça, onde quer que esteja com quem quer que esteja; deveria ensinar-lhe o que importa: como viver e como morrer (Gatto, 2019, p.97).

Muitas vezes, a nossa realidade nos faz permanecer na mesma situação, pois, para que haja uma mudança, precisamos compreender que é um processo contínuo, que não se altera de um dia para o outro. Toda a comunidade escolar deve participar desse processo para uma educação transformadora, onde os educadores devem ser sabotadores de esquemas opressivos.

De acordo com Gatto (2019, p.128), faço este apelo a todos vocês que me perguntam sobre o que fazer em suas próprias escolas: sejam sabotadores, sejam pequenas gotas de água que erodem a terra árida que é a escolarização institucional imposta. Essas pequenas gotas que erodem a terra árida vêm através do conhecimento, pois educar é um ato de coragem e amor, pois quando você realmente ama o que faz, o seu maior desejo é transmitir ao próximo esse amor.

A educação é essencial para o ser humano, permitindo a apropriação de tudo o que já foi construído. Aprendemos com as gerações passadas, respeitando e cuidando do planeta para as futuras.

Confesso que, durante anos como educadora, enfrentei diversas dificuldades relacionadas à qualidade da educação, mas também vivenciei inúmeros momentos de superação e intensa criatividade. É preciso dar o primeiro passo, mesmo diante das inúmeras dificuldades que nós, educadores, enfrentamos em um país que não valoriza a educação. Para Gadotti (2011), educar é também aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento. Por isso que ser professor é um ato de amor (Freire, 2005).

Nesse contexto entre Educação, Meio Ambiente e Educação Inclusiva, fica claro que tudo está interligado. A compreensão de que fazemos parte de um mesmo povo, cidadãos do mesmo planeta, rico em diversidade e variados em nossas diferenças, destaca a emergente necessidade de conhecimento sobre qual é o nosso lugar neste planeta. É fundamental criar um vínculo com a natureza e com o outro, além de nos inspirarmos na riqueza da natureza e no que está próximo de nós.

Onde o estudante possa ter conhecimento da realidade ambiental de sua região, incluindo o ecossistema predominante, a biodiversidade do entorno e as espécies em extinção.

Precisamos pensar globalmente; os estudantes necessitam conhecer as diferentes regiões do planeta Terra, mas qual o significado da aprendizagem se ficarmos apenas em fotos e livros? Nossas crianças precisam conhecer o espaço que ocupam: seu bairro, sua rua, o rio ao lado de sua casa, o mangue perto da escola. Por que a maré sobe e as casas inundam? Por que, ao ir para outro município, há tantas

árvores? Será que é uma floresta? E ali, quais animais predominam nessa região? Se há mar, quais peixes e animais marinhos vivem nesse oceano?

Quando começo a enxergar aquilo que está perto, com o qual tenho maior contato, a aprendizagem passa a ter mais significado e cuidar da natureza se torna relevante, pois não estamos separados dela; fazemos parte dela, surgindo um sentimento de planetariedade e pertencimento local, deixando de lado uma educação fragmentada.

Para tanto, a formação de sujeitos escolares em uma perspectiva crítica e transformadora requer o investimento na elaboração e na efetivação de abordagens teórico-metodológicas que propiciem a construção de concepções de mundo que se contraponham às concepções de que o sujeito é neutro; de que a educação consiste em acúmulo e transmissão de informações; de que o conhecimento é transmitido do professor ao aluno numa via de mão única; de que a ciência e seu ensino são balizados por critérios positivistas, entre outras concepções fragmentadas de mundo. (Loureiro; Torres, 2014, p.15).

Jamais devemos esquecer que nosso Planeta, a nossa Casa, clama por socorro, e que sofreremos as consequências se não mudarmos de atitude, por meio de uma educação que vivencie de forma real e concreta a construção de concepções de mundo e de pertencimento, cultivando no ambiente escolar o amor ao próximo e à natureza.

Conforme Gadotti (2011), nossa identidade é, ao mesmo tempo, individual e cósmica. Educar para estabelecer um vínculo amoroso com a Terra, não para explorá-la, mas para amá-la. Compreender que a Terra não é um planeta isolado, mas que nós, seres humanos, precisamos da natureza para nossa sobrevivência. Promover a educação sustentável é essencial para a construção de uma sociedade mais consciente e verdadeiramente comprometida com o cuidado e a preservação do Planeta Terra, Nosso Lar. De acordo com a Carta da Terra.

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos

finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado (UNESCO, 2002, s.p).

Nossas crianças precisam entender que nossas atitudes e ações têm impactos significativos no meio ambiente. A Terra é o nosso lar comum e segundo Gadotti (2011) Precisamos de uma Pedagogia da Terra, uma pedagogia apropriada para esse momento de reconstrução paragmática, apropriada à cultura da sustentabilidade e da paz. A Carta da Terra (2022) nos deixa bem claro que devemos: Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade (UNESCO, 2022). Ela destaca a necessidade de promover a equidade, para que todas as pessoas tenham acesso a um ambiente saudável e seguro.

Dessa forma, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED), também conhecida como Rio-92 ou ECO-92, foi realizada no Rio de Janeiro em 1992. A delegação composta por 175 países participou da maior reunião de líderes mundiais da época. Também é conhecida como a Cúpula da Terra ou Cúpula do Rio. O evento pediu aos governos mundiais que reconsiderassem o impacto ambiental das decisões políticas e dos projetos econômicos, discutir e buscar soluções para promover o desenvolvimento sustentável (Gadotti, 2008).

A Declaração destacou a importância de respeitar a Terra e a vida em sua diversidade, uma vez que ela enfatiza a diversidade humana e suas múltiplas diferenças. Considera a biodiversidade, os ecossistemas e as diversas culturas humanas (Diversidade), incluindo a valorização das diferentes culturas e modos de vida, reconhecendo a relevância do saber tradicional e da sabedoria local na promoção da sustentabilidade e na preservação dos ecossistemas. Aprender a amar a Terra e dar um verdadeiro sentido à sua subsistência.

A escola é o melhor lugar para difundir esse amor pela natureza, uma vez que a realidade escolar é rica em diversidade, e isso os faz compreender que a diversidade é parte da natureza humana e que as diferenças nos enriquecem. Este é o primeiro passo para que, no futuro, existam cada vez mais cidadãos que respeitem o outro e compreendam que o diferente é normal.

Essa atitude de respeito pelo outro e amor pela natureza, pode ser motivada e inspirada por cada um, sempre com o objetivo de uma aprendizagem realmente significativa, dentro e fora da escola, tornando a instituição escolar um espaço verde, onde os estudantes têm contato com a natureza, através do trabalho coletivo respeitando as individualidades de cada um. Vários projetos trabalham com diversos temas, como a redução do uso de plástico, o consumo consciente, o plantio de árvores e plantas, a jardinagem, a reciclagem, a horta e outras atividades que envolvam uma vida mais sustentável, como a conservação dos recursos naturais e o apoio às iniciativas de preservação da biodiversidade.

O mais importante é que, para as crianças, estar na horta é algo mágico. Como disse um dos professores, "Uma das coisas mais fascinantes da horta é o fato de estarmos criando um lugar mágico para que as crianças que, do contrário, não teriam esse lugar, não teriam a oportunidade de estar em contato com a terra e com as coisas que crescem nela. Você pode ensinar tudo o que quiser, mas estar lá fora, plantando cosinhando e comendo - essa é a ecologia que chega ao coração da crianças, e essa experiência vai continuar com elas o resto da vida" (CAPRA, 2006, p.15).

As atividades práticas de contato com o meio ambiente podem ser uma oportunidade para que os alunos repitam em casa o que aprenderam na escola, fazendo com que todo esse processo de formação do cidadão sustentável faça parte do cotidiano escolar, sendo proposto como parte do Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) É crucial que não sejam ações isoladas, mas sim que todos os estudantes estejam envolvidos. Dessa forma, os próprios estudantes poderão perceber que não importa a diferença ou as dificuldades, todos têm capacidade e habilidade.

Sustentabilidade não tem a ver apenas com biologia, a economia e a ecologia. Sustentabilidade tem a ver com a relação que mantemos conosco mesmos, com os outros e a natureza. A pedagogia deveria começar a ensinar sobretudo a ler o mundo, como nos diz Paulo Freire, o mundo que é o próprio universo, porque é ele nosso primeiro educador. Essa primeira educação é uma educação emocional que nos coloca sobre o mistério do universo, da intimidade com ele, produzindo a emoção de nos sentirmos parte deste sagrado ser vivo e em evolução permanente (Gadotti, 2011, p.77).

É fundamental criar em nossos estudantes um vínculo de afeto ao nosso planeta, para que possam de fato compreender, que o universo não está lá fora. Está dentro de nós (Gadotti, 2011). Cada ação por menor que seja, como plantar uma pequena planta em um vaso, uma horta é um microcosmo de todo um mundo natural. Quem nunca plantou grãos de feijão em um copinho no Jardim de Infância e permaneceu observando seu crescimento por dias? São essas pequenas atitudes e experiências que devem ser cada vez mais incentivadas nos ambientes escolares, visando despertar a curiosidade, não apenas de forma individual, mas coletiva.

Educar para uma vida sustentável envolve reflexão, de que compartilhamos a vida, sendo extremamente necessário a participação de todos, para a construção de um mundo sustentável, onde todos possam compartilhar valores, princípios éticos e conhecimento (Gadotti, 2011). É fundamental introduzir uma cultura de sustentabilidade e paz nas comunidades escolares, para que se tornem mais cooperativas e menos competitivas.

Ter a cidadania mundial é extremamente essencial para que a humanidade compreenda o valor da vida e a maneira de sentir e viver o fato de que fazemos parte do Planeta Terra. Devemos, como cidadãos planetários, respeitá-la e promover sua diversidade.

Como já mencionamos anteriormente, compreender a tríade: natureza, sociedade e educação, são fundamentais para a formação de cidadãos capazes de escolher os indicadores de qualidade de seu futuro. Dessa forma, [...] a conotação da ecologia deveria deixar de ser vinculada apenas à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados (Guattari, 2012, p.36).

Ela é um dever de todos, uma responsabilidade coletiva; muitas vezes, em nossas escolas, fragmentamos a educação, e a criança cresce em um ambiente individualista, presa a currículos rígidos, centrada em uma educação voltada para a competitividade, aprisionada em uma sociedade totalmente capitalista.

Entender que somos cidadãos de nações diferentes, onde as dimensões local e global estão interligadas. Compartilhamos a mesma responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todos os seres vivos, relacionando-nos com o lugar onde vivemos e o espaço que ocupamos. Conforme a Carta da Terra.

Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual as dimensões locais e globais estão ligadas. Cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida, e com humildade considerando em relação ao lugar que ocupa o ser humano na natureza. Necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente (UNESCO, 2002, s.p).

A escola pode incluir no currículo a educação ambiental, abordando diversos temas como mudanças climáticas, conservação da biodiversidade, uso responsável dos recursos naturais e o impacto das ações humanas no meio ambiente e na diversidade humana.

Devemos celebrar a diversidade humana, pois ela nos enriquece, contribuindo para a construção de comunidades mais inclusivas e equitativas. O respeito à diversidade nos permite aprender com diferentes perspectivas, experiências e tradições, desafiando-nos a questionar nossos preconceitos e estereótipos, construindo uma sociedade mais justa e harmoniosa, onde cada indivíduo é valorizado pelo que é.

Sobre a inclusão na educação e o respeito à diversidade, Mantoan (2003), faz menção a escritora Marsha Forest, se referindo ao caleidoscópio⁷ educacional:

Em sua homenagem, destaco como Marcha se refere ao caleidoscópio educacional: O caleidoscópio precisa de todos os pedaços que compõem. Quando se retiram pedaços dele, o desenho se torna menos complexo, menos rico. As crianças se desenvolvem, aprendem de evoluem melhor em um ambiente rico e variado. (Mantoan, 2003, p.17)

Quando valorizamos a diversidade humana, criamos ambientes mais acolhedores e respeitosos, onde cada estudante se sente representado e incluído, independentemente de sua cor, deficiência ou característica física, uma vez que ser diferente é natural e faz parte de toda a comunidade planetária. É combater a discriminação e o

⁷ Citado em um dos livros, que escreveu com Lusthaus, e que se intitula *Le Kaleidoscope: Um Défi au Concept de la Classification en Cascade*. Está publicado em *Education-Intégration*. Downsview/Ontario, Institute Alain Roehrer, v.II,p.1-16,1987.

preconceito, onde cada um tem liberdade de expressar sua identidade e cultura, em um ambiente rico e variado, de respeito, companheirismo e amizade.

No Rio-92 (Brasil, 2024), foram aprovados cinco documentos visando serem usados como instrumentos de referência para políticas, programas, projetos e medidas que governos, empresas e organizações da sociedade devem promover.

Citarei dois desses documentos, não que os demais não sejam de extrema relevância. O primeiro será a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB) é um tratado da Organização das Nações Unidas estabelecida durante o notório ECO-92 – a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada no Rio de Janeiro em junho de 1992, e um dos mais importantes instrumentos internacionais relacionados ao meio ambiente.

A Convenção entrou em vigor em dezembro de 1993 e o Brasil aprovou o texto por meio do Decreto Legislativo n.º 2, de 1994, e a ratificou por meio do Decreto Federal n.º 2.519, de 16 de março de 1998. Até maio de 2023, 168 países assinaram e ratificaram a Convenção. Sobre diversidade|| conforme a Convenção sobre a Diversidade Biológica (BRASIL, 2024).

[...] expressão diversidade|| refere-se também a pluralidade de formas de vida, humana ou não , bem como a multiplicidade de arranjos sociais, religiosos, tecnológicos, institucionais, necessários e adequados as realidades de diferentes agrupamentos e a sustentabilidade ambiental da região onde vivem.

Extremamente importante compreender a pluralidade das formas de vida humana e o respeito às diferentes culturas e etnias, sempre incentivando a comunicação e a interação entre elas, não apenas em datas específicas. Como já mencionamos, é fundamental que isso faça parte do PPP da instituição escolar, desde a educação infantil até o nível superior.

Uma educação comprometida com a realidade dos estudantes e sua diversidade. Segundo Freire (2016), o compromisso com o mundo que deve ser humanizado para a humanização dos homens, responsabilidade com estes, com a história.

Outro documento importante que quero enfatizar é a Agenda 21, assinada em 14 de junho de 1992, no Rio de Janeiro, por 179 países, resultado da Conferência

das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio 92. Pode ser definida como um instrumento de planejamento participativo visando o desenvolvimento sustentável (Gadotti, 2008). A Agenda 21 busca as verdadeiras causas desses problemas e propõe um plano com metas de curto, médio e longo prazo, visando agir na raiz para solucionar o problema de forma definitiva, promovendo o desenvolvimento sustentável. Este plano envolve a participação de todos, reafirmando o dever de cada cidadão planetário de proteger e preservar o meio ambiente.

No âmbito global, a Agenda 21 é, em certo sentido, uma tentativa internacional de estabelecer e realizar um plano mundial para as transformações necessárias para que. No início do século XXI, os seres humanos e o planeta possam estar mais próximos das situações e vias que os levem às condições ideais de vida, individual e coletiva. Enfim a Agenda 21 pode ser compreendida como um plano que busca soluções para os problemas que enfrentamos hoje em qualquer parte do nosso País e até mesmo de nosso Planeta. Por isso em qualquer esfera, global a local, a Agenda 21 é um instrumento adicional para o exercício da governança com o envolvimento de organizações da sociedade na definição dos rumos e participação na gestão das políticas e da dinâmica do desenvolvimento. (UNCED, 2024, s.p)

Como habitantes da Terra, precisamos entender a noção de identidade planetária e reconhecer que todos compartilhamos uma identidade comum: somos cidadãos do mundo. Este documento nos revela que devemos enfrentar juntos, como uma grande comunidade, que, apesar de nossas diferenças culturais, étnicas e religiosas, todos somos moradores de um mesmo planeta e devemos compartilhar a responsabilidade de proteger e respeitar o ambiente em que vivemos.

O Planeta Terra é a nossa casa. Que os educadores possam fazer das escolas um local de respeito e amor ao nosso planeta, sem importar as diferenças. Podemos trabalhar juntos para criar um mundo mais justo, pacífico e sustentável. Dessa forma, temos a certeza de que a Educação Inclusiva e a Educação Ambiental caminham lado a lado para promover a educação humanizadora para um mundo possível.

3.2 OS DESAFIOS DA ESCOLA INCLUSIVA, EDUCANDO PARA UM MUNDO POSSÍVEL

São inúmeros os obstáculos que a Educação Inclusiva enfrenta diariamente para garantir que a escola seja efetivamente um espaço para todos. Um lugar onde os professores sejam capacitados para atender uma sala de aula inclusiva, onde a escola seja acolhedora e receptiva, proporcionando um ambiente de aceitação e inclusão de todos os estudantes.

Garantindo que o currículo seja acessível a todos os estudantes, com recursos tecnológicos e materiais adequados, para atender, independentemente das suas habilidades e necessidades. Com a colaboração e envolvimento dos pais na educação de seus filhos, é possível definir uma escola que se dedica à luta contra o preconceito, levando em conta as necessidades individuais e coletivas de todos os estudantes.

Alguns caminhos abrem espaço para o ensino no ambiente escolar, como a aprovação pela ONU da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (UNITED NATIONS, 2015). Esse novo marco global para redirecionar a humanidade para um caminho sustentável foi desenvolvido na esteira da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), no Rio de Janeiro, Brasil, em junho de 2012. No centro dessa agenda estão os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS⁸, que são uma série de metas globais estabelecidas pelas Nações Unidas com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável em todo o mundo, bem como à educação de qualidade.

Os sistemas de educação devem responder a essa necessidade premente, definindo objetivos e conteúdos de aprendizagem relevantes, introduzindo pedagogias que empoderem os educandos, e instando suas instituições a incluir princípios de sustentabilidade em suas estruturas de gestão (UNESCO, 2017, p.01).

Então, podemos observar que os desafios educação escolar Inclusiva caminha lado a lado aos desafios da Educação Ambiental. Na ODS 4 | Educação de qualidade | Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Esse objetivo demonstra a responsabili-

⁸ Os ODS universais, transformadores e inclusivos descrevem os principais desafios de desenvolvimento para a humanidade. O propósito dos 17 ODS é garantir uma vida sustentável, pacífica, próspera e equitativa na Terra para todos, agora e no futuro. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000252197>

dade das instituições educacionais em promover uma educação equitativa de qualidade, assegurando que todos os indivíduos tenham acesso a uma educação inclusiva. O objetivo é proporcionar oportunidades de aprendizado para todos, sem distinção de gênero, etnia ou situação socioeconômica. Ele enfatiza a importância da educação para criação de um mundo mais sustentável, equitativo e pacífico.

O propósito deste objetivo é instruir sobre a aprendizagem socio-emocional, a fim de aumentar a consciência sobre a relevância da educação por meio de métodos participativos, reconhecendo o valor inerente da educação e de suas habilidades para o crescimento pessoal.

Como educadores, podemos estabelecer em nossas instituições de ensino um programa educacional que atenda às metas e desafios da educação escolar Inclusiva e libertadora?

O educador só se liberta da condição de vítima ao empreender, junto aos alunos, práticas pedagógicas emancipatórias, em que indivíduos inseridos em determinada realidade historicamente contextualizada assumem um posicionamento epistemológico ético, simétrico, na prática pedagógica, ao realizarem coletivamente um processo problematizador e dialógico, confrontando e construindo vivências e saberes críticos, comprometidos com a humanização da realidade (Loureiro, 2014, p.129).

A educação humanizadora é construída através do diálogo, da construção coletiva, com o objetivo de modificar a realidade, colocando o estudante no centro do processo educacional, valorizando suas necessidades, habilidades, emoções e experiências, desenvolvendo-se em todos os aspectos, não somente no que diz respeito ao intelectual, mas também no emocional, social e físico.

É uma educação que promove uma reflexão crítica incentivando a autonomia e a responsabilidade. Esse modelo educacional se opõe a um modelo educacional autoritário e excludente, ou seja, uma educação bancária, que, de acordo com Freire (2013). O professor ainda é um ser superior que ensina ignorantes. Isto forma uma consciência bancária.

O educando recebe passivamente os conhecimentos, se tornando um depósito do educador, educa-se para arquivar o que de deposita. Nessa abordagem o estudante

é visto como um número, um qualquer e quase sempre um invisível, principalmente quando este estudante não está enquadrado dentro do padrão educacional. Freire (2013), afirma que a consciencia bancária pensa que quanto mais se dá, mais se sabe. Mas a experiência mostra que, com este mesmo sistema só se formam indivíduos medíocres, porque não há estímulos para criação.

Para superar esses obstáculos, é imprescindível que os educadores criem um ambiente de aprendizado acolhedor e inclusivo, no qual todos os alunos se sintam respeitados e valorizados, incentivando a diversidade de culturas e identidades. O professor desempenha um papel crucial nesse processo, demonstrando um amor pela educação.

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há um amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama (Freire, 1979, s.p).

O professor que ama a educação, apesar das dificuldades enfrentadas na carreira de educador, tem um profundo compromisso com o processo de ensino-aprendizagem. A educação é um instrumento poderoso para a transformação de vidas. Valorizar o conhecimento respeitando o potencial dos estudantes e seu conhecimento de vida é o primeiro passo para uma educação inovadora e humanizadora, que valorize a diversidade, assegurando a todos os educandos os mesmos direitos e oportunidades. No entanto, é imprescindível que o professor receba uma educação diferenciada, que envolva uma perspectiva mais humanista, de acordo com Glat (2018), uma formação para Educação Inclusiva. Compreendendo que todos têm a capacidade de receber os recursos e oportunidades adequados, é possível desenvolver habilidades cognitivas, acadêmicas e sociais, contribuindo para o mundo ao seu redor.

Conforme Gadotti (2011, p. 104) afirma o papel do professor como educador humanizador: Todo professor é, por função, educador [...] o educador é um intelectual dirigente, orgânico. Numa perspectiva emancipadora, o educador é um intelectual orgânico das classes populares a favor dos interesses das pessoas que necessitam de educação. Um verdadeiro educador consegue criar um ambiente de aprendizagem di-

nômico, inclusivo e inspirador para todos os estudantes. Ele tem domínio do que está ensinando, o qual faz com clareza e maestria, atendendo as necessidades individuais dos estudantes.

Ele está se atualizando constantemente, mediante formação continuada, sendo parte integrante do seu trabalho, ao ser um eterno estudante. Sempre preocupado com o progresso de cada estudante, e não sabe ficar indiferente, sua profissão está ligada ao amor e a esperança, para a construção da humanidade.

A esperança, para o professor, a professora, não é algo vazio, de quem espera|| acontecer. Ao contrário, a esperança para o professor encontra sentido na sua própria profissão, a de transformar pessoas, a de construir pessoas, e alimentar, por sua vez\, a esperança delas para que consiga, por sua vez, construir uma realidade diferente, mais humana, menos feia, menos malvada, comocostumava dizer Paulo Freire. Uma educação sem esperança não é educação (Gadotti, 2011, p.106).

Nesta perspectiva, observamos o quão importante é o professor como educador, que ser professor é ser educador, educando com esperança, para outro mundo possível. Gadotti (2011, p.13), ressalta que "O verdadeiro educador não adormece a alma, não se entrega à indiferença, não se encosta-se ao muro das lamentações à espera da aposentadoria desgostoso de tantas insatisfações. Quando o professor e o educando trabalham juntos, a escola se torna um local de crescimento e aprendizagem para todos.

Sem dúvida, este é um grande desafio para a escola atual, lidar com a grande diversidade de estudantes e suas interações no ambiente escolar, através de uma educação transformadora e libertadora.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundamentar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo "encha|| de conteúdos, não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes|| e na consciência intencionada do mundo. Não pode ser o depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens no mundo (Freire, 2005, p.77).

Os estudantes estão no centro do processo educacional, mediante uma relação dialógica e cognoscente com o educador. Ambos são responsáveis pelo processo e se desenvolvem juntos, com respeito, empatia, cooperação e, sobretudo, em colaboração nas resoluções de conflitos e autoconhecimento, estreitando os laços de amizade e incentivando o espírito crítico e criativo, através de diálogos constantes. Reconhecendo e celebrando a diversidade, tanto cultural quanto de habilidades, sendo um agente na promoção do respeito e da valorização das diferenças.

Uma ação educativa fundamentada no amor, na humildade e no diálogo, que fala com o coração e crê que com fé e esperança, a educação é um poderoso instrumento de libertação e transformação. Uma educação problematizadora. De acordo com Loureiro (2014, p.95), as atividades de ensino-aprendizagem envolvem estratégias didáticas que não só possibilitam aos alunos expressar suas ideias, mas também precisa desafiá-los a expressá-las, uma vez que o que se deseja é problematizá-las. Estas estratégias é parte fundamental no processo ensino aprendizagem, promovendo o crescimento do estudante, bem como sua aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades. Criar um ambiente rico e diversificado e levar os estudantes a resoluções de problemas, preparando-os para enfrentar os desafios reais.

Gadotti (2011) cita em seu livro *A Boniteza de um Sonho*, um ditado popular bem conhecido: quem sabe faz, quem não sabe ensina. Este ditado popular percebe-se, como a imagem do professor é desvalorizada em nosso país, e esta situação vem se arrastando há muitos anos. Dowbor (2013) relata uma carta deixada por um prisioneiro de campo de concentração nazista, após viver os horrores da Guerra, carta esta encontrada com a seguinte mensagem dirigida aos professores:

Sou sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum homem poderia ver. Câmaras de gás construídas por engenheiros formados. Crianças envenenadas por médicos diplomados. Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas. Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades. Assim tenho minhas suspeitas sobre Educação. Meu pedido é: Ajude seus alunos a tornarem-se humanos. Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis. Ler, escrever e aritmética só são importantes. Para fazer nossas crianças mais humanas. (Dowbor, 2013, p.03)

Esta mensagem enfatiza a relevância da educação humanizadora e, principalmente, a criação de um novo significado para a educação em nossas instituições de ensino. E o professor é a principal peça nesse cenário, como um ser curioso, que procura sentido para o que faz, mediando processos com os estudantes para construir e reconstruir o conhecimento. Um verdadeiro admirador da sabedoria, inspirado pela beleza de ensinar, um educador multicultural, aquele que ensina com significado e constrói um sentido para a vida.

Embora possa parecer uma visão poética do professor, sempre tive como objetivo apresentar aos meus estudantes uma aprendizagem humanizadora e significativa, indo além das paredes da sala de aula, mostrando que a educação abre portas e janelas e que o estudante, através dela, pode transformar o mundo.

Paulo Freire insistia que a escolar transformadora era a escolar de companheirismo, por isso sua pedagogia é uma pedagogia do diálogo, das trocas, do encontro, das redes solidárias. Companheiro vem do latim e significa aquele que compartilha o pão. Trata-se, portanto de uma postura radical, ao mesmo tempo crítica e solidária (Gadotti, 2011, p.110).

Esse é o grande desafio de nossas escolas atualmente, promover a educação do respeito à diversidade, uma educação transformadora que contribua para formação de cidadãos críticos e conscientes. Segundo Mantoan (2023, p.48) "A escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprenderem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aula, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão"! Uma sociedade realmente inclusiva.

4 METODOLOGIA

Este ponto da pesquisa revela o caminho metodológico adotado para o estudo. Com o objetivo principal de compreender que a escola é um espaço para todos, valorizando a diversidade humana e a biodiversidade local, promovendo a educação inclusiva e preparando os estudantes para a cidadania planetária.

A metodologia orienta os caminhos e procedimentos da pesquisa, guiando à prática a ser percorrida pelo pesquisador, conforme as exigências científicas. De acordo com Minayo (1994, p.16): entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. A metodologia nos conduz através da teoria para o desafio da prática.

4.1 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, com abordagem da pesquisa-ação, pois, de acordo com Thiollent (1986, p.14).

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

O método escolhido está de acordo com a realidade da pesquisa, uma vez que a pesquisa-ação vai muito além da participação dos estudantes, é uma ação planejada, que, de acordo com Thiollent (1986, p.7), supõe uma forma planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro. Ela valoriza as experiências vividas, trabalhando junto com a teoria.

No tocante a pesquisa qualitativa, Minayo (1994, p.21) retrata que: [...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social [...]. A pesquisa qualitativa tem como foco a realidade social, de modo a contribuir para a compreensão das práticas e processos

educacionais, dentro do ambiente escolar. Envolvendo a todos no processo de pesquisa e, dessa forma, direcionando a pesquisa para uma política de transformação.

Essa pesquisa teve como primeira etapa o campo exploratório, com o levantamento das temáticas, publicações acadêmicas, dissertações e teses sobre o tema a ser abordado, que poderiam fazer parte do campo de estudo. Após a fase de investigação, delimitei o problema, justificativa e objetivos gerais e específicos. Para a elaboração da base teórica da pesquisa, foram utilizados autores como Freire, Gadotti, Dowbor, Mantoan, entre outros.

4.2 O CAMPO DA PESQUISA

O estudo foi desenvolvido na Escola Municipal Em Tempo Integral Nascimento Júnior - Educação Infantil e Ensino Fundamental, localizada na Rua Capibaribe s/n, Bairro Jardim Guaraituba, no Município de Paranaguá - Paraná, na zona urbana, próximo à área de Manguezal. A escolha da instituição de ensino se deu pelo fato de a pesquisadora ser professora há 6 anos nesse local e estar há 5 anos atuando como professora da Sala de Recurso Multifuncional.

A escola atende à Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Integral e Sala de Recurso Multifuncional I - AEE. Pela manhã, são atendidos os 3º, 4º e 5º anos, além da Sala de Recurso Multifuncional. No período da tarde, são atendidos o Pré II, 1º e 2º anos, a Sala de Recurso Multifuncional e a Educação Integral, que oferece diversas oficinas (Karatê, Informática, Horta, Jardim e Handebol).

A escola possui uma Sala de Recurso Multifuncional com 24 estudantes matriculados, bem equipada com materiais pedagógicos variados, que complementam e suplementam a educação dos alunos da Educação Especial, que frequentam o ensino regular e participam do Atendimento Educacional Especializado no contraturno. Além dos Itinerantes⁹ realizados pela professora do AEE, na sala de ensino regular,

⁹ O serviço de itinerância é um serviço de orientação e supervisão pedagógico desenvolvido por professores especializados que fazem visitas periódicas às escolas ou salas de ensino regular, que possuam algum estudante público-alvo da educação especial, e nelas desenvolvem um trabalho conjunto com os professores da classe comum.

durante o período escolar, com o objetivo de acompanhar e contribuir no desenvolvimento pedagógico dos estudantes.

4.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida com estudantes do 3º ano C do Ensino Fundamental I e contou com a participação de duas docentes do ensino regular (Professora Regente e Professora de Apoio à Educação Especial), em parceria com a Sala de Recurso Multifuncional.

A turma do 3º ano C é composta por 18 alunos. A escolha da turma para a pesquisa se deu pelos seguintes critérios: dentre os 18 estudantes, três estão matriculados em contraturno na Sala de Recurso Multifuncional, caracterizando uma turma bem diversificada. Este projeto tem como objetivo futuro ser implementado em toda a escola. Segue o quadro, respeitando o anonimato dos estudantes e professoras que participaram da pesquisa, conforme o QUADRO 01 e 02.

QUADRO 01 - DESCRIÇÃO DOS ESTUDANTES QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA

ESTUDANTE A	3º C	
ESTUDANTE B	3º C	
ESTUDANTE C	3º C	ESTUDANTE SRM
ESTUDANTE D	3º C	
ESTUDANTE E	3º C	
ESTUDANTE F	3º C	
ESTUDANTE G	3º C	
ESTUDANTE H	3º C	
ESTUDANTE I	3º C	
ESTUDANTE J	3º C	
ESTUDANTE K	3º C	
ESTUDANTE L	3º C	ESTUDANTE SRM
ESTUDANTE L	3º C	
ESTUDANTE M	3º C	
ESTUDANTE N	3º C	
ESTUDANTE O	3º C	ESTUDANTE SRM

ESTUDANTE P	3º C	
ESTUDANTE Q	3º C	
ESTUDANTE R	3º C	

QUADRO 02 - INFORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL DAS PROFESSORAS QUE ACOMPANHARAM A PESQUISA

Professora	Formação	Tempo que atua no magistério e com crianças Autistas
Professora A- Regente da Turma		Há aproximadamente 15 anos se dedica ao magistério. Iniciou o trabalho no local da pesquisa no ano de 2022. Há 2 consecutivos tem recebido em sua sala de aula crianças Autistas.
Professora B- Professora Apoio	Formada em Pedagogia e pós-graduada em Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos.	Exerce há 14 anos o magistério, sobretudo há 10 anos no local de estudo. Há um período consecutivo de 6 anos vem atendendo a alunos Autistas.

4.4 COLETA DE DADOS

Para a fase de coleta de dados, foi elaborado um plano de ensino por meio de uma sequência didática para a realização das oficinas. A sequência didática consiste em uma série de atividades que criam um ambiente que facilita e torna atrativa a aprendizagem do estudante. Conforme Zabala (1998) conceitua a sequência didática como um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor como pelos alunos.

Aprendendo com significado, trabalhando e discutindo os temas da educação inclusiva e do meio ambiente. A seguir veremos a Sequência Didática, conforme o QUADRO 03.

QUADRO 03: SEQUÊNCIA DIDÁTICA



Fonte: A autora (2023)

A pesquisa-ação foi o melhor caminho metodológico para este estudo, no qual contribui por meio de uma prática pedagógica transformadora e participativa, em uma ação planejada, desenvolvendo e estimulando a criatividade e a imaginação dos estudantes, em um ambiente de comunicação entre os participantes e a pesquisadora, e, principalmente, buscando um olhar científico.

Conforme o Plano da Sequência Didática, a coleta de dados foi realizada por meio de oficinas. O primeiro passo, antes de iniciar as oficinas, foi questionar os estudantes sobre quais conhecimentos eles tinham sobre meio ambiente e inclusão.

Nesse primeiro momento da pesquisa foi realizada uma Roda de Conversa¹⁰, onde os estudantes, por meio do diálogo, compartilharam e confrontaram ideias. As rodas de conversa, também denominadas por Freire (1967) como "Círculos de Cultura", proporcionaram aos estudantes, através do diálogo, momentos de fala escuta.

Segundo Freire (2005, p. 16), "O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e; nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes admiram|| um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se.

O registro foi realizado por meio do desenho feito pelo estudante e da escrita e diário de bordo pela pesquisadora. Sobre a expressão através do desenho, Mèredieu

¹⁰ Podemos encontrar diferentes expressões para caracterizar esta mesma atividade: "hora da roda", "hora da novidade", "hora da conversa" ou simplesmente "roda".

(1997, p.14) afirma: Modo de expressão próprio da criança, o desenho constitui uma língua que forma seu vocabulário e sua sintaxe. O desenho é a própria fala da criança, onde ela utiliza um verdadeiro repertório de signos gráficos para reproduzir seus pensamentos e conhecimentos.

Na sequência, foram iniciadas as oficinas temáticas focadas nas questões ambientais regionais (Mata Atlântica) e educação inclusiva, com a participação dos Fantoches em todas as atividades. Ao final de cada oficina, foi realizada a sistematização das experiências por meio de uma roda de conversa com os estudantes, pois, segundo Holliday (2006, p.7):

Poderoso instrumento para a prática transformadora, realizada por metodologias participativas bastante testadas na América Latina, a sistematização busca reconstruir experiências. Sistematizar implica compreender, registrar, ordenar, de forma compartilhada, a dimensão educativa de uma experiência vivenciada.

A sistematização de experiências é um instrumento para a prática transformadora, organizando os conhecimentos e criando um espaço onde o estudante pode compartilhar discutir e refletir sobre o aprendizado, além de identificar qual momento marcou sua experiência. Os estudantes registraram suas vivências por meio de desenho, escrita e pintura.

Na sequência, após o término das oficinas, foi realizada uma Aula de Campo no Aquário Municipal de Paranaguá - PR, onde os estudantes, junto com o Fantoche Pedrinho, tiveram contato com a biodiversidade da região.

Ao final, conforme a sequência didática foi realizada uma roda de conversa sobre todas as experiências vividas durante a pesquisa, onde os estudantes, junto com a pesquisadora, por meio da escrita coletiva, elaboraram um roteiro para uma história de fantoches, abordando a temática Educação Inclusiva e Meio Ambiente. A pesquisadora, então, produziu o teatro que foi apresentado a toda a escola. Essa produção teatral faz parte da sequência didática, que será o produto da pesquisa.

O recurso didático será disponibilizado em um arquivo com o tema Caderno Pedagógico de Sequência Didática, servindo como recurso pedagógico para os professores incentivarem as práticas ambientais e a valorização da diversidade.

4.5 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada ao longo da pesquisa, por meio da observação participante, diário de bordo e escrita. A mesma atividade apresentada no início da pesquisa foi repetida ao final, para observar as diferenças e a riqueza de detalhes. As oficinas que compõem o instrumento de coleta de dados foram:

Oficina 1 - Somos todos diferentes;

Oficina 2 - Planeta Terra, a nossa casa;

Oficina 3 - Diversidade Humana e Biodiversidade;

Oficina 4 - Caça ao tesouro - A verdadeira riqueza;

Oficina 5 - O tesouro;

Também fez parte da coleta de dados a Aula de Campo no Aquário Municipal de Paranaguá-PR, a construção do texto coletivo, e como resultado, apresentação do teatro de bonecos Pedrinho e sua Turma-Viva a Diversidade / Uma aventura na Mata Atlântica-Os Protetores, escrito pelos estudantes.

As atividades foram realizadas semanalmente, nos horários de itinerante, totalizando oito semanas para serem concluídas.

A pesquisadora, por meio da pesquisa-ação, buscou em sua prática, junto aos estudantes, contribuir para a produção de novos conhecimentos, conforme Thiollent (1986). Com a pesquisa-ação, pretende-se alcançar realizações, ações efetivas, transformações ou mudanças no campo social.

A pesquisa buscou o utilizar estratégias lúdicas, fantoches, oficinas de jogos, brincadeiras pedagógicas, teatro de bonecos e instrumentos digitais. De acordo com Vygotsky (2007, p.122) Como foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento||.

Os Bonecos utilizados na pesquisa foram confeccionados pela pesquisadora, tendo cada qual sua característica, reforçando a diversidade no ambiente escolar.

Pedrinho (Autismo) líder da turma tem hiperfoco e grande paixão pela natureza, principalmente pelos animais, irá transmitir aos estudantes a importância do conhecer, cuidar e preservar o meio ambiente. É muito inteligente e conhece tudo sobre a Mata Atlântica, segundo a FIGURA 01.

FIGURA 01: Fantoche Pedrinho - Autista



Fonte: Autora (2023)

Pedrinho também conta com a ajuda de 4 amigos, ensinando a respeito a diversidade e valorização da Natureza.

Juju (Portadora de Síndrome de Down). Muito meiga, ela ama dançar e contar histórias. Protetora da Natureza ama flores e plantas.

Yuri (Dislexia). Tem dificuldade de leitura e escrita, porém é dono de um dom excepcional pelas Artes, excelente desenhista e amigo de todos.

Bruno (TOD). Às vezes fica meio nervoso, porém tem um coração gigante, gosta muito de esportes e jogos em geral.

Malu (TDAH). Cheia de energia e alegria, fera em Matemática e Ciências. Cada personagem irá ensinar sobre seu transtorno e o respeito à diversidade sobre uma te-

mática ambiental envolvendo a Mata Atlântica mediante oficinas interagindo com os estudantes, conforme a FIGURA 02, 03, 04 e 05.

FIGURA 02: Fantoche Juju

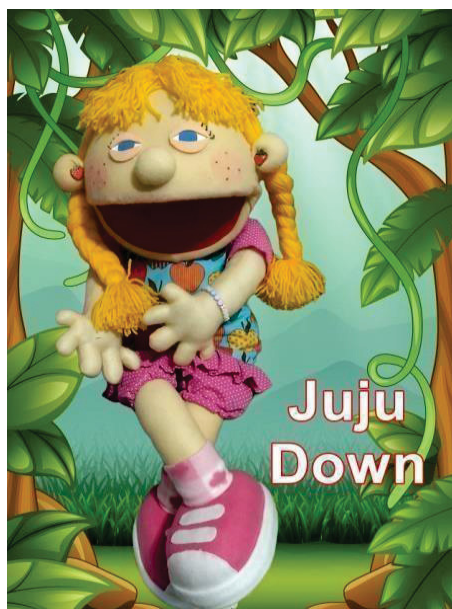


FIGURA 03: Fantoche Yuri

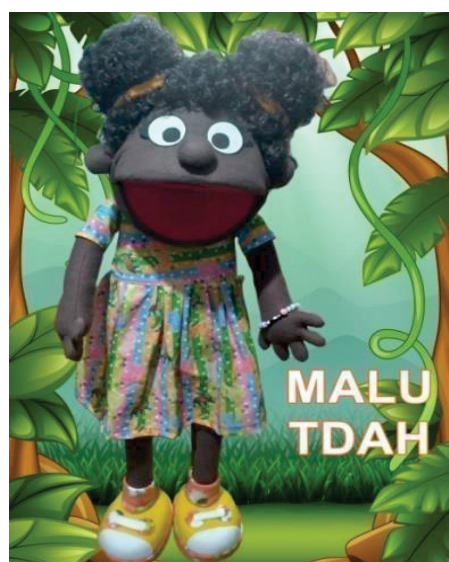


Fonte: A autora (2023)

FIGURA 04: Fantoche Bruno



FIGURA 05: Fantoche Malu



Fonte: A autora (2023)

Também a pesquisadora confeccionou personagens (Bonecos), representando animais do Bioma local Mata Atlântica, e um vilão que sempre tenta destruir a Natureza. Os estudantes escolheram os seus nomes para serem trabalhados nas oficinas e, ao final da pesquisa, foi elaborado um texto-coletivo para apresentação de Teatro de Bonecos pela pesquisadora à escola. São eles: o Caranguejo Dboa, A Onça Pintada, a Tartaruga Clodoaldo e o Vilão Rodrigão. Segundo a FIGURA 06, 07, 08 e 09.

FIGURA 06: Caranguejo Dboa



Fonte: A autora (2023)

FIGURA 07: Onça Pintada



FIGURA 08: Tartaruga Clodoaldo



FIGURA 09: Rodrigão



Fonte: A autora (2023)

4.6 ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento para análise de dados foi mediado a partir das categorias freireanas: natureza e a Educação Humanizadora, as quais emergiram como palavras geradoras na tentativa de demarcar princípios que fundamentam a prática educativa abordada nesta pesquisa.

Os dados foram analisados a partir das oficinas, aula de campo e texto coletivo produzido pelos estudantes, além das atividades realizadas no início e no fim da pesquisa. Para integrar saberes e ampliar possibilidades de ensino e aprendizagem, podemos afirmar que o caminho da pesquisa, contribuiu para o desenvolvimento de competências, trabalho em equipe e prática colaborativa, e com a produção de novos conhecimentos.

Freire (1996, p.38) nos diz que, a prática docente crítica, implicate do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. É a prática através do diálogo, das interações entre os estudantes, do trabalho coletivo e cooperativo.

Percebe-se a presença da categoria natureza nos escritos de Freire, quando o mesmo nos alerta para, [...] que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais, como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e florestas (Freire, 2000, s.p). Deixando bem claro a relação do ser humano com a natureza e sua incrível diversidade.

Em cada oficina, a pesquisadora buscou por meio do diálogo e troca de experiências, propor aos estudantes uma aprendizagem significativa, o conhecer para cuidar, propondo atividades que enfatizassem a importância da natureza local, do quintal, da rua e do bairro. Segundo Freire (2015) confirma: Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho é inverso. Esse foi um ponto-chave da pesquisa, onde os estudantes puderam conhecer mais sobre a região e a biodiversidade na qual o Município de Paranaguá está inserido. Verificamos nas experiências vivenciadas pelos estudantes, as vivências de Freire (2015, s.p):

Antes de tornar-me um cidadão do mundo eu fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir de meu quintal num certo bairro do Recife, o de Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidade tenho de me espriar, de me mundializar.

Outro ponto relacionado à natureza abordado na pesquisa, foi o ser humano como parte integrante no meio ambiente e não como um ser isolado afastado da natureza. Construindo através das atividades lúdicas coletivamente uma consciência planetária.

Cuidar da Natureza é um ato de amor. Em suas palavras, Freire evidencia seu desejo em relação e, como ele queria ser lembrado, dizendo: Eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida! (Freire, 2015, s.p). Uma relação intrínseca com a natureza. É nesse contexto que a pesquisa aconteceu, priorizando o amor, respeito e companheirismo, e todo processo deixou bem claro que a educação trabalhada com seriedade e compromisso, deixa marcas, que ficam para o resto da vida.

Ao analisar os dados da pesquisa e definir o conceito de natureza a partir das categorias freirianas, não podem deixar de citar o que representava a Natureza para Freire (2015 s.p):

O primeiro mundo meu, na verdade, foi o quintal da casa onde nasci, com suas mangueiras, seus cajueiros de frente quase ajoelhando-se no chão sombreado, com suas jaqueiras, com suas barrigudeiras. Árvores, cores, cheiros, frutas, que, atraindo passarinhos vários a eles se davam como espaço para seus cantares.

A simplicidade de um quintal, árvore na rua, a natureza ao ombro, o despertar da curiosidade, maneira simples de descobrir a imensidão de biodiversidade em nossa volta.

A segunda categoria, analisaremos a educação humanizadora, que para Freire (1967) é uma educação reflexiva e libertadora, que nos leva a compreensão que nossos atos refletem na sociedade, e devemos ser críticos e reflexivos, para agirmos com compromisso nos espaços sociais. Construir com os estudantes no ambiente escolar, um lugar de respeito, e levar a prática significativa da Educação Inclusiva, outro tema abordado na pesquisa, o qual tem como base a educação humanizadora.

Durante a pesquisa a educação humanizadora tornou o caminho para novas descobertas. As experiências vividas pelos estudantes se alinham com o pensamento de Freire (2005), [...] por meio de uma educação humanizadora o homem pensa sobre suas atitudes ao ambiente, a sociedade, as questões culturais, aos saberes regionais e, de modo geral, reflete sobre a importância de preservar, cuidar e propagar o conhecimento.

4.7 CONVERSA SOBRE A TEMÁTICA INCLUSÃO E MEIO AMBIENTE

A pesquisadora, inicialmente, discutiu o tema com os estudantes, os quais tiveram a oportunidade de relatar os seus conhecimentos e experiências em relação ao tema. A grande maioria da turma não soube responder ou não havia ouvido falar sobre inclusão e a respeito das questões ambientais, quando questionados, falaram sobre reciclagem e que não sabiam que existia uma floresta na região.

Posteriormente, serão examinadas três tarefas realizadas pelos estudantes durante a fase inicial da investigação. Os outros estudantes seguiram a mesma linha de pensamento, mostrando pouca criatividade, de acordo com as FIGURAS 10, 11 e 12.

FIGURA 10: Atividade Meio Ambiente / Inclusão

NOME: Maria Clara
INCLUSÃO
NÃO SEI
MEIO AMBIENTE
MEIO AMBIENTE É A NATUREZA


FIGURA 11: Atividade Meio Ambiente / Inclusão

NOME: ELIZABETH
INCLUSÃO
MEIO AMBIENTE


FIGURA 12: Atividade Meio Ambiente / Inclusão

NOME: ENZO GABRIEL
INCLUSÃO
NÃO SEI
MEIO AMBIENTE
EU NÃO CONHEÇO

Fonte: Autora (2023)

Nota-se que principalmente sobre a Inclusão, os estudantes não expressaram nenhuma informação, afirmando não saber sobre o assunto, e quanto ao meio ambiente, foi falado sobre as atividades trabalhadas em dias específicos na escola, como Dia da Árvore e Semana do Meio Ambiente, atividades realizadas em datas comemorativas. Assuntos que fazem parte de sua memória no contexto escolar. Segundo Vygotsky (2018, p.107), Ela desenha o que sabe sobre a coisa, e não que vê ou o que imagina sobre a coisa. Então podemos observar que pouco tem se falado de Meio ambiente e Educação Inclusiva, a criança precisa conhecer a relação afetiva entre o ser humano e a Natureza, para se tornar um cidadão planetário.

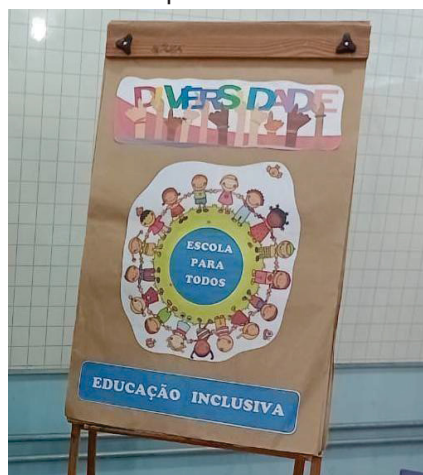
4.7.1 Oficina 1 - Somos todos diferentes.

Durante a roda de conversa, o fantoche Pedrinho foi apresentado aos estudantes, o qual discutiu o autismo e suas características, além da importância da diversidade no ambiente escolar. A professora mostrou a palavra diversidade no Flip Chart e algumas palavras como: amor, respeito, amizade, felicidade e cuidar, sempre incentivando a interação entre os estudantes. Em seguida, apresentou uma nova imagem do planeta Terra com diversas crianças de mãos dadas, evidenciando a diversidade do nosso planeta, conforme com as FIGURAS 13 e 14.

FIGURA 13: Fantoche Pedrinho



FIGURA 14: Flip Chart Diversidade



Fonte: Autora (2023)

Após foi feita uma atividade sobre a inclusão, com diversas tampinhas de garrafa pet, feito um círculo em uma cartolina branca representando a escola e as tampinhas de diferentes cores e tamanhos representando os estudantes do ensino regular e as tampinhas azuis-claros os estudantes da Educação Especial.

Através da atividade lúdica os estudantes puderam compreender que a escola é espaço de todos, independente de suas diferenças, e que todos devem ser respeitados, pois cada um é um ser humano singular e a diversidade é parte do nosso planeta. Onde todos têm o direito de estar na escola independente de suas diferenças, mostrando assim a diversidade humana e o direito de uma educação para todos, conforme as FIGURAS 15, 16 e 17.

FIGURA 15: Tampinhas exclusão

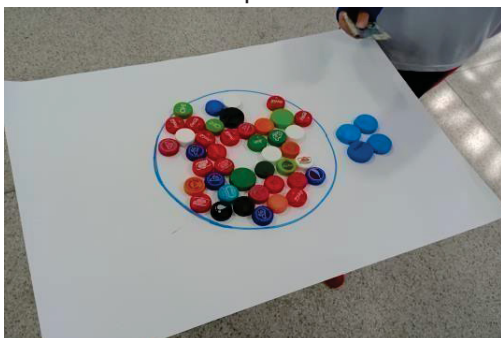


FIGURA 16: Tampinhas Educação Inclusiva

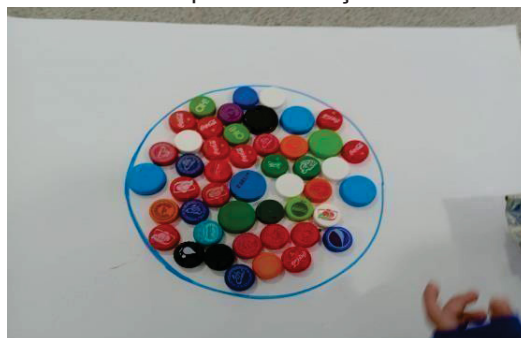


FIGURA 17: Professora explicando a Educação Inclusiva



Fonte: Autora (2023)

Após a atividade foi feita a sistematização de experiências, além das palavras apresentadas surgiram novas palavras como: feliz, amizade, amor, brincar e diferença. Havia um estudante (Também atendido no AEE) o qual a professora do ensino regular estava encontrando dificuldade para que interagisse com os demais, ele estava bem inibido e de início não quis participar, a professora relatou que ele tinha muita dificuldade em participar das atividades sempre se negando a realizá-las. Após o início da oficina ele foi convidado pela pesquisadora a auxiliar nas atividades, se mostrou bem animado e confiante, tendo uma mudança positiva de atitude.

Também houve relatos de uma estudante que na outra escola em que anteriormente estudava se sentia como a tampinha fora do círculo, mostrando claramente a importância de trabalhar a educação inclusiva no dia a dia escolar, de acordo com a FIGURA 18.

FIGURA 18: Estudante Ajudando a professora a realizar a atividade



Fonte: Autora (2023)

A turma inteira foi bem participativa, demonstrando muito interesse e ficaram bem ansiosos com as demais oficinas.

4.7.2 Oficina 2 - Planeta Terra a nossa casa.

Apresentação e roda de conversa com o fantoche Pedrinho sobre a diversidade, e a importância do respeito às diferenças, tema da oficina anterior. A participação dos bonecos foi muito importante, pois os estudantes criaram um vínculo de amizade e respeito, sempre observando e participando das conversas, conforme a FIGURA 19.

FIGURA 19: Fantoche Pedrinho dialogando com os estudante



Fonte: Autora (2023)

Em seguida, a pesquisadora apresentou o Planetário Escolar – Sistema solar, explicando como funciona o movimento da Terra e sua localização no sistema solar. Além disso, ela destacou que a Terra é um planeta vivo e necessita de cuidados, pois é a nossa casa, de acordo com a FIGURA 20.

FIGURA 20: Apresentando Planetário aos estudantes



Fonte: Autora (2023)

A observação do Planetário foi uma experiência bastante relevante e de grande aprendizado. Os alunos tiveram a oportunidade de compreender o movimento da Terra e o funcionamento do sistema solar. Discutindo a relevância do nosso planeta e a riqueza da diversidade humana e da natureza. Também foi apresentado o globo terrestre aos estudantes, enriquecendo a aprendizagem, conforme a FIGURA 21.

FIGURA 21: Planeta Terra e sua diversidade



Fonte: Autora (2023)

Os estudantes realizaram atividades de pintura do planeta. Em seguida, com a participação do fantoche Pedrinho, foi feita a sistematização de experiências. Houve muita interação dos estudantes, com troca de saberes, através da roda de conversa, discutindo sobre a importância da diversidade planetária, levando esse tema até o chão da escola, um lugar rico em diversidade, espaço de todos repletos de diferenças.

4.7.3 Oficina 3 - Diversidade Humana e Biodiversidade

Iniciamos com uma roda de conversa sobre a aula anterior, onde Pedrinho apresentou o seu amigo Yuri, fantoche com Dislexia, que falou da importância da diversidade e do respeito às diferenças, trazendo a conversa que foi sistematizada na oficina anterior, de acordo com a FIGURA 22.

FIGURA 22: Planeta Terra e sua diversidade



Fonte: Autora (2023)

Em seguida foi apresentado o visual Eu no mundo, mostrando por meio de uma sequência de imagens, o planeta Terra, o Continente Americano, o Brasil, o Paraná, Paranaguá, a Escola, EU, e o nosso lugar no planeta. Os alunos confeccionaram um

chaveiro, no qual o fantoche Yuri os desafiou a explicar o que aprenderam na aula, para alguém de sua família, conforme FIGURA 23.

FIGURA 23: Estudante com o chaveiro
Eu no Mundo



Fonte: Autora (2023)

Após, fomos para a Sala de Recurso, onde fizemos um Tour Virtual com o Google Earth e o Street, no Data Show. A pesquisadora e os alunos puderam localizar no Planeta Terra, nosso continente, país, estado, cidade, bairro e escola, percorrendo a nossa região e vendo a sua biodiversidade na Floresta da Mata Atlântica, Mangue e Mar, de acordo com as FIGURAS 24 e 25.

FIGURA 24: Google Earth

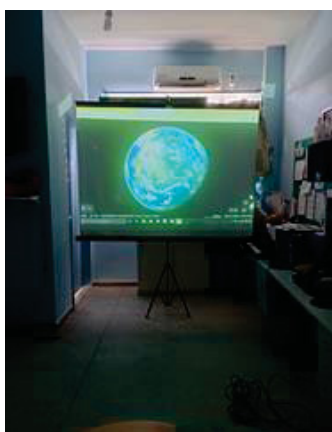


FIGURA 25: Tour Virtual com os estudantes



Fonte: Autora (2023)

Ao retornar à sala, realizamos uma roda de conversa e a sistematização de experiências. Os estudantes estavam bastante motivados, alguns não tinham acesso ao aplicativo, e durante o Tour Virtual, pediram para visitar diversos países e mostrar o caminho até suas casas.

Durante a sistematização, foi possível compreender o espaço e a beleza do nosso planeta. Os estudantes compreenderam que todos somos seres humanos, sem distinção quanto às nossas diferenças e diversidades, e também compreenderam que somos parte de um sistema ecológico rico e diversificado que precisamos conhecer para cuidar. Além disso, relataram a floresta da Mata Atlântica. Muitos estudantes não tinham conhecimento deste ambiente tão rico.

4.7.4 Oficina 4 - Caça ao tesouro / A verdadeira riqueza

A oficina iniciou com roda de conversa e interação com os estudantes sobre a oficina anterior. Em seguida, Pedrinho apresentou mais uma amiguinha, desta vez a Malu, um fantoche com TDAH¹¹, que mostrou a imagem do planeta Terra, reforçando o respeito a natureza e valorizando as diferenças. Nesse momento abriu espaço para falar sobre a representatividade negra (Ribeiro, 2029). Através da fantoche Malu, uma boneca linda e super inteligente, amiga de todos, conforme a FIGURA 26.

¹¹ O transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) consiste em uma capacidade de concentração ruim e/ou excesso de atividade e impulsividade impróprias para a idade da criança que interferem no desempenho ou no desenvolvimento.

FIGURA 26: Apresentação fantoche Malu



Fonte: Autora (2023)

A oficina teve como foco a caça ao tesouro. O mapa do tesouro foi apresentado à turma, que foi dividida em três equipes. Cada uma deveria seguir as pistas espalhadas pela escola e, dessa forma, encontrar o tesouro. A regra era que todos deveriam trabalhar em conjunto, demonstrando respeito e companheirismo, ajudando o outro, uma vez que todos na equipe eram considerados membros fundamentais. Não havia um vencedor, o objetivo era cumpri-lo e descobrir o tesouro.

As duas professoras que estavam acompanhando à pesquisa também se envolveram na brincadeira, correndo pela escola com os estudantes.

No final, cada equipe recebeu uma carta com o tesouro. O tesouro representava a biodiversidade do Litoral do Paraná, a Onça-pintada, a Floresta da Mata Atlântica, a Tartaruga Verde, o Oceano Atlântico e o Caranguejo Uçá, o Manguezal, temas que serão discutidos nas próximas oficinas. A gincana atraiu a atenção de todos os alunos, uma vez que os pontos com os mapas estavam espalhados por toda a escola. Os alunos das outras turmas também demonstraram entusiasmo e interesse em participar, de acordo com as FIGURAS 27 e 28.

FIGURA 27: Estudantes procurando as pistas



FIGURA 28: Estudante lendo acarta do tesouro



Fonte: Autora (2023)

Concluimos com uma roda de conversa e sistematização de experiências com Pedrinho e Yuri, onde os estudantes puderam expressar e relatar suas experiências nessa atividade. Um estudante que costumava ser chamado de baixinho disse que agora sabia o motivo pelo qual era pequeno, pois tinha bastante habilidade e corria muito rápido. Além disso, demonstrou-se um excelente líder, demonstrando preocupação com todos os membros da equipe.

O objetivo não foi quem ganhou ou perdeu, mas sim como cada equipe se comportou e como cada um auxiliou na atividade. Alguns têm dificuldade de leitura, mas eram bem rápidos; cada um com suas características, os estudantes chegaram à conclusão de que todos são importantes, e essa atividade deixou clara a importância da diversidade e do respeito no ambiente escolar. Cada equipe encontrou um tesouro da natureza que foi trabalhado na próxima oficina de acordo com a FIGURA 29.

FIGURA 29: Final da caça ao tesouro



Fonte: Autora (2023)

Acredito que foi um dos momentos mais emocionantes das oficinas, uma vez que todos os estudantes e professores participaram. Ver cada estudante alegre e animado correndo pela escola me fez refletir sobre uma educação em que ninguém fique de fora, independentemente das suas dificuldades. Isso reforça a importância da educação inclusiva, onde as barreiras físicas e sociais são eliminadas.

4.7.5 Oficina 5 - O tesouro

Iniciamos com uma roda de conversa sobre a oficina anterior e quais são os verdadeiros tesouros, reforçando a importância do trabalho em equipe, onde todos, com suas particularidades, são essenciais. Em seguida, fomos à Sala de Recursos para assistir a vídeos sobre a natureza local: Floresta da Mata Atlântica, Oceano e Manguezal, promovendo a compreensão de que somos cidadãos do planeta Terra e precisamos conhecer, cuidar e preservar o meio ambiente, de acordo com as FIGURAS 30 e 31.

FIGURA 30: Vídeo REBIMAR



FIGURA 31: Estudantes assistindo os Vídeos do Projeto REBIMAR UFPR Litoral



Fonte: Autora (2023)

Retornamos à sala de aula, onde os estudantes observaram e discutiram o material oferecido pelo Projeto REBIMAR (UFPR), que inclui livros e jogos pedagógicos sobre a biodiversidade do litoral paranaense. Os estudantes conheceram a série infantil que apresenta personagens e curiosidades, além de fotos de animais e da biodiversidade da Mata Atlântica, conforme as FIGURAS 32, 33, 34 e 35.

FIGURA 32: Estudante com o Livro Educativo Projeto REBIMAR



FIGURA 33: Estudantes analisando fotos e imagens manguê



Fonte: Autora (2023)

FIGURA 34: Estudante
Lendo Livro Mata Atlântica



FIGURA 35: Estudante com o material
REBIMAR e Mata Atlântica



Fonte: Autora (2023)

Em seguida, a turma foi dividida em equipes, cada uma com um ecossistema conforme as equipes da gincana, e assim construíram juntos um cartaz sobre seu tema. Trabalhando com os estudantes o respeito e o trabalho colaborativo, eles puderam compreender que somos parte do meio ambiente, que o Planeta Terra é repleto de diversidade humana e biodiversidade, a nossa casa, conforme a FIGURA 36, 37 e 38.

FIGURA 36: Pedrinho interagindo na atividade



Fonte: Autora (2023)

FIGURA 37: Estudantes trabalhando em equipe



FIGURA 38: Pedrinho ajudando com as idéias



Fonte: Autora (2023)

Após o término das atividades, foi realizada a sistematização de experiências, onde cada estudante pôde relatar seus novos conhecimentos e a importância do cuidado com a natureza. O trabalho em equipe foi fundamental, pois cada um contribuiu com suas habilidades. Um estudante com dificuldades significativas de leitura e escrita, matriculado na sala de recursos, demonstrou talento ao desenhar, surpreendendo duas amigas que pensavam que ele não sabia nada e até olharam com uma expressão estranha ao ficarem no mesmo grupo.

Após o início da atividade, na qual elas não tinham muita habilidade, ficaram impressionadas com o talento e a criatividade do amigo. Foi notável observar que os estudantes com maiores dificuldades pedagógicas se destacaram na criatividade, o que contribuiu para a autoestima e valorização das diferenças.

Proporcionar atividades por meio do trabalho em equipe é essencial, para que cada um aprenda a lidar com o outro através do respeito e companheirismo. Foi uma incrível troca de conhecimentos e experiências.

4.7.6 Aula de Campo Aquário Municipal de Paranaguá

Momento muito importante da pesquisa, no qual os estudantes mergulharam no universo da investigação e puderam observar e sentir como é a biodiversidade em nosso litoral. Infelizmente, não foi possível avistar a onça-pintada, o animal preferido do Pedrinho.

A Secretaria de Educação (SEMEDI) disponibilizou um ônibus para fazer o traslado dos estudantes; todos estavam bem animados, especialmente com a companhia do fantoche Pedrinho, com quem todos criaram um vínculo afetivo. Os estudantes puderam observar os diversos biomas e animais de nossa região, bem como a importância do cuidado com a natureza e a valorização da diversidade, compreendendo que o Planeta Terra é um sistema vivo que deve ser protegido, o nosso lar, conforme as FIGURAS 39, 40, 41, 42, 43, 44 e 45.

FIGURA 39: Estudantes passeando no entorno do Aquário Municipal



FIGURA 40: Estudantes passeando no entorno do Aquário Municipal



Fonte: Autora (2023)

FIGURA 41: Estudantes no Aquário Municipal



Fonte: Autora (2023)

FIGURA 42: Estudante observando a
Maquete do manguezal

Fonte: Autora (2023)

FIGURA 43: Estudante mostrando os peixes



Fonte: Autora (2023)

FIGURA 44: Estudantes e Pedrinho mostrando os peixes



FIGURA 45: Estudante e Pedrinho no tanque dos pinguins



Fonte: Autora (2023)

Durante a aula, houve muitas perguntas e uma exploração detalhada do Aquário, resultando em um momento de grande aprendizagem e interação. Todos estavam juntos, aprendendo de maneira dinâmica e criativa. Surgiram questionamentos sobre as oficinas, os temas abordados e curiosidades. Além disso, a educação inclusiva es-

teve presente em todos os momentos, promovendo um ambiente de interação e respeito à diversidade dos estudantes. Todos eram crianças.

Ao final da aula de campo, os estudantes demonstraram grande entusiasmo, comentando sobre a aula e expressando o desejo de retornar. No dia seguinte, a pesquisadora trouxe a mesma atividade realizada no início da pesquisa, que abordava os conhecimentos sobre Inclusão e Meio Ambiente. A seguir, algumas atividades realizadas pelos estudantes após todo o processo de coleta de dados.

Podemos observar claramente a diferença e a diversidade, tanto na Educação Inclusiva quanto no Meio Ambiente. A relação com o outro e com o ambiente mudou completamente, de acordo com as FIGURAS 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54 e 55.

FIGURA 46: Atividade Final
Meio Ambiente / Inclusão



FIGURA 47: Atividade Final
Meio Ambiente / Inclusão



Fonte: Autora (2023)

FIGURA 48: Atividade Final
Meio Ambiente / Inclusão



FIGURA 50: Atividade Final
Meio Ambiente / Inclusão

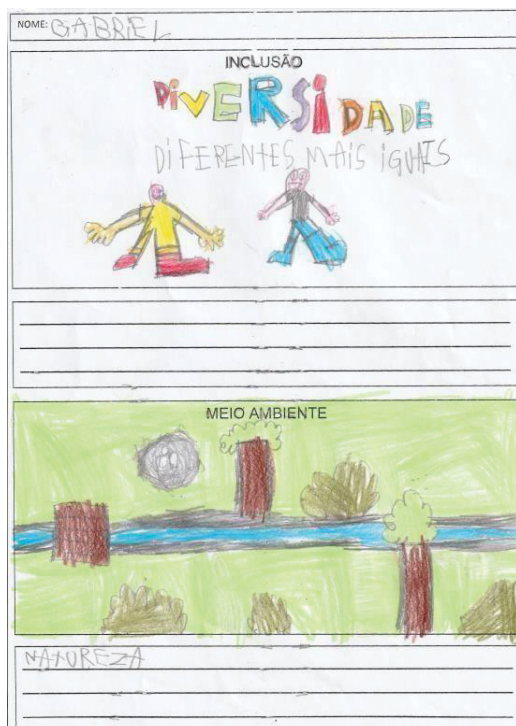


FIGURA 49: Atividade Final
Meio Ambiente / Inclusão

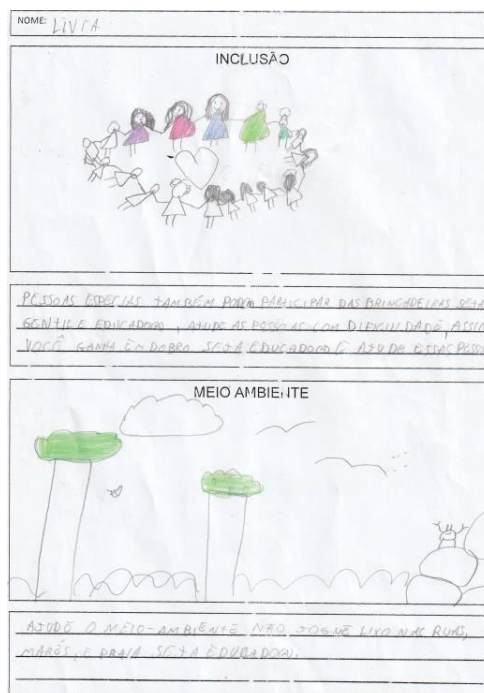


FIGURA 51: Atividade Final
Meio Ambiente / Inclusão



FIGURA 52: Atividade Final
Meio Ambiente / Inclusão



FIGURA 53: Atividade Final
Meio Ambiente / Inclusão



Fonte: Autora (2023)

Na aula seguinte, os estudantes, acompanhados pela pesquisadora, elaboraram um texto coletivo que serviu de roteiro para o Teatro de Bonecos, o qual foi apresentado a toda a escola pela pesquisadora.

4.7.7 Construção do texto coletivo, roteiro para teatro de bonecos

O texto foi elaborado de forma coletiva, permitindo que os estudantes expusessem suas ideias e interagissem de maneira criativa, dando vida a cada personagem e suas características. Os animais ganharam personalidades: Clodoaldo, a tartaruga, muito inteligente; Dboa, o caranguejo valente e corajoso; e Pintada, a amiga dócil. E não poderia faltar o vilão da história: Rodrigão, o destruidor da natureza.

TEXTO: PEDRINHO E SUATURMA- VIVA A DIVERSIDADE. UMA AVENTURA NA MATA ATLÂNTICA - OS PROTETORES

Pedrinho e seus amigos Malu e Yuri conversam sobre diversidade, amizade e respeito às diferenças. Pedrinho fala de seu amor pela natureza (Mata Atlântica) e, principalmente, como gosta de ajudar a todos na escola, através da amizade e do respeito.

Pedrinho menciona a natureza e sua primeira aventura como protetor, pedindo para contar uma história.

Era um dia tranquilo na Mata Atlântica, quando Pintada, a onça, corria alegre pela floresta. De repente, uma chuva muito forte começou a cair, acompanhada de vários trovões. Ela ficou com muito medo ao ouvir um barulho alto e estranho, então saiu correndo para ver o que estava acontecendo.

Era um lenhador malvado cortando várias árvores com uma motosserra e jogando lixo por toda parte, destruindo e poluindo a floresta. Pintada, a onça, saiu gritando para que todos os animais fugissem e pedindo socorro; tudo era muito triste. A tartaruga Clodoaldo, presa no lixo, gritava desesperada, e logo o caranguejo Dboa correu para ajudar. Havia uma grande confusão.

Todos estavam muito assustados, perdendo a esperança. Quando, de repente, algo aconteceu.

Era Pedrinho e seus amigos, que ouviram os gritos pedindo socorro e correram rapidamente para ajudar. Junto com a onça Pintada e os demais animais, expulsaram o lenhador malvado para bem longe, para nunca mais voltar.

Depois de toda a agitação, todos juntos fizeram uma faxina na floresta, retirando todo o lixo e deixando tudo bem limpinho. Pedrinho falou sobre a importância de cuidarmos da natureza, pois o Planeta Terra é a nossa casa.

A partir daquele dia, Pedrinho e seus amigos ficaram conhecidos como Os Protetores da Natureza e ganharam um distintivo de Amigos da Mata Atlântica da onça Pintada.

A floresta agora estava protegida. Cada um contribuiu com suas habilidades, mostrando que todos são importantes. Em seguida, comemoraram e, felizes, cantaram "viva a Diversidade e a Natureza".

Texto escrito pelos estudantes do 3ºC, com mediação da pesquisadora.

4.7.8 Apresentação do teatro de bonecos no auditório da escola: Pedrinho e sua Turma - Viva a Diversidade - Uma Aventura na Mata Atlântica - Os Protetores

Todos os estudantes foram convidados a assistir ao Teatro de Bonecos no auditório da escola, apresentado pela pesquisadora. Antes de iniciar o teatro, a pesquisadora começou uma roda de conversa com os estudantes, abordando o tema respeito à diversidade e Educação Inclusiva - Escola para Todos, de acordo com a FIGURA 54.

FIGURA 54: Estudantes SRM em roda de conversa



Fonte: Autora (2023)

Neste momento, os estudantes matriculados na Sala de Recurso Multifuncional foram até a frente, onde cada um relatou suas dificuldades e habilidades, além de como é seu dia a dia na escola, principalmente em relação ao respeito e à amizade.

Uma estudante compartilhou que fica muito triste quando falam dos pelinhos que ela tem no braço. Essa conversa foi muito importante. Outro estudante perguntou se uma colega era realmente autista, pois, para ele, autista não falava. Foi reforçada a

importância da diversidade na escola e como a amizade e o respeito são fundamentais. Em seguida, houve a apresentação do Teatro de Bonecos, de acordo com a FIGURA 55.

FIGURA 55: Estudantes durante o teatro



Fonte: Autora (2023)

Foi um momento de grande descontração com a participação dos estudantes, houve muita interação, principalmente quando os bonecos conversavam sobre a diversidade e valorização das diferenças. Alegria dos estudantes quando o Caranguejo Dboa salvou a Tartaruga Clodoaldo, e o momento mais emocionante, quando Pedrinho salvou os animais expulsando Rodrigão. Todos os estudantes faziam uma grande torcida.

Após o término do teatro, os estudantes do 3 °C foram chamados à frente para receber os aplausos dos demais estudantes. Não havia ali melhor ou mais inteligente, todos eram iguais, eram crianças; as barreiras da dificuldade e dos transtornos foram deixadas de lado, e todos compreenderam a importância do trabalho em equipe, e o resultado foi a maravilhosa história escrita por toda a turma, de acordo com a FIGURA 56 e 57.

FIGURA 56: Apresentação dos estudantes do 3°C



Fonte: Autora (2023)

FIGURA 57: Estudantes 3°C com Pedrinho e sua turma



Fonte: Autora (2023)

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Em Tempo Integral Nascimento Júnior, que tem uma ótima estrutura física, recentemente reformada, de acordo com as FIGURAS 58 e 59.

FIGURA 58: Imagem vista de cima da Escola Nascimento Júnior



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Paranaguá (2021)

FIGURA 59: Foto Sala de Recursos Multifuncionais



Fonte: Autora (2023)

5 DISCUSSÕES

A pesquisa teve como principal objetivo compreender que a escola é um espaço de todos, valorizando a diversidade humana e a biodiversidade local, promovendo a educação inclusiva e preparando os estudantes para a cidadania planetária. Foram realizadas diversas práticas educativas na busca de tornar a escola um local verdadeiramente inclusivo, respeitando a diversidade e valorizando a biodiversidade local.

A partir das categorias de análise freirianas natureza e educação humanizadora, foi surpreendente a forma como se entrelaçaram, dando-lhes um sentido real na busca por uma educação humanizadora de respeito à diversidade. Em relação à concepção de educação humanizadora, Freire (1967) afirma que: a concepção humanística e libertadora da educação, ao contrário, não dicotomiza o ser humano no mundo. Tudo está ligado.

A educação humanizadora presente nesse processo educativo teve como objetivo fortalecer laços de amizade e respeito. Os quais dialogam com Freire (1979, p.29) Não há educação sem amor... Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita.

A utilização de bonecos foi indispensável nesta pesquisa, e, sobretudo, o envolvimento dos estudantes de forma lúdica, versátil e divertida, criando caminhos para diferentes aprendizados, contribuindo para a imaginação e criatividade. Para Vigotski (2018, p.16) [...] a imaginação, base de toda a atividade criadora, manifesta-se sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando igualmente possível a criação artista, a científica e a técnica||.

Os bonecos abordaram temas relevantes, como o respeito às diferenças e à diversidade, o amor pela natureza. A **Estudante A** relatou: *O fantoche Yury é parente da professora Márcia, bem parente dela, porque é do Japão.*

A pesquisadora confeccionou e planejou todos os bonecos, com o objetivo principal de evidenciar as diversas características externas e personalidades dos bonecos, retratando a diversidade humana e suas diversas tonalidades, mostrando que ser diferente é normal. A **Estudante F** disse: *A fantoche Malu é igual a estudante do*

quinto ano. A boneca foi feita inspirada na estudante, uma menina negra, linda e muito esperta. Segundo Ribeiro (2019, p. 41) Um ensino que valorize as várias existências. Uma educação baseada no diálogo, na troca de ideias, fundamentada na relação com o outro, aponta para a educação humanizadora. Dessa forma, percebemos uma prática dialógica que valoriza a escuta do outro e valoriza as diferenças, de acordo com Freire (2005, p.16). "O diálogo não é um produto histórico, é a própria históriação." A comunicação é inerente à condição humana, sendo o ponto central da atividade de ensinar.

Os estudantes, ao longo do processo, demonstraram estar envolvidos e sempre interagindo. A sala de aula se tornou um ambiente humanizado de discussão e reflexão, aprendendo através da troca de experiências.

De acordo com a fala da **Estudante C**: *Inclusão é todo mundo ser amigo. Devemos respeitar, e que todo mundo faz parte da mesma escola*. A fala da estudante relatou que a escola é um espaço de todos, de respeito às diferenças. Sobre a riqueza da diversidade, de acordo com Gadotti (1995). Hoje percebemos com mais clareza que a diferença não deve apenas ser respeitada. Ela é a riqueza da humanidade, base de uma filosofia do diálogo.

O Estudante A também relatou: *Os autista fazem parte daqui, junto com os alunos normais, igual o Estudante L, que é autista e está aqui junto, a escola é pra todo mundo*. A fala do estudante A dá a compreensão de acolhimento e amizade, indo de encontro ao pensamento de Minetto (2021, p. 113), [...] se tem amigos na turma atual, será acolhido e aceito por todos isso poderá ser um fator de estímulo e progresso||.

Considerando o objetivo de aprendizagem e a troca de experiências, de acordo com Gadotti (2011, p. 62) É o sujeito que aprende através da sua experiência. Não é o coletivo que aprende. Mas é no coletivo que se aprende. Eu dialogo com a realidade, com os autores, com meus pares, com a diferença. Isto quer dizer que o processo educacional é composto por estabelecer relações e essas relações são fundamentais para a aprendizagem.

Na gincana da caça ao tesouro, os estudantes foram divididos em grupos. Eles precisavam trabalhar juntos, através do diálogo e da interação, para cumprir as tarefas. Como se organizaram, cada um contribuindo com a sua capacidade e auxiliando o

outro, formaram parcerias e, mesmo nas outras atividades, resolveram continuar com os mesmos grupos.

Conforme a fala da **Estudante A** no momento da atividade: *Vamos todos juntos em equipe*. A fala da estudante reforça a importância do trabalho no coletivo e da amizade, pois conforme Minetto (2021, p.79). É fundamental reconhecer as relações afetivas que se estabelecem no contexto escolar como fundamentais para organizar a escola de forma mais cooperativa e menos competitiva.

O **Estudante E**, que se sentia inferiorizado por ser de pequena estatura, relatou ao final da atividade de sua equipe: *Eu ficava triste por me chamarem de baixinho, agora sei porque sou pequeno, porque sou bem rápido e ajudei meus amigos a achar as pistas bem rápido*. A fala do estudante mostra claramente que o mesmo se sentia constrangido pela fala do outro a respeito de sua estatura, demonstrando uma atitude de emponderamento, essa atitude vai ao encontro do pensamento de Gadotti (2011, p.114). Educar é emponderar. Não é tanto ensinar quanto reencantar. Ou melhor. Ensinar, nesse contexto, é reencarnar, despertara capacidade de sonhar, despertar a crença de que é possível mudar o mundo.

Nesta mesma atividade o **Estudante C**, o qual que tem muita dificuldade relacionada à leitura e escrita, e conforme a fala da **Professora A**, regente da turma: *Ficava sempre isolado e não tinha interesse em realizar as atividades em classe*. Desde o início da pesquisa, seu comportamento mudou, tornando-se ativo e confiante, e apesar de não conseguir ler as pistas, ficou bastante motivado, tendo muita facilidade em achá-las, o que foi crucial para o sucesso da tarefa em equipe.

A brincadeira foi muito motivadora e contou com a participação de todos os estudantes. Mesmo aqueles que não gostam de fazer atividades físicas, como correr, participaram ativamente.

Ao término da atividade, era possível notar no olhar de cada aluno a felicidade e a interação entre eles. Não havia distinção entre maior ou menor, melhor ou pior, todos eram iguais e cada um contribuiu com suas habilidades, através de uma educação inclusiva.

A **Estudante F** disse: *Eu gostei muito dessa atividade, foi muito divertido, todo mundo participou*. Os **Estudantes G, H e I** perguntaram: *Quando será a próxima ativi-*

dade, podemos fazer de novo. Os demais estudantes também se mostraram ansiosos para as demais oficinas e também contavam com a participação do Pedrinho. A **Estudante J** perguntou para o boneco: *Como você faz para ter esse cabelo tão lindo, e porque você gosta tanto da onça-pintada*. Era normal a interação entre os estudantes e com os bonecos nas atividades.

Os relatos dos estudantes vão ao encontro do pensamento de Minetto (2021, p.8) É como um grande quebra cabeça que precisa ser montado por muitas mãos, com paciência, com persistência e com criatividade, a fim de atingir um objetivo maior, encontrar o espaço que é de direito para cada peça, compondo o todo.

Após seguimos para Roda de Conversa, para sistematizar as experiências, onde, abriu espaço para o diálogo e interação entre os estudantes, conforme Gadotti (2021, p.44) aprender de forma cooperativa”. Sempre demonstrando o respeito à diversidade e às diferenças, princípios que nortearam as discussões e reflexões ao longo de cada atividade.

A **Estudante A** relatou: *Eu gostei muito do tesouro que encontrei, a natureza é muito linda*. O **Estudante M** disse: *Eu gostei muito da atividade, porque todo mundo ajudou*. A **Estudante N** relatou: *Eu não consegui correr rápido, mas minha amiga me ajudou*. A **Estudante R** disse: *Ser diferente é legal*. O **Estudante L** comentou: *Eu gosto da minha escola, porque tenho muitos amigos*. A maioria dos estudantes expressou-se sobre o respeito e a colaboração na atividade, mas, sobretudo, um ambiente de harmonia e diálogo.

Esse processo é construído através do diálogo fortalecendo a educação inclusiva no ambiente escolar, e segundo Freire (1979, p.68) Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé, de confiança. Por isso somente o diálogo se comunica. Sendo indispensável para prática educativa.

Em seguida analisaremos a participação dos estudantes nas atividades, utilizando a categoria de análise freiriana Natureza. A pesquisa além de abordar a educação humanizadora e inclusiva, também buscou, através do diálogo e de atividades concretas e expositivas, demonstrar que somos parte de uma comunidade planetária e rica em diversidade e biodiversidade. Segundo Gadotti (2011, p. 99)

aponta, É educar para que cada um de nós encontre o seu lugar no mundo, educar para pertencer a uma comunidade humana planetária, para sentir profundamente o universo. Educar para planetarização.

Um momento de grande participação ocorreu quando a pesquisadora apresentou aos alunos o Planetário Escolar. A grande maioria nunca tinha tido contato com o material, todos os alunos participaram da atividade. Foi um momento de despertar da curiosidade, queriam saber como usar o material, perguntavam e questionavam sobre os movimentos da Terra, como a lua se movimentava ao redor dela, qual a posição dos planetas em torno do sol.

O **Estudante E** questionou: *Quanto tempo a Terra leva para dar a volta no sol?* Outras questões surgiram, como a da **Estudante B**: *Essa bolinha pequena é a lua, como ela roda e porque é importante, como funciona?* E da **Estudante D**: *Qual o nome dos planetas e qual ficam mais opostos do sol?* O **Estudante E** conhecia os planetas e começou a ensinar seus amigos dizendo: *O planeta Urano é o terceiro maior planeta.* E outras questões surgiram, despertadas pela curiosidade dos estudantes e a vontade de aprender cada vez mais. E nesse contexto de acordo com Gadotti (2011, p.53). [...] aprender é conhecer melhor o que já se sabe, para poder ter acesso a novos conhecimentos.

Seguimos com o Tour Virtual com o aplicativo Google Earth com o Data Show apresentado na Sala de Recurso Multifuncional. Foi um momento de muita aprendizagem e novos conhecimentos. Sobre o uso tecnologia na educação humanizadora, Freire (2005, p.181) afirma: Neste sentido, a formação técnico-científica não é antagônica à formação humanista dos homens, desde que ciência e tecnologia, na sociedade revolucionária, devem estar a serviço de sua libertação permanente, de sua humanização.

Essa atividade com o aplicativo foi utilizada novamente, agora mostrando a região da Mata Atlântica (Mata Atlântica, 2020) e os vídeos educativos do Projeto REBIMAR (Mar Brasil, 2028), onde os estudantes puderam conhecer um pouco da biodiversidade local.

A pesquisadora organizou um banner com fotos e imagens de diversos animais e plantas da região da grande Floresta da Mata Atlântica. Muitos se surpreenderam, pois não faziam ideia da biodiversidade que envolve o entorno da cidade. O objetivo da

atividade foi conhecer para cuidar, partindo do local para o global, alguns identificaram pássaros que constantemente aparecem em suas residências e também árvores típicas da região.

O **Estudante O** comentou sobre a biodiversidade da floresta na região de Paranaguá-PR: *Eu não sabia que quando ia para Curitiba, na Serra, tinha uma floresta com onça-pintada.* Ao mostrar o mapa da região da Grande Floresta da Mata Atlântica, o **Estudante K** ao ver a região desmatada demonstrou preocupação dizendo: *Se o resto do planeta for destruído será, que a floresta da Mata Atlântica ficará protegida.* Ao mostrar o Município de Paranaguá o **Estudante E** disse: *Aqui é Paranaguá a nossa cidade.* Ao continuar a fala dos estudantes, o **Estudante K** também perguntou: *Professora nós também somos americanos, por que moramos na América do Sul?*

O **Estudante C**, apaixonado pelo caranguejo, ficou maravilhado ao passear pela região do Mangue. Ele disse: *Eu gosto de passear com minha vó no mangue para ver os caranguejos, fico triste quando vejo lixo no mangue.* Em seguida, explicou aos outros estudantes sobre as características e modos de vida do caranguejo e que não devemos jogar lixo no mangue. A **Estudante K** falou: *A floresta parece um tapete bem verdinho.* A **Estudante B** falou: *Eu não sabia de tudo isso, é muito lindo a natureza.* O **Estudante O** falou: *Eu gosto de brincar na rua da minha casa e ver a natureza.* O **Estudante L** relatou: *Perto da minha casa tem o mangue e lá jogam cachorro e lixo.*

Sobre essa experiência de conhecimento, cuidado e valorização do bioma local, Freire (2015) nos fala sobre seu amor por sua terra, Recife: *Minha terra é boniteza de águas que se precipitam, de rios, de praias, de vales, de florestas, de bichos, de aves.* Ele conhecia profundamente a biodiversidade de sua região e tinha um imenso vínculo de amorosidade pela natureza, o pertencimento local, começando no quintal de sua casa. Sobre suas experiências partindo da valorização do local para o global, Freire (2015, s.p) nos descreve sobre sua experiência com a natureza a partir do quintal de sua casa: *“Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidade tem de me espriar, de me mundializar”*.

A citação de Freire reforça uma das propostas da pesquisa, a de conhecer para cuidar, e que para ser cidadão do mundo tenho que ter conhecimento profundo do quintal da minha casa e assim, me mundializar (Freire, 2015). Para proteger e cuidar é ne-

cessário conhecer, isso é tonar a aprendizagem significativa, dar verdadeiro sentido em cuidar da natureza, agir localmente.

Essa proposta da pesquisa vem de encontro, a Educação para os Objetivos do desenvolvimento Sustentável (UNESCO, 2017, p.32). O educando é capaz de refletir sobre sua região no desenvolvimento de sua própria identidade, compreendendo os papéis que os ambientes naturais, sociais e técnicos tiveram na construção de sua identidade e cultura. Uma educação voltada a diversidade humana e biodiversidade através da consciência planetária, em uma sociedade onde todos caibam e ninguém é excluído (Gadotti, 2011).

Os estudantes criaram cartazes em grupo, abordando temas como o Mar, a floresta e o Mangue.

Duas integrantes do grupo do **Estudante C**, que tem dificuldade de leitura, se mostraram preocupadas, pois achavam que ele não seria capaz de ajudar. Foi surpreendente, como o estudante assumiu a liderança do trabalho mostrando suas habilidades em desenhar. A **Estudante Q** falou: *Nossa! Como ele sabe desenhar bem*. Ele estava atento a cada detalhe e as meninas começaram se envolver e auxiliar no cartaz. Acredito que foi um momento de reconhecimento.

O **Estudante C** relatou: *Nosso cartaz vai ficar bem bonito*. Ele se sentia confiante e feliz em trabalhar com o grupo. Essa experiência e a atividade proposta de forma inclusiva vão de encontro ao questionamento de Mantoan (2003, p.19) Essas propostas reconhecem e valorizam as diferenças como condição para que haja avanço, mudanças, desenvolvimento e aperfeiçoamento da educação escolar? Essa experiência nos mostra que é possível, construir no ambiente escolar uma educação que valorize a todos, independente de suas dificuldades.

Os estudantes participaram de uma atividade coletiva de criação de cartazes, onde cada equipe discutiu um tema, como o Mar, a Floresta e o Mangue.

Duas integrantes do grupo do **Estudante C**, estudante com dificuldade de leitura, se mostraram preocupadas, por acharem que ele não saberia ajudar, foi surpreendente, como o estudante tomou a frente do trabalho mostrando suas habilidades em desenhar. A **Estudante Q** falou: *Nossa! Como ele sabe desenhar bem*. Ele se preocu-

pava com cada detalhe e as meninas começaram a interagir e auxiliar no cartaz. Creio que foi um momento de reconhecimento.

O **Estudante C** relatou: *Nosso cartaz vai ficar bem bonito*. Ele se sentia confiante e feliz em trabalhar com o grupo. Essa Experiência e a atividade proposta de forma inclusiva, vai de encontro ao questionamento de Mantoan (2003, p.19) "Essas propostas reconhecem e valorizam as diferenças como condição para que haja avanço, mudanças, desenvolvimento e aperfeiçoamento da educação escolar ?" Essa experiência nos mostra que é possível , construir no ambiente escolar uma educação que valorize a todos , independente de suas dificuldades.

Neste processo de construção do conhecimento, que teve como objetivo mostrar aos estudantes a relevância do cuidado com a natureza local, a aula de campo no Aquário de Paranaguá-PR, os estudantes se aventuraram no mundo da pesquisa, ficaram fascinados com os diferentes biomas da região, e discutiram sobre a preservação da natureza para as gerações futuras.

A seguir, abordaremos as vivências e relatos dos alunos, considerando as categorias freirianas abordadas, educação humanizadora e natureza, que estiveram sempre em sintonia durante todo o processo de pesquisa, já que o processo sempre valorizou o diálogo e a troca de experiências.

Os estudantes fizeram questão de levar o fantoche Pedrinho junto na aula de campo. O **Estudante E** falou: *Pedrinho é nosso amigo e já faz parte da nossa turma*. O fantoche criou vida em meio aos estudantes passando de mão em mão.

A **Estudante B** disse: *É a primeira vez que venho no aquário eu quero ver todos os animais, estou muito ansiosa*. O **Estudante L** ficou maravilhado com os pinguins e disse: *Ele é muito bonitinho, eu nunca vi um pinguim, é a primeira vez que vejo*. O **Estudante K** também fez um comentário sobre os pinguins: *Até o pinguim tem mais coragem do que eu de mergulhar*. Ficou admirado com a agilidade ao nadar. Os pinguins estavam bem exibidos e nadavam de um lado para o outro, ficaram curiosos com os estudantes. A **Estudante Q** observou: *Olha professora ele está espiando na porta da toquinha para ver quem está chegando*.

Havia todo um encantamento por parte dos estudantes, estavam vivenciando a aprendizagem, de acordo com Gadotti (2011 p 56). Seduzir, no sentido de encantar

pela beleza, e não como técnica de manipulação. Daí a necessidade da motivação, do encantamento.

Os estudantes exploraram cada canto do Aquário, o **Estudante C**, ficou encantado com a maquete do mangue, em sua fala: *Nossa como tem caranguejos, eles gostam de comer folhas, qual é o nome desses caranguejos?*

Quando viu o jacaré-de-papo-amarelo, o **Estudante O** falou: *Como ele é grande, deve estar dormindo, ele gosta de ficar no sol.* A **Estudante K** falou: *Tudo é muito lindo, será que tem tubarão e onça-pintada aqui?* Os estudantes ficaram curiosos para conhecer os animais da grande Floresta da Mata Atlântica.

Essa atividade além de abordar o meio ambiente fortaleceu a educação inclusiva, pois a inclusão oferece um espaço educacional para todos de respeito a diversidade. Segundo Minetto (2021, p.167). Se existe uma diferença no processo de aprendizagem por uma razão qualquer, é preciso respeitar essa diversidade na forma de ensinar.

O pensamento de Minetto sobre diversidade vai ao encontro do pensamento de Freire (1996, s/p) o de respeito às diferenças. Deixando bem claro que a Educação Inclusiva se relaciona com a educação humanizadora na construção de uma educação crítica e libertadora, voltada à educação sustentável, pois de acordo com Gadotti (2011), que reforça o pensamento de Minetto (2021) e Freire (1996) Sustentabilidade tem a ver com a relação que mantemos conosco mesmos, com os outros e com a natureza. O ser humano é um ser de relações com ele e com a natureza.

Na aula seguinte os estudantes elaboram um texto coletivo com o tema: Pedrinho e sua turma-Viva a Diversidade: Uma Aventura na Mata Atlântica-Os Protetores. O texto foi construído após todo o processo da pesquisa, a visão de natureza e principalmente meio ambiente que foi construída com estudantes, torna-se mais próxima da realidade. Havia certa intimidade ao falar sobre diversidade e biodiversidade da região.

O conhecimento trouxe subsídios para o texto, pois os estudantes tinham conhecimento daquilo que estava sempre trabalhado. O pensamento de Freire (1979, p. 61) confirma essa prática educativa: Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais emergirá dela conscien-

temente carregado de compromisso com sua realidade da qual, porque é sujeito, porque não é simples espectador.

Os estudantes se tornaram sujeitos e participantes do processo através da construção coletiva de forma concreta e significativa. O teatro de bonecos foi apresentado para toda escola. E observar as diferentes expressões e sentimentos, no sorriso de cada estudante do 3 °C, quando apresentados como roteirista e criadores do texto, foi muito gratificante. Para Gadotti (2011, p.75) Educar para sentir e ter sentido, para cuidar e cuidar-se, para viver com sentido cada instante da nossa vida. Somos humanos porque sentimos e não apenas porque pensamos. Somos parte de um todo em construção e reconstrução.

Ao término da apresentação, houve uma grande roda de conversa com todos os estudantes a respeito do tema da educação inclusiva. Os estudantes matriculados na Sala de Recurso Multifuncional foram apresentados pela pesquisadora à escola, a pesquisadora falou sobre as diversas habilidades valorizando as diferenças.

Os estudantes fizeram diversos questionamentos a pesquisadora, como: O que é autismo? Se autista não fala porque o Pedrinho fala? Por que todos não podem frequentar o AEE? Diversos estudantes mencionaram ter parentes com Autismo, Síndrome de Down ou outras deficiências.

O mais importante foi o ambiente de respeito dos estudantes e a forma que foi tratado o assunto sobre a diversidade no ambiente escolar através do diálogo. Sobre essa experiência nos fala Freire (2005, p.10) Assim, juntos, recriam criticamente o seu mundo: o que antes os absorvia, agora podem ver ao revés. No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em reciprocidade de consciências.

Concluo esta discussão com a realização da mesma atividade pelos estudantes. A atividade desenvolvida no início da pesquisa está ilustrada na figura 11, demonstrando a ausência de detalhes e o desconhecimento sobre o tema, de acordo com as FIGURAS 60 e 61.

FIGURA 60: Atividade desenvolvida no Início da pesquisa

Hand-drawn diagram showing the initial stage of research. It features two main sections: "INCLUSÃO" (Inclusion) and "MEIO AMBIENTE" (Environment). The "INCLUSÃO" section has a box labeled "NÃO SEI" (I don't know). The "MEIO AMBIENTE" section has a box labeled "EU NÃO CONHEÇO" (I don't know).

FIGURA 61: Atividade desenvolvida no final da Pesquisa

Hand-drawn diagram showing the final stage of research. It features two main sections: "INCLUSÃO" (Inclusion) and "MEIO AMBIENTE" (Environment). The "INCLUSÃO" section has a box labeled "TER VÁRIOS AMIGOS PARA BRINCAR É BEM LEGAL" (Having many friends to play is very legal). The "MEIO AMBIENTE" section has a box labeled "O MEIO AMBIENTE TEM MUITA COISA PARA APRENDER" (The environment has many things to learn).

Fonte: Autora (2023)

Os conhecimentos adquiridos durante o processo pedagógico de interação e diálogo foram evidenciados na Figura 12 da mesma atividade, realizada ao final da pesquisa. Essa atividade dialoga com Gadotti (2011, p.61). Todo ser vivo aprende na interação com seu contexto: aprendizagem é a relação com o contexto.

No quadro inclusão no contexto da diversidade, o estudante relata: Ter vários ami-gos para brincar é bem legal. Essa frase confirma o pensamento de Mantoan (2003, p.12), "[...] a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e desta-cada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compre-endemos o mundo e a nós mesmos". A educação Inclusiva passou e ter uma nova perspectiva, um novo olhar sobre o que é diversidade.

Frases utilizadas pelos estudantes, tais como: Diferentes mais iguais; O marrom é bonito; Ser gentil e Educado; Todos são especiais, Deficiência não é doença entre outras expressões. O que nos leva ao pensamento de Gadotti (2011, p.99), sobre edu-car: Educar para que cada um de nós encontre o seu lugar no mundo, educar para pertencer auma comunidade humana planetária, para sentir profundamente o univer-so.

Além das frases a respeito da Educação Inclusiva, relato dos estudantes, que vão de acordo com pensamento de Mantoan (2003, p.14) em relação à construção da educação inclusiva. Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças.

Observamos que o quadro Meio Ambiente tomou uma nova forma, com desenhos mais criativos e coloridos. Principalmente a respeito do ser humano, que agora está inserido na natureza. Não é um ser isolado que usufrui o meio ambiente, é parte integrante do planeta, um cidadão planetário.

Gadotti (2008, p.30), menciona em seu livro a profundidade, sobre o saber ser cidadão do mundo, através da letra do cantor brasileiro Milton Santos: Estrangeiro eu não vou ser? Cidadão do mundo eu sou. Que fala sobre o pertencimento do ser humano ao planeta Terra como cidadão planetário, superando todas as barreiras geográficas e preconceitos étnicos: Se as crianças de nossas escolas entendessem em profundidade o significado das palavras desta canção, estariam iniciando uma verdadeira revolução pedagógica e curricular (Gadotti, 2008, p.30).

Acredito que a mensagem de Moacir Gadotti poderia ser o foco principal desta pesquisa, despertando nos estudantes a consciências de que todos somos parte do mesmo planeta, o planeta Terra. Este planeta é caracterizado pelo respeito à diversidade humana e à biodiversidade, onde seres humanos e a natureza convivem em harmonia e respeito. Uma educação que reconhece que a diversidade é a característica mais normal do planeta. Segundo Freire (2005, p.108), inédito viável. Algo que pode se tornar realidade.

6. PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional é um Caderno Pedagógico de Sequência Didática, desenvolvido com os estudantes do 3º C do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Em Tempo Integral Nascimento Júnior, localizada no Município de Paranaguá/Paraná.

Esse produto será destinado a professores como material pedagógico.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou que, através de práticas significativas, é possível contribuir para construir no ambiente escolar uma educação inclusiva, humanizadora e sustentável, um local onde os estudantes se relacionam de forma harmônica e respeitosa. Estimulando nos alunos a curiosidade e a compreensão da importância de conhecer para cuidar do meio ambiente e ter conhecimento ecológico.

No processo de construção da educação inclusiva, ficou evidente a relevância da participação de todos os envolvidos no processo educacional, uma vez que fazemos parte desse complexo ciclo da vida, que envolve e conecta o ser humano em sua diversidade à natureza em sua biodiversidade.

Discutir e mostrar a realidade dos estudantes em relação à preservação da natureza, para que compreendam a sua relevância, bem como os conhecimentos práticos trazidos à escola, como ecologia, sustentabilidade, aquecimento global ou até mesmo o conhecimento sobre o local de moradia, o rio que passa ao lado de sua residência, os animais típicos de sua região, entre outros conhecimentos locais e ambientais.

A metodologia utilizada na pesquisa foi fundamentada no diálogo e na interação, tendo como foco principal a experiência e o conhecimento dos estudantes. Educando para a cidadania planetária, incentivando a criatividade e a curiosidade. Nesse contexto educacional, ter conhecimento de vida, de natureza e de diversidade. Percebendo o mundo ao seu redor, um mundo de relações, onde as diferenças enriquecem e valorizam nossas identidades.

Um ponto muito importante foi trazer aos estudantes a realidade territorial, que envolve a nossa cidade, que era desconhecido pela maioria.

Nesse contexto, ter conhecimento de vida, de natureza e de diversidade. Perceber o mundo ao seu redor, repleto de conexões, onde as diferenças enriquecem e valorizam nossas identidades.

Unindo a educação inclusiva, aliada a educação ambiental, conduzindo os estudantes a compreender que estamos inseridos em uma rica biodiversidade, a Mata Atlântica, considerada Patrimônio Nacional pela constituição brasileira. Um território rico em biodiversidade, mas que ainda é pouco explorado em sala de aula.

Um aspecto marcante observado ao longo da pesquisa foi o encantamento e o entusiasmo dos estudantes pelo tema, a participação ativa e o ambiente de respeito e cooperação ao longo de toda a pesquisa. A cada atividade terminada, os estudantes ficavam ansiosos para a próxima, sem contar Pedrinho, que se tornou um grande amigo dos estudantes e, como todos sabem, apaixonado pela Mata Atlântica e, sobretudo, pela onça-pintada.

E saber que o projeto continua a ser desenvolvido na escola e que Pedrinho e sua turma estão presentes em todas as atividades escolares e apresentações é muito gratificante. Acredito a pesquisa deve estar presente na escola, e não apenas passar por ela. Esta pesquisa teve como objetivo estabelecer raízes e agora faz parte do Plano de Ação da escola, inserido no PPP, visando promover a diversidade, respeitar as diferenças e promover a educação ambiental. Mediante uma educação humanizadora, que passa pelo coração.

REFERÊNCIAS

AGENDA 21 GLOBAL. UNCED - **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento** (1992), Agenda 21 (global). Ministério do Meio Ambiente - MMA. Disponível em: < <http://www.mma.gov.br/port/se/agen21/ag21global/>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA: **A educação das crianças para um mundo sustentável** / Michael K. Stone e Zenobia Barlow, orgs; prólogo David W. Orr; prefácio Frijof Capra; ptrefácio edição brasileira Miriam Duailibi; tradução Carmen Fisher, - São Paulo : Cultrix, 2006.

ANTIPOFF, Helena. **Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff**. - Org. pelo centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, CDPHA-Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. Conteúdo. Educação Rural, Volume IV.

APP/SINDICATO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei 9394/96. Curitiba: APP/SINDICATO, 1997.

Associação Mar Brasil. Descobertas Rebimar. **Uma série infantil que trá Personagens e Curiosidades**. Ficha Técnica: Coordenação - André Cattani; Direção e Roteiro - Gabriel Marchi; Ilustração - Douglas Camargo; Animação - Erva Mate Estúdio; Vozes - Fernanda Fuchs (Tubarão, Mero) e Carol Mascarenhas (Caranguejo, Raia); Produção de Casting - Verônica Rodrigues; Patrocínio - Petrobras e Governo Federal. Acesso em 2014 . Disponível em: <https://marbrasil.org/rebimar/nova-serie-infantil-traz-personagens-e-curiosidades/>

Associação Mar Brasil. O MAR E NÓS - **Mergulhando na Biodiversidade do Litoral Paranaense** / Organização: Rodrigo Arantes Reis, Jaqueline dos Santos Pontes, Marjorie Chaves Ramos, Jeziel da Silva Malaquias, Felipe Brasil Felício. - Pontal do Paraná, PR: Associação MarBrasil, 2018.

Associação Mar Brasil. **Olhares sobre a biodiversidade marinha do Paraná** / Organização: Robin Hilbert Loose - Pontal do Paraná.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **As flores de abril: movimentos sociais e educação ambiental**/Carlos Rodrigues Brandão. - Campinas, SP: Autores associados, 2005. (Coleção Educação contemporânea)

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal.

BRASIL. **Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência**. Brasília: Senado Federal, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Medida Provisória nº2. 186-16, de 24 de agosto de 2001. Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição, os arts. 1º, 8º, alínea "j", 10, alínea "c", 15 e 16, alíneas 3 e 4 da **Convenção sobre Diversidade Biológica, dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado, a repartição de benefícios e o acesso à tecnologia e transferência de tecnologia para sua conservação e utilização, e dá outras providências**. Presidência da República Federativa do Brasil. Disponível em :<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/MPV/2186-16.htm>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Inclusão: revista de educação especial, v.4, n 1, janeiro/junho 2008. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Presidência da República. Decreto N° 6.949, de 25 de agosto de 2009 - **Pro-mulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo facultativo, assinado em Nova York, em 30 de março de 2007**. Organização das Nações Unidas - ONU

BRASIL. **Ministério de Educação/Secretaria de Educação Especial. Educação Inclusiva**. Direito à Diversidade. Curso de Formação de Gestores e Educadores Brasília: MEC/ SEESP, 2004.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff / Regina Helena de Freitas Campos. - Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 152 p.: il. - **(Coleção Educadores)** Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7019-520-3 1. Antipoff, Helena, 1892-1974. 2. Educação - Brasil - História. I. Título

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **Adaptações curriculares na Inclusão escolar: contrastes e semelhanças entre dois países** / Vera Lúcia Messias Fialho Capellini. - 1. Ed. - Curitiba: Appris, 2018.

CARDOSO-BUCKLEY, M. C. F. **Pesquisa em Educação Especial Valores Influenciando a Visão do Ser Humano e Pesquisa em Educação Especial: Uma Reflexão**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.17, p.17-22, Maio-Ago, 2011. Edição Especial.

COMED/PGUÁ. **Conselho Municipal de Educação de Paranaguá. DELIBERAÇÃO COMED, Nº. 01/19, APROVADA EM 04/09/201.**

DIREITOS HUMANOS. - 3. ed. - Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2007.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura: Uma história de Eugenia no Brasil e no mundo**/Pietra Diwan. - 2. ed. ,3ª reimpressão.-São Paulo: Contexto,2015.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do Conhecimento / Os Desafios da Educação**. Editora Vozes. São Paulo. 2013.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **À sombra desta mangueira** [recurso eletrônico] / Paulo Freire; Ana Maria de Araújo Freire. - 11. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. recurso digital. E-book. Disponível em : https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7293836/mod_resource/content/1/paulo-freire-a-sombra-desta-mangueira.pdf. Acesso em: 22 mar. 2024.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**/ Paulo Freire; tradução de Tiago José Risi Leme. – São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**/ Paulo Freire, tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1967. E-book. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em: 02 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** /Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo, 1921 - **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido** / Paulo Freire. - Notas: Ana Maria Araújo Freire Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Disponível em: file:///C:/Users/michelle/Desktop/livros%20PAULO%20%20FREIRE/Paulo%20Freire,%201992.%20PEDAGOGIA%20DA%20ESPERAN%C3%87A.pdf

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**/Moacir GADOTTI. -2. ed.-São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire,2011. - (Educação Cidadã; 2)

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade: contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável?** Moacir Gadotti.- São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. (Série Unifreire; 2)

GATTO, John Taylor. **Emburrecimento programado: o currículo oculto da escolarização obrigatória**. John Taylor Gatto. 1º edição- setembro de 2019 - CEDET.

GLAT, Rosana. **A Integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar**/ Rosana Glat (organização). - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

GLAT, R., PLETSCHE, M. D., & FONTES, R. S. (2007). **Educação inclusiva & educação especial: Propostas que se complementam no contexto da escola à diversidade**. Educação Santa Marta, 32(2), 343-356.

GUATARRI, Félix. **As três ecologias** /Felix Guatarri; tradução Maria Cristina F. Botten-court; revisão da tradução Suely Rolnik. - 21ª ed. - Campinas SP: Papirus, 2012.

GUTIÉRRES, Francisco. **Ecopedagogia e cidadania planetária** / Francisco Gutiérrez, Cruz Prado; tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. - 3 ed. - São Paulo: Cortez, 2013.

HOLLIDAY, O. Jara. **Para sistematizar experiências** / Oscar Jara Holliday; tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. Ed., revista. - Brasília: MMA, 2006. 128 p. ; 24 cm. (Série Monitoramento e Avaliação, 2)

HUGO, Victor, 1802-1885. **O corcunda de Notre-Dame** / Edição Comentada e Ilustrada. Tradução, apresentação e notas: Jorge Bastos. Jorge Zahar Editor LTDA. Edição digital julho 2013. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-livro-o-corcunda-de-notre-dame-edicao-comentada-e-ilustrada-victor-hugo-em-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>.

IACONO J. P. **Deficiência intelectual e terminalidade específica: novas possibilidades de inclusão ou exclusão velada?** Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

JANUZZI, Gilberta. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. São Paulo: Cortez; Autores associados, 1985 (coleção educação contemporânea).

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. **Inclusão & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. *E-book*. Disponível em: https://www.academia.edu/50458172/Inclus%C3%A3o_Educa%C3%A7%C3%A3o_by_Maura_Corcini_Lopes_Eli_Henn_Fabris. Acesso em: 24 out. 2023.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire**/ Carlos Frederico Bernardo Loureiro, Juliana Rezende Torres, (orgs). - 1. ed. - São Paulo : Cortez, 2014.

LOUREIRO, C.F.B. Educar, participar e transformar em educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, DF, n. 0, p. 13-20, 2004. LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 1, p. 53-71, jan./abr. 2013.

Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959 Fernando de Azevedo... [et al.]. - Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 122 p. - (Coleção Educadores) ISBN 978-85-7019-516-6 1. Educação - Brasil - História. I. Azevedo, Fernando de.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** / Maria Teresa Eglér Mantoan. – São Paulo: Moderna, 2003. – (Coleção cotidiano escolar)

Mata Atlântica: patrimônio nacional dos brasileiros / Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Núcleo Mata Atlântica e Pampa; organizadores Maura Campanili [e] Wigold Bertoldo Schaffer. - Brasília: MMA, 2010.

MAZZOTA, Marcos J. S. **Educação especial no Brasil, histórias e políticas públicas.**/ Marcos J.S.Mazzotta. - 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MEREDIEU, Florence de. **O desenho Infantil.** Ed. 10ª São Paulo: Cultrix; 1997.

MINAYO, M.C.S;DESLANDES.S.F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25.ed.rev.atual.Petrópolis: Vozes, 1994.

MINETTO, Maria de Fátima. **Currículo na Educação Inclusiva: entendendo esse desafio/** Maria de Fátima Minetto. 2. ed. Ver. Atual. Ampliada. Curitiba: Inter Saberes, 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Decreto Nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6571.htm. Acesso em: 14 out. 2023.

ONU. Organização das Nações unidas. **Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano.** In: Anais Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano. 1972.

ONU. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. (1994). **Declaração de Salamanca de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais.** Brasília: Autor.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Departamento de Educação Especial.** Fundamentos teórico-metodológicos da educação especial. Curitiba, SEED/SUED/DEE: 1994.

PARANÁ. Secretaria Estadual de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Especial para a Construção de Currículos Inclusivos - Educação Especial.** Curitiba: SEED/PR, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Política de educação inclusiva para o estado do Paraná**. Curitiba: SEED/DEE, 2000.

PEIXOTO, Ana Maria Cassanta. **A Escola no Projeto de Construção do Brasil Moderno: A Reforma Francisco Campos em Minas Gerais**. Educ. Ver. [online]. 1992, n.16, pp.12-17. ISSN 0102-4698.

PESSOTTI, Isaías. **Deficiência Mental: da superstição à ciência**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. *E-book*. Disponível em: file:///C:/Users/Downloads/DocGo.Net-IsaiasPessotti,%20Isaias_Deficiencia%20Mental%20%20Da%20Supersticao%20a%20Ciencia%20(3).pdf. Acesso em: 28 ago. 2023.

PLATÃO. **ARepública**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. PPP. Escola Municipal Em Tempo Integral Nascimento Júnior. Município de Paranaguá, 2023.

REHABILITATION INTERNATIONAL. **Carta para o Terceiro Milênio**. Londres, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/cartamilenio.pdf>. Acesso em: 13 out. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual antirracista** / Djamila Ribeiro - 1ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

ROHRS, Hermann. **Maria Montessori** / Hermann Rohrs; Danilo Di Mannode Almeida, Maria Leila Alves. - Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 142 p: il - (Coleção Educadores)

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva Escolar: a escola comum inclusiva**/ Edilene Aparecida Ropoli... [et.al]. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SARABHAI, Kartikeya V., **Mamata Pandya and Rajeswari Namagiri**, 2007. Tblisi to Ahmedabad: The Jpourney of Environmental Education: A Soucebbok. Ahmedabad: CEE:

SEMED. **Secretaria Municipal de Educação e Ensino Integral de Paranaguá – Educação Especial** / Centro de Autismo. Disponível em: <https://semedi.paranagua.pr.gov.br/conteudo/instituicoes/centro-de-autismo>. Acesso em: 23 set. 2023.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí?/ Carlos Skliar; [tradução, Giane Lessa] Rio de Janeiro: DP&,2003.

THIOLLENT, Michel, 1947-**Metodologia da pesquisa-ação** / Michel Thiollent. 18 ed. - São Paulo: Cortez. 1986.

UNESCO, (2002). **ACarta da Terra**. Pensamento & Realidade, 11(1), 125-135.

UNESCO (1994). **Declaração de Salamanca e o Enquadramento da Ação – Necessidades Educativas Especiais**. Adaptado pela Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, Salamanca. UNESCO (1996).

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. 1990. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2023.

UNESCO. **Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Objetivos de aprendizagem**, 2017. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/education-sustainable-development>. Acesso em: 01 jan. 2024.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos das Crianças**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca> .Acesso em: 05 jul. 2023.

VIGOTSKY, Lev Semenovich, 1866-1934. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores** / L.S. Vigotski, organizadores Michael Cole... [et all]; tradução José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. -. Ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2007. - Psicologia e Pedagogia.

VIGOTSKI, Lev S. (Lev Semionovich), 1896-1934. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores** / L.ev. Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. - São Paulo: Ática, 2018.

VOLUNTÁRIOS. **História da APAE de Paranaguá**, [1997?]. Disponível em : <https://voluntarios.com.br/p/nossa-historia/>. Acesso em: 23 set. 2023.

ZABALA, A. **APrática Educativa: Como educar**. Porto Alegre, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE I- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR-LITORAL

MESTRADO NO ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS- PROFICIAMB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Educação Inclusiva e Meio Ambiente, Caminhos para uma Educação Humanizadora, Sustentável e Planetária.

Nome do (a) orientador (a) da pesquisa: Profª Drª Silvana Cássia Hoeller

Nome dos estudantes autores: Michelle Martins Francisco

Você está sendo convidado (a) a participar de um projeto de investigação dos estudantes da escola Municipal Em Tempo Integral Nascimento Júnior. O(s) objetivo(s) do presente estudo é/são: Esta pesquisa busca promover a Educação Inclusiva no ambiente escolar, através da Educação Ambiental, valorizando a diversidade e o conhecimento do bioma local - Mata Atlântica.

• Procedimento: Como instrumento para coleta de dados foi realizado através de Oficinas e interação com as Mascotes da Sala de Recurso - Fantoques, envolvendo os estudantes em uma aprendizagem lúdica, criativa e cooperativa.

Para qualquer dúvida ou pergunta sobre assuntos relacionados à pesquisa, o a orientadora Dr.ª Silvana Cassia Hoeller, estará disponível para esclarecê-las através do telefone (41) 3511-8300 ou e-mail silvanano@ufpr.br.

Tendo lido, compreendido e estado suficientemente esclarecido sobre os propósitos do

estudo a que foi convidado a participar, eu _____
, RG, _____, autorizo que as informações e imagens pres-
tadas sejam divulgadas no trabalho.

Local e data: _____, _____ de _____ de _____.

Assinatura de quem consente

Eu, Michelle Martins Francisco, RG 6.407902-6, comprometo-me a utilizar os dados co-
letados na entrevista para fins de pesquisa, mantendo o sigilo dos nomes dos partici-
pantes.

Michelle Martins Francisco
Assinatura do pesquisador

*Esse documento deve ser assinado em duas vias. Uma via deve ser entregue à pes-
soa que participa da pesquisa e a outra via a pesquisadora.

APÊNDICE II - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR-LITORAL MESTRADO NO ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS- PROFICIAMB****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu _____ CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras (Michelle Martins Francisco e Silvana Cassia Hoeller) do projeto de pesquisa intitulado (EDUCAÇÃO INCLUSIVA E MEIO AMBIENTE - CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO SUSTENTÁVEL, PLANETÁRIA E HUMANIZADORA) a realizar fotos do meu filho que se façam necessárias, ressaltando que ele se encontra regularmente matriculado no estabelecimento de ensino Escola Municipal Em Tempo Integral Nascimento Júnior.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Paranaguá- PR, ____ de _____ de 2023.

Participante da pesquisa

Pesquisador responsável pelo projeto

Impressão do dedo polegar caso não saiba assinar.

